UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MESTRADO EM HISTÓRIA

SIDNEY BARATA DE AGUIAR

ARIGÓS, JABÁ E O CASO DA CARNE VERDE: VIVÊNCIAS POPULARES NA CIDADE DE MANAUS (1939 – 1949)

ORIENTADOR:Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira

Manaus

2012

SIDNEY BARATA DE AGUIAR

ARIGÓS, JABÁ E O CASO DA CARNE VERDE: VIVÊNCIAS POPULARES NA CIDADE DE MANAUS (1939 – 1949)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

ORIENTADOR:Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira

Manaus

2012

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Aguiar, Sidney Barata de

A282a Arigós, jabá e o caso da carne verde: vivências populares na cidade de Manaus (1939 – 1949) / Sidney Barata de Aguiar. - Manaus: UFAM, 2012.

105 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Amazonas, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira

1. História do Amazonas 2. Batalha da Borracha – Manaus (Am) 3. Práticas sociais – Manaus (Am) I. Silveira, Marcos César Borges da (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 981.13:304.4(043.3)

SIDNEY BARATA DE AGUIAR

ARIGÓS, JABÁ E O CASO DA CARNE VERDE: VIVÊNCIAS POPULARES NA CIDADE DE MANAUS (1939 – 1949)

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira
(UFAM – Presidente)

.....
Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra
(UFPEL – Membro Externo)

.....
Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
(UFAM – Membro)

.....
Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior
(UFAM – Suplente)

DEDICATÓRIAS

Ao meu genitor, Irmão e grande Mestre Raimundo Nonato Rodrigues de Aguiar por todos os seus ensinamentos, ainda que deseje profundamente, não consigo colocar no papel toda a gratidão que devo a este homem de princípios e coragem.

A minha eterna mãe, Zuleide Barata de Aguiar, minha joia rara do Amazonas.

Aos meus irmãos Sidcley Barata de Aguiar e Roseane Cavalcante de Aguiar.

Ao meu cunhado, sempre presente, João Cavalcante.

A minha esposa Ainda Nascimento, por todo apoio nos momentos em que quase desisti deste sonho. Mãe da Isadora Agnes e do Tales Ícaro, minhas mitologias e filosofias, meus filhos amados.

A toda minha família, dos mais próximos até os mais distantes.

As minhas avós Odete Aguiar e Alice dos Santos que estão descansando em paz.

Ao meu primo Sérgio Brasil que foi levado pelas águas do Rio Amazonas.

AGRADECIMENTOS

O trabalho do pesquisador é árduo, exaustivo e indispensável para a sociedade brasileira. Principalmente, quando pisamos no terreno íngreme da História do Estado do Amazonas. Muitas vezes, transmitimos a ideia de uma labuta artesanal e solitária, construída por um único par de mãos, ledo engano. Pois, no momento de lembrar as dificuldades enfrentadas e reconhecer a satisfação de ter cumprido mais uma etapa na trajetória acadêmica, é que observamos que nenhuma pesquisa é feita só e sem contribuições diretas e indiretas.

Este momento é o de privilegiar e homenagear aqueles que caminharam ao meu lado nesta jornada pelo mundo da pesquisa, leitura e análise das fontes históricas.

Quero registrar meus agradecimentos fraternos ao meu orientador professor Marcos César Borges da Silveira que aceitou o desafio deste projeto. Principalmente quando havia muita dúvida sobre a minha capacidade de construir e realizar com sucesso esta dissertação. Obrigado pela confiança depositada.

Ao professor Gedeão Timóteo Amorim, na época responsável pela pasta da Secretaria Estadual de Educação e Qualidade de Ensino (SEDUC) pelo apoio incomensurável.

Aos professores Francisco Jorge dos Santos, Patrícia Melo Sampaio, Eloína Monteiro dos Santos, Kátia Cilene do Couto, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, Maria Luiza Ugarte Pinheiro, Almir Diniz de Carvalho Júnior, Hideraldo Lima da Costa do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas pelos incentivos verdadeiros e amigos nas horas de incertezas acadêmicas.

Ao professor Célio Costa Rodrigues pela importante contribuição dos clássicos da Filosofia.

Ao professor Sandro Baçal pelas lições de experiência política e de como fazer verdadeira ciência em nosso país.

As funcionárias e funcionários da Biblioteca Municipal Francisco Meirelles em Porto Velho no Estado de Rondônia. Apesar dos problemas encontrados nestes lugares, os trabalhadores e trabalhadores se esmeram em atender a comunidade local e visitantes com um mínimo de qualidade.

Aos funcionários e funcionárias da Biblioteca Estadual de Rondônia que está localizada no deteriorado Prédio do Relógio, que um dia serviu de sede para a administração da Estrada Madeira-Mamoré e necessita de cuidados urgentes. Na minha pesquisa fui muito

bem tratado por estes profissionais e, portanto, quero deixar registrado em público o valoroso e valente trabalho destes.

Ao Nonato Braga, funcionário do arquivo do Centro Cultural dos Povos da Amazônia. Nossa relação tornou-se de amizade, principalmente estreitada pelo gosto e apreço pela poesia amazonense.

Ao meu grande historiador e pesquisador Jorgemar Monteiro, responsável pelo Acervo do Memorial e Biblioteca Senador Bernardo Cabral mantida pela Fundação Rede Amazônica de Comunicação em Manaus.

Ao professor TennerInauhiny de Abreu pelos incontáveis e produtivos debates que muito contribuíram para as estradas que segui durante os dois anos e meio do mestrado em História.

Aos professores Marcus Libório, Manuel Paixão, Adenilton Lima, César Maciel, Renier Pacheco e Edno Lopes Filho pelo apoio incansável.

Ao professor Mauricélio José Côrrea Campos que em mais de uma década de amizade nunca deixou de sustentar nosso companheirismo.

Meu eterno apreço e paixão pelas professoras Isis Tavares Neves, Ana Cristina Rodrigues e Vanessa Antunes, Alba Barbosa Pessoa companheiras de muitas lutas e vitórias.

Ao professor Luíz do Rosário por sua capacidade incrível de contador de histórias e companheiro inseparável na eterna torcida pelo Nacional Fast Clube nos campos de futebol.

Ao professor Marcílio Colares pelos debates filosóficos durante as noites de boemia.

Ao professor e maravilhoso escritor das mais intrigantes crônicas e contos sobre nossa cidade, meu primo Ivo de Aguiar.

Ao professor Rosivaldo Moraes colega de sala de aula na Escola Municipal Cleonice Menezes Fernandes na zona leste de Manaus.

Ao professor Sebastião Rocha que de lá do Alto Solimões torce pelo meu sucesso.

Aos professores Davi Avelino Leal, Fabrício dos Santos Vieira e Luciano Ewerton que foram muito importantes pela amizade indissolúvel e na indicação de valiosa bibliografia sobre o tema pesquisado.

Aos meus amigos de infância Heider Sales, Heimar Sales, Márcio Freitas, Cosme dos Santos, Roberto da Silva, Fhilis André Bentes Cruz e Djalma Farias.

“Não há povo sem história ou que possa ser compreendido sem ela”

Eric Hobsbawn.

RESUMO

Este projeto aqui apresentado visa trabalhar com as vivências populares urbanas na cidade de Manaus durante a década de 1940. Cidade que sofreu grandes impactos nos campos econômico, social e cultural durante o desenrolar da II Guerra Mundial. Este período também perpassa pelo Estado Novo de Getúlio Vargas e também pela chamada “Batalha da Borracha”. Este trabalho privilegia novas perspectivas para narrar estes importantes fatos históricos, investigando sobre diversos ângulos a cidade, suas contradições e conflitos na capital do Estado do Amazonas durante e pós o conflito mundial.

Palavras-chaves: História, Batalha da Borracha, Vivências Populares Urbanas, cidade de Manaus.

ABSTRACT

This project presented here aims to work with the popular urban experiences in Manaus during the 1940s. City suffered major impacts in the economic, social and cultural development during the course of World War II. This period also permeates the New State of Getúlio Vargas and also called the “Battle of Rubber”. This work focuses on new perspectives to narrate these important historical facts about investigating various angles the city, its contradictions and conflicts in the capital of Amazonas during and after the World War.

Key-words: History, Battle of Rubber, Popular Urban Experiences, Manaus city.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Profissionais da História vem ao longo das últimas três décadas, recuperando a cidade de Manaus como um palco não só dos cabarés e das noitadas regadas a bebidas de alto valor e charutos importados da “Belle Èpoque”, mas também um espaço de profundos conflitos e contradições, que não poderiam mais ser negadas, nem colocadas no limbo do esquecimento como deseja a elite intelectual regional.

Contar versões que exaltam os grandes feitos ou as grandes personalidades, excluindo desta forma os segmentos populares que deram suor, sangue e derramaram cântaros de lágrimas para construir uma das maiores capitais do norte do Brasil, já se encontram ultrapassadas.

Os historiadores barés ou aqueles que se preocupam e procuram desmistificar tal discurso historiográfico avançaram de maneira determinante para uma crítica repleta de novas abordagens e um repensar a virada do século XIX para as primeiras décadas do século XX, no Amazonas.

Por outro lado, damos um novo enfoque neste objeto de pesquisa. Não desmerecendo a chamada História militar, que na maioria dos trabalhos enfoca as ações e as estratégias no teatro de combate ou ainda, a participação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) em solo europeu, percorremos a trilha da História Social.

O trabalho **Arigós, Jabá e o Caso da Carne Verde: Vivências populares na cidade de Manaus (1939-1949)** vai ao encontro destas novas abordagens e reflexões.

A deflagração da Segunda Guerra Mundial (iniciada em 1939), conflito este que modificou radicalmente o contexto socioeconômico e geopolítico em todo o globo e a capital do Estado do Amazonas não deixou de sentir tais reflexos.

Durante a década de 1940 a cidade de Manaus passou por enormes transformações, época em que a "Batalha da Borracha" atraiu uma massa de imigrantes para a região, provocando problemas de adaptação que, muitas vezes levavam à

ocorrência de estratégias de sobrevivência em pleno período de mudanças significativas neste contexto mundial.

A compreensão dos impactos da chamada "Batalha da Borracha" e do "Esforço de guerra" por que passou a sociedade amazonense no período da II Grande Guerra nos permite analisar o processo de marginalização, exclusão e as estratégias de controle social durante o Estado Novo no Amazonas. A percepção do contexto social e a identificação dos grupos e categorias sociais que formavam os segmentos marginalizados (a margem) na cidade de Manaus passaram a ser o cerne de nossa pesquisa.

Procuramos escavar dos subterrâneos da nossa História não tão distante, uma gama de tensões, conflitos sociais, estratégias de sobrevivência, contrastes que tingiram de cores opacas a vida de homens e mulheres que testemunharam as transformações relacionadas a uma economia de exportação de goma elástica em pleno conflito bélico mundial e também depois do seu cessar fogo nas terras europeias e nas águas do oceano Pacífico.

Manaus atravessava um período muito difícil que vinha se arrastando desde o enfraquecimento da economia local com a perda da hegemonia de detenção do látex da borracha. Uma economia que bancou um "fausto" alicerçado na riqueza oriunda dos seringais. O luxo garantido e financiado pelos dólares americanos e pelas libras esterlinas inglesas deixou marcas profundas e visíveis na arquitetura do centro de Manaus, mas a maior marca está na memória coletiva do povo amazonense.

Para a professora Maria Luiza Ugarte Pinheiro, as pesquisas recentes "acompanham outras trajetórias ainda pouco exploradas na escrita da História Amazonense e da cidade de Manaus". Segundo a autora estes novos esforços procuram "iluminar experiências sociais concretas, do amplo e diversificado contingente de trabalhadores e pobres urbanos que se formou desde o fim do império".[1]

Edney Azancoth em suas reminiscências sentencia que os habitantes da cidade de Manaus nos anos quarenta e cinquenta do século XX, aprenderam a conviver com a

[1] **Vivências Urbanas: O Cotidiano de Trabalhadores na Contramão dos Processos de Modernização em Manaus. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos**, v. 1, n° 2 – Dezembro de 2011, p. 09.

solidão e a melancolia. Para o autor os manauaras não passavam de “homens-morcegos perdidos na escuridão”. [2]

Em relação à cidade de Manaus, em meados dos anos 1940, do século passado, Manaus era um modesto aglomerado urbano, de pouco mais de 100 mil habitantes, com todas as características de uma típica capital de província.[3]

No contexto diplomático, tal refrega bélica de proporções incríveis modificou as relações internacionais e estreitou a distância entre o Brasil e os Estados Unidos da América. Mantendo uma relação de "boa vizinhança" entre as duas nações.

Esta contenda internacional, iniciada na Europa, aqueceria novamente a comercialização e as exportações da borracha em terras amazônicas. Essa vinculação deveu-se, ao fato da grande indústria, principalmente americana e inglesa necessitar repor seus estoques de borracha, uma das matérias-primas consideradas estratégicas para a manutenção da guerra contra o III Reich.

A leitura de jornais, leis, decretos e códigos de posturas da municipalidade, imagens, fotos, charges foram confrontadas com as referências bibliográficas sobre as estruturas sociais vigentes no Amazonas nas décadas de 1940 deram o norte ao problema de pesquisa suscitado: as vivências populares no contexto da Segunda Guerra Mundial e seus impactos sobre a sociedade amazonense.

Um grande obstáculo que nos foi colocado pelo desenvolvimento da pesquisa histórica, dizia respeito, a cerca da escassez das fontes bibliográficas, para uma sustentação mais sólida teórico-metodológica do tema proposto.

Por este motivo e na intenção de subsidiar esta investigação, utilizamos, portanto, além das fontes primárias já citadas, os registros dos escritores memorialistas. Entendendo, que estes na sua maioria e viveram, presenciaram tais momentos. Sempre com o cuidado e entendendo que a memória é um mecanismo de seletividade destes acontecimentos que foram vividos e por isso, passíveis de tendências de um lado para o outro da abordagem aqui prevista.[4]

Também foi necessário o árduo trabalho de catalogar fontes hemerográficas do período estudado, dando maior destaque aos periódicos *A Tarde, Diário da Tarde, O*

---

[2] **Os anos em que vivemos na escuridão**. In Marinho, José Joaquim Marinho Marques [Org.] **Manaus, meu sonho**./ Organização; José Joaquim Marques Marinho. – Manaus; Editora Valer, Prefeitura de Manaus, ManausCult, 2010. p. 86-95.

[3] (Péres, 23)

[4] AGUIAR, José Vicente de Souza. Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60./ José Vicente de Souza Aguiar. - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002. p.21.

Jornal e o *Jornal do Commercio*, por conta destes jornais apresentarem problemas a respeito das camadas populares da sociedade amazonense em suas páginas.

Neste período na cidade de Manaus existiam quatro jornais. *O Jornal* e *o Jornal do Commercio* estavam nas ruas durante o turno matutino. *A Tarde* e o *Jornal da Tarde* chegavam às mãos dos leitores no espaço de tempo vespertino. O jornal *A Gazeta* só surge no ano de 1949 e infelizmente não o utilizamos.

O vespertino *A Tarde* nos forneceu grande quantidade de informações que balizaram nosso primeiro contato com as fontes de pesquisa. A utilização de uma década de edições deste periódico se explica pelo fato de sua constância (tratava-se de um jornal diário) neste período e pela preservação destas edições.

Quanto ao recorte cronológico escolhido, optamos por um período de obscurantismo na cidade de Manaus na medida em que as obras de história regional não nos deixou um conjunto significativo de informações sobre a década de 1940. Aqui optamos por iniciar nossa discussão no ano de 1939 – primeiro ano de conflagração do conflito armado mundial – até o ano de 1949. Escolhemos esta datação, pois a partir da década seguinte, outros projetos de caráter federal para a região são colocados em prática.[5]

A dissertação aqui apresentada esta dividida nesta forma:

O capítulo I – O Pacífico deságua na Amazônia, relata a política expansionista do Japão. O ataque das hordas japonesas contra a marinha americana e como esta tomada de posição traz a Amazônia brasileira ao cenário da economia mundial com a extração borracha natural. A partir deste momento são assinados os "*Acordos de Washington"* dentro do chamado *"Esforço de guerra"*.

Capítulo II – A trágica saga dos "Soldados da Borracha" está dividido em dois tópicos. O primeiro **Arigós e mais borracha para a vitória!** discute o projeto de Getúlio Vargas para a Amazônia, expresso através de seu Discurso do Rio Amazonas e o papel do DIP (Departamento de Imprensa e propaganda) no recrutamento dos sertanejos para trabalharem nos seringais do vale amazônico. O segundo tópico *O amargo adeus às armas* traz a discussão do número de nordestinos para a região da Amazônia empurrados pelo flagelo das terras calcinantes. Como funcionava o esquema de transporte e hospedagem desta mão de obra e por que o projeto de reerguimento da

[5] Estamos nos referindo ao Plano de Valorização Econômico da Amazônia, que vigorou a partir de 1953.

economia amazonense não apresentou o sucesso esperado por brasileiros e norte-americanos.

O capítulo III – Vivências Populares na Cidade de Manaus também está subdividido em dois tópicos. No tópico **Jabá e o Caso da Carne Verde** tratamos da falta de víveres e a carestia dos alimentos (carne bovina, de pescado e de outros gêneros alimentícios) no Mercado Público e também de gêneros alimentícios na capital do Estado do Amazonas e de forma e principalmente nos bairros distantes do centro e de forma isto afetou a vida dos manauaras. No tópico **Black-out e a Luftwaffe nazista** trazemos à luz da discussão as principais preocupações no período da II Guerra Mundial, a prática do black-out como estratégia de defesa contra ataques aéreos nazistas na região. A criação de organizações civis que combateram o III Reich e ilustramos com charges a campanha contra a ideologia e os povos germanófilos enfileirados pelo nazismo.

No último **capítulo IV - Nas margens de outra cidade** apresentamos o tópico **Ruas ocupadas pelos "soldados de Lázaro"**. Onde discutiremos a falta de moradias, a falta de água nas torneiras, a política de policiamento e principalmente a mendicância e a presença de pedintes nas ruas que tanto incomodam as camadas mais abastadas de Manaus. Demonstrando uma cidade que não conseguiu esconder seus antagonismos.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Preços das carnes bovina e suína 60

Tabela 02: Preços das aves 61

Tabela 03: Preços do pescado 61

Tabela 04: Preços das refeições populares ou “pratos de guerra” 69

LISTA DE FOTOS

Foto 01: Notícia sobre a “Batalha da Borracha” 33

Foto 02: Cartaz da propaganda do SEMTA 35

Foto 03: Em cartaz no Cinema Avenida 38

Foto 04: Cartaz desenhado por Chabloz 40

Foto 05: Identidade de embarque e colocação de seringueiros (Frente) 44

Foto 06: Identidade de embarque e colocação de seringueiros (Verso) 44

Foto 07: Getúlio Vargas e o Interventor Álvaro Maia desfilando no carro oficial em direção ao Palácio Rio Negro em 1940 45

Foto 08: Notícias sobre a alta dos preços em Manaus 55

Foto 09: Notícias sobre a procura de alimentos 56

Foto 10: Campanha de defesa antiaérea sobre o Black-out 73

Foto 11: Precauções a serem seguidas em caso de alerta de ataque aéreo 74

Foto 12: Precauções a serem tomadas em ataque durante o dia 75

Foto 13: Alerta contra ataque químico 73

Foto 14: Treinamento militar 77

Foto 15: Notícias sobre o Black-out em Manaus 78

Foto 16: Campanha contraespionagem do DIP 80

Foto 17: Charge do Alto Comando de Hitler temendo Winston Churchill 83

Foto 18: O rastro de morte nazista 84

Foto 19: Mostrando Mussolini e Hitler desempregados 85

Foto 20: Goebbels e Hitler “batem em retirada” 86

SUMÁRIO

Dedicatórias 05

Agradecimentos 06

Resumo 09

Abstract 10

Considerações iniciais 11

Lista de tabelas 16

Lista de fotos 17

Capítulo I: O Pacífico deságua na Amazônia 21

Capítulo II: A trágica saga dos Soldados da Borracha 28

2.1 Arigós e Mais Borracha para a Vitória! 28

2.2 O amargo adeus às armas 40

Capítulo III: Vivências populares na cidade de Manaus 52

3.1 Jabá e o Caso da Carne Verde 52

3.2 Black-out e a Luftwaffe nazista 70

Capítulo IV: Nas margens de outra cidade **88**

Considerações finais **95**

Referências bibliográficas **98**

Fontes **104**

CAPÍTULO I

O PACÍFICO DESÁGUA NA AMAZÔNIA

Os japoneses pretendiam montar uma nova ordem econômica e política na Ásia Oriental e para isto nada mais estratégico do que dominar as águas oceânicas do Extremo Oriente e do Pacífico Ocidental.[6]

Com este intento e para tal empreitada, o golpe devastador e quase mortal sobre a base naval norte-americana de Pearl Harbor foi determinante no II Conflito Mundial então em curso.

Sob as ordens do Almirante Isoroku Yamamoto e com uma vantagem baseada na surpresa o bombardeio foi maciço.[7] Os caças *zero* da aviação nipônica, poderosos porta-aviões, submarinos e encouraçados dispararam toneladas de munição sobre a desavisada e sonolenta frota americana ancorada no arquipélago do Havaí durante uma manhã de domingo.

No dia 07 de dezembro de 1941, a Marinha Imperial japonesa contemplou as colunas de fumaça e as labaredas consumirem as gigantes armas de guerra americanas, destroçadas e sendo tragadas pelas águas manchadas de óleo e sangue.

---

[6] FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX** / Marc Ferro; tradução Rosa Freire d'Aguiar. - São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 129.
[7] MONTEIRO, Jorgemar. **O Amazonas na 2° Guerra: as notícias e a participação do Norte do Brasil** / Jorgemar Monteiro e Ênio Favacho. Bauru, SP: Canal6, 2011. p. 69.

A partir deste acontecimento crucial do maior conflito bélico das nações do século XX, o Japão desencadearia um processo que passava das ações diplomáticas até aquele momento para a via beligerante.

O "Império do Sol Nascente" investindo sobre o governo nacionalista da China com o discurso de criar um novo reino e evitar a dominação ocidental e assinando em setembro de 1940 um acordo tripartite com a Alemanha e a Itália iniciou um processo de deterioração das relações diplomáticas com os Estados Unidos. Como sanções econômicas e políticas diretas que se iniciaram pela proibição de venda de suprimentos de petróleo e com a ajuda americana para o soerguimento da economia chinesa.

A máquina militar japonesa já instalada na China estendeu seus tentáculos em direção da Malásia sobre o controle inglês, além das Índias Orientais holandesas e da Indochina francesa. Dominar as Filipinas e a ilha de Guam também era imprescindível para as comunicações militares entre as tropas e reforçar a intenção expansionista japonesa.

Tais fatos foram mudando radicalmente a opinião de Franklin Delano Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos da América, que até aquele momento, vinha defendendo uma política de neutralidade e não intervenção contra o processo de hostilidades que se desenrolava na Europa.

Segundo Hobsbawm, o embargo econômico americano e o congelamento de bens obrigaram os japoneses a "passar à ação", pois dependiam quase que totalmente de importações feitas através do oceano Pacífico. Para o historiador, o ataque à Pearl Harbor tornaria a guerra realmente mundial.[8]

O Japão tomara posse e controle do Sudeste Asiático. Mais uma peça que seria mexida no tabuleiro de xadrez da II Grande Guerra e esta tomada de posição estratégica colaborou com o ressurgimento ou reaquecimento da borracha na economia do Estado do Amazonas.

Já no início da década de 1940, os chamados países aliados (Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos da América) viam o esforço de guerra consumir significativamente, até um ponto alarmante, a diminuição de seus estoques de matérias-primas.

As ambições imperiais de Tóquio iniciam um processo de estrangulamento econômico e energético impulsionado pela conquista desta região estratégica e pelo

[8] HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991** / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 48.

bloqueio ao acesso aos produtores asiáticos da goma elástica. As forças japonesas controlavam mais de 90% das áreas produtoras de borracha no Pacífico[9], além das plantações de arroz e zonas de mineração de estanho.

Os países aliados enfrentariam um difícil problema, pois necessitavam de enormes quantidades de látex da *Hevea brasiliensis* para a produção da indústria bélica e principalmente para a indústria manufatureira de pneumáticos e câmaras de ar para automóveis.[10]

O presidente Roosevelt alarmado com a situação de uma possível falta da goma elástica nomeou imediatamente um grupo para estudar e encontrar soluções em curto prazo.

Tal missão ficou conhecida como Comissão Baruch. Este comitê tinha à frente os senadores americanos Bernard M. Baruch, James B. Conant e Karl T. Compton. Além de propor um administrador nacional, que cujos poderes o tornariam um verdadeiro "Czar da Borracha"[11], também apontava para a criação de fábricas para a produção de borracha sintética e seus respectivos problemas de qualidade, usando como referência a Rússia que há dez anos antes já despontava neste quesito. A invasão alemã à "República Soviet" teria prejudicado a produção russa.

Alertavam para a escolha que deveria ser tomada entre a falta de conforto da sociedade americana ou a derrota no "front" da guerra. Para tanto, era necessário limitar o máximo de velocidade dos carros de passageiros, caminhões, permissão de uso de borracha recauchutada e um amplo racionamento de gasolina.

A *Comissão Baruch*, ressaltava que tais "fátos nus"[12] serviam de alerta. Estas medidas corretivas precisavam ser implementadas urgentemente ou os Estados Unidos da América poderiam enfrentar um "colapso militar e civil".[13] No intento de por em prática esta saída foram celebrados os chamados "Acordos de Washington".

Desta forma, os olhares do governo estadunidense voltaram-se, de imediato para a região amazônica, portadora de uma incontável reserva natural de seringueiras.

---

[9] NETO, José Maria Bezerra. **A economia da borracha e o esforço de guerra: Os Soldados da Borracha na Amazônia**, in. Pontos de História da Amazônia, volume II, 2º edição ampliada, - Belém: Paka-Tatu, 2000.
[10] MENDES, Amando. **A borracha no Brasil**. São Paulo, dezembro de 1942.
[11] MENDES, Amando. Op., Cit. p. 180.
[12] Optamos por manter a forma escrita do autor e principalmente dos periódicos analisados. Todas as palavras e expressões estarão entre aspas e garantidas nas citações diretas e indiretas.
[13] MENDES, Amando. Op., Cit. p. 180.

Este pacto capitaneado pela *Missão Souza Costa*[14], denominado assim, em homenagem ao Ministro das Finanças do Governo, subordinado ao presidente Getúlio Dorneles Vargas[15], tinha como um dos principais eixos a ativação da produção da borracha amazônica.

Os "Acordos de Washington" também selavam preços atraentes pela aquisição da goma elástica, bonificações por cada cinco mil toneladas e, claro, exclusividade dos americanos na compra da borracha por cinco anos.[16]

Infelizmente, as fontes bibliográficas sobre este período no Estado do Amazonas são escassas. São raras as obras e escritores que enveredaram em um todo ou em partes significativas – muitas vezes pontuais -, na tentativa de abordar os fenômenos e choques da "batalha da borracha".[17]

Tal episódio e seus desdobramentos refletiram direta ou indiretamente em antagonismos na sociedade da época, tornando-se, portanto, uma discussão indispensável para nosso trabalho.[18]

Para uma melhor compreensão sobre o impacto deste capítulo da história no Estado, recorremos ao estudo de Luiz de Miranda Corrêa, *A Borracha do Amazonas e a*

---

[14] A criação desta comissão é explicada por que neste mesmo período existe a possibilidade de os norte-americanos buscarem a goma elástica vegetal em países vizinhos como a Colômbia, Equador e Bolívia que também produziam a matéria-prima.

[15] Em 1927 assume a presidência do Brasil, o paulista Washington Luís e quatro anos depois não apresenta para a sua sucessão no Palácio Catete (Rio de Janeiro, então capital do país), Antônio Carlos, político das Minas Gerais. Washington Luís indica o seu conterrâneo Júlio Prestes. Desta forma rompe com o tradicional modelo de sucessão presidencial que vinha se mantendo entre os governadores de São Paulo e Minas Gerais, conhecida como *"política do café-com-leite"*. Não resolvido o imbróglio político, Antônio Marcos procura uma aproximação com a oligarquia gaúcha. Em 1929, cria-se a Aliança Liberal, composta por oligarcas do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraíba, lideranças do Movimento dos Tenentes e pelo Partido Democrático (dissidência do Partido Republicano Paulista). Esta Aliança Liberal apoia para presidente do país, o gaúcho Getúlio Vargas. Nas eleições de 1930, Júlio Prestes consegue se eleger. Parte da Aliança Liberal não aceita o resultado do sufrágio e no dia 24 de outubro depõe Washington Luís ocasionando o fim da *"República Velha"* e a chegada de Vargas ao poder central. Verificar em MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e Sociedade: Consolidação da República Oligárquica**. In História Geral do Brasil. Linhares, Maria Yeda (org.). 9º ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 316-326.

[16] MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta. As rotas dos Soldados da Borracha.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002, p. 68-69.

[17] Segundo Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro referindo-se ao período da *"grande crise"* no período de 1920- 1940 há uma lacuna historiográfica, pois *"para este período não há uma única memória histórica no Amazonas que retrate e/ou analise a atuação dos trabalhadores e suas vivências. Tampouco existem estudos sobre o Amazonas ao longo do período da administração de Getúlio Vargas"* (p. 27). Verificar em PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)**. In: CANOA DO TEMPO: Revista do Programa da Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, n° 1, (2007). – Manaus: EDUA, 2007.

[18] Sobre tal temática podemos citar como exemplos, os estudiosos Charles Wagley (1988), Leandro Tocantins (1982), Márcio Souza (1997), Aristófanes Castro (2001), Carlos Mendonça (2002), Cosme Ferreira Filho (1965), José Aldemir de Oliveira (2003) dentre outros.

Segunda Guerra Mundial.[19] O livro mostra como esta contenda internacional, iniciada na Europa, aqueceria novamente a comercialização e as exportações da borracha em terras amazônicas. Esta vinculação deveu-se ao fato da grande indústria, principalmente americana e aliada, necessitar repor seus estoques da goma elástica, uma das matérias-primas, consideradas estratégicas para a manutenção do enfrentamento armado as forças do Terceiro Reich.

Uma primeira observação de Corrêa diz respeito à montagem de uma infraestrutura com diversas empresas brasileiras, estadunidenses ou mistas, todas dedicadas a responder ao chamado "esforço de guerra" estabelecido para suprir a demanda de borracha por parte dos países aliados. Para tanto, algumas empresas/instituições empreenderam o "alistamento" de centenas de nordestinos, frequentemente oriundos de regiões castigadas pelo fenômeno das secas. Neste período, o governo brasileiro criou um verdadeiro aparato logístico-institucional.

Adélia Engrácia de Oliveira também relata o aparato institucional desenvolvido que também visava à povoação da Amazônia e a labuta da exploração da borracha. Assim foi criado o:

> *Banco de Crédito da Borracha, criado em agosto de 1942, assumia o lugar que antes era das casas aviadoras e exportadoras. Quando de sua instalação, o capital americano correspondia a 40% do total;*
> *Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) mantido pela Fundação Rockfeller com o objetivo de dar assistência médica e saneamento básico;*
> *Rubber Reserve Company, agência norte-americana conhecida no Brasil como RDC, cujo objetivo foi implementar a batalha da borracha e pra tanto criou a estrutura de transporte de suprimentos e de passageiros, construiu o aeroporto de Ponta Pelada em Manaus, ampliou o aeroporto de Belém e finalmente incorporou a Amazon River Steam Navigation que passou a constituir a frota da SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Porto do Pará);*
> *Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e Comissão Administrativa de Encaminhamento para a Amazônia, com a finalidade de recrutar e distribuir trabalhadores para os seringais;*
> *Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), relacionado ao abastecimento de gêneros alimentícios e ao racionamento no período da guerra em decorrência do bloqueio marítimo;*
> *Comissão Brasileiro-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios, cujo objetivo era incrementar a produção de alimentos*

[19] CORRÊA, Luiz de Miranda. **A Borracha do Amazonas e a Segunda Guerra Mundial**. Manaus. Edições Governo do Estado, 1965.

> *numa extensa área do território brasileiro visando abastecer as populações mais próximas em decorrência da falta de combustíveis.*[20]

A seca de 1941-1942 também colaborou para empurrar centenas de flagelados para as capitais nordestinas, principalmente para a cidade de Fortaleza no Ceará, criando uma situação propícia para a possibilidade de mudança de Estado em busca de melhorias de vida.

Francisco Pereira Costa ressalta que estas são as duas grandes causas da migração nordestina em direção da hinterlândia amazônica. Para o historiador, "uma de ordem ecológica-natural e outra de ordem política-econômica".[21]

O DNI (Departamento Nacional de Imigração) com muito esforço e sem muita organização conseguiu enviar cerca de 15 mil homens para os seringais durante o ano de 1942. O transporte destes sertanejos pelos rios e a falta de alojamentos mostraram-se deficitários e foram barreiras quase intransponíveis.

No caso específico do "recrutamento" de mão de obra nordestina para os seringais da Amazônia era responsabilidade do SEMTA (Serviço Especial Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), que posteriormente teve a nomenclatura modificada para Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), ligado diretamente ao DNI (Departamento Nacional de Imigração), que possuía o controle e a política de recrutamento, distribuição, hospedagem, alimentação e os meios de transportes da massa migrante em trânsito.

Erigiu-se a SAVA (Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico) que estava encarregada pela promoção do abastecimento de gêneros alimentícios de primeira necessidade para todos os seringais e organizar o racionamento destes em consequência do bloqueio marítimo.[22]

Samuel Benchimol, ainda como estudante de Direito, testemunhou a chegada dos imigrantes aos seringais por conta dos acordos internacionais e em decorrência do

---

[20] OLIVEIRA Apud OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 55.

[21] COSTA, Francisco Pereira. **A Amazônia vai virar mar e o mar vai virar sertão: A saga dos migrantes nordestinos na Segunda Guerra Mundial na visão de Carlos Mendonça**. In Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n° 2 – dezembro de 2011, p. 193.

[22] MATIAS, Francisco. **Pioneiros: ocupação humana e trajetória política de Rondônia**. Francisco Matias. Gráfica e Editora Maia Ltda. Porto Velho, 1997. p. 85.

que se convencionou chamar de “batalha da borracha” e que iria modificar a realidade amazônica. Segundo o autor:

> *À chegada de numerosas levas de imigrantes nordestinos que ali aportavam diariamente, atraídos pelo fragor publicitário da famosa* ***Batalha da Borracha****, em decorrência dos* ***Acordos de Washington****, assinados logo após a invasão japonesa dos seringais da Malásia.*[23]

É este episódio da *“batalha da produção”*, ainda pouco lembrado em nossa historiografia, que pretendemos recuperar. Os impactos e as consequências da política voltada para a Amazônia e a chegada dos nordestinos ao Porto de Manaus que irão transformar, de maneira significante, o cenário político, social e cultural da região.

[23] BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1982. p. 07. Grifos do Autor.

CAPÍTUO II
A TRÁGICA SAGA DOS *"SOLDADOS DA BORRACHA"*

2.1 *ARIGÓS* E MAIS BORRACHA PARA A VITÓRIA!

Seringueiro! Um quilo de borracha é o pedaço de um avião de bombardeio![24]

Com a instalação do Estado Novo[25], a Amazônia volta a ser uma das pautas principais de discussão, origem de debates importantes de possíveis soluções para, especialmente, a problemática do seu vazio demográfico e por isto, "caberia ao Governo Central intervir para acabar com a crise e tirar a região do atraso".[26]

Para Francisco Pereira Costa, o vazio demográfico que se apresentava como problema sempre foi tratado tanto pelo Estado, quanto pelos discursos abertos das elites que formaram o Estado Nacional como problema cujas raízes estavam na "dicotomia litoral/sertão como instrumento de secessão entre uma sociedade letrada e não letrada;

[24] A TARDE, 05 de abril de 1943, segunda-feira, n° 1.862, ano VII.

[25] Na noite de 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas anunciava pelas ondas do rádio a instalação no Brasil de um Estado Novo com os moldes ditatoriais. Para tanto, alegou a descoberta de uma conspiração comunista chamada Plano Cohen e teve apoio de grande parcela das Forças Armadas que temiam a ameaça bolchevista brasileira. Para mais informações conferir em Rose, R.S. **Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e o controle social no Brasil (1930-1954)** / R. S. Rose; tradução Ana de Olga de Barros Barreto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[26] OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora Universidade do Amazonas, 2003. p. 52.

ricos e pobres; cultos e incultos, constituindo-se esses discursos em torno dessa dicotomia num saber/poder".[27]

Segundo Maria Verônica Secreto, tudo mudaria com a política voltada para a região amazônica e tão decantada por Getúlio Vargas ainda no início da década de 1940. Projeto este que visava frear a migração para as capitais litorâneas e do sudeste brasileiro e direcioná-la para a planície amazônica e centro-oeste. Por isto:

> *(...) em outro pronunciamento, que ficaria conhecido como 'Discurso do rio Amazonas' (Vargas, 1938-1947), Vargas disse aos amazonenses reunidos no Ideal Club daquela cidade que, sem demora, eles seriam incorporados ao corpo da nação, sendo necessário adensar o povoamento, incrementar o rendimento agrícola, aparelhar os transportes. Até o momento, segundo Vargas, o caluniado clima amazônico tinha impedido que partissem contingentes humanos de outras regiões com excesso demográfico. Somente o nordestino, com o seu "instinto de pioneiro", teria se embrenhado pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre.* [28]

Novamente os nordestinos singrariam os rios da Amazônia para o trabalho nos seringais. Agora em nome de um "esforço de guerra" incentivado pelo poder público federal e assentado em uma "migração planificada". Esta política de povoamento de famílias para terras amazônicas "foi substituída pela de recrutamento de trabalhadores sós, a ser trasladados em caráter de urgência para os seringais".[29]

Todo esse processo de mobilização de mão-de-obra sertaneja teve duas frentes. Uma de dimensão nacional e outra local:

> *Na dimensão nacional, a batalha pela borracha se encaixava no programa de ocupação e colonização dos "espaços vazios" e nos esforços de guerra do Brasil. Na esfera local, a emigração de nordestinos para a Amazônia era uma questão que contava com uma longa tradição e alguns debates. Um dos destinos mais procurados pelos nordestinos nas conjunturas de seca, e não apenas nelas, era o Norte, especialmente os estados do Pará e do Amazonas. A propaganda para recrutar trabalhadores explorou alguns elementos*

---

[27] COSTA, Francisco Pereira. Op. Cit., p. 193.
[28] SECRETO, Maria Verônica. **A ocupação dos "espaços vazios" no governo Vargas: do "Discurso do rio Amazonas" à saga dos soldados da borracha**. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007. p. 140.
[29] SECRETO, Maria Verônica. Op. Cit., p. 25.

> *do imaginário, dos desejos e das emoções, por meio de símbolos e de um discurso direto e apelativo.*[30]

No *Discurso do rio Amazonas*, proferido na data de 10 de outubro de 1940, o "Chefe Supremo" da nação não poupou promessas e retórica para colocar em prática o plano "definitivo" de reerguimento econômico do Vale do Amazonas, principal fornecedor da borracha, produto estratégico e de primeira ordem.

> *Vim para ver e observar, de perto, as condições de realização do plano de reerguimento da Amazônia. Todo o Brasil tem os olhos voltados para o norte, com o desejo patriótico de auxiliar o surto do seu desenvolvimento. E não somente os brasileiros; também estrangeiros, técnicos e homens de negócio, virão colaborar nessa obra, aplicando-lhe a sua experiência e o seus capitais, com o objetivo de aumentar o comércio e as indústrias e não, como acontecia antes, visando formar latifúndios e absorver a posse da terra, que legitimamente pertence ao caboclo brasileiro (...) Até agora, o clima caluniado impediu que de outras regiões com excesso demográfico viessem os contingentes humanos de que carece a Amazônia. Vulgarizou-se a noção, hoje desautorizada, de que as terras equatoriais são impróprias à civilização. Os fatos e as conquistas da técnica provam o contrário e mostram, com o nosso próprio exemplo, como é possível, às margens do grande rio, implantar uma civilização única e peculiar de elementos vitais e apta a crescer e prosperar.*[31]

Com os primeiros estampidos das armas sendo deflagrados na Segunda Guerra, Getúlio Vargas adotou uma posição de neutralidade. Procurava obter vantagens tanto do lado dos Estados Unidos, quanto da própria Alemanha nazista e da Itália de Benito Mussolini.[32] A bordo do navio encouraçado Minas Gerais, Vargas vociferou para as organizações sociais e política de cunho de liberal, fazendo diversos elogios às nações do III Eixo. Para Gerson Moura, podemos interpretar como uma maneira ardilosa para pressionar os EUA em favor da pronta implantação da siderúrgica de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro.[33] Além das bases aéreas da cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Essa localização privilegiada no hemisfério sul facilitava as viagens para

---

[30] SECRETO, Maria Verônica. Op. Cit., p. 125.
[31] VARGAS, Getúlio. **Discurso do Rio Amazonas**, Amazônia Brasileira (Rio de Janeiro, 1944), p. 1 a 3.
[32] DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **De Getúlio a Getúlio: o Brasil de Dutra a Vargas, 1945 a 1954** / Francisco Fernando Monteoliva, José Dantas Filho. - São Paulo: atual, 1991- (História em documentos). pp. 3 e 4.
[33] Verificar em MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: A política externa brasileira de 1935 a 1942**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeira, 1980.

"diversos pontos na África Ocidental, como a Libéria, a Gâmbia britânica ou o Senegal francês, distavam, no máximo, algo em torno de 3.000 km".[34]

Corroborando com esse raciocínio, também temos em Orlando de Barros, para ele, a política exterior de Vargas:

> *(...) procurou adaptar-se às circunstâncias: tirou partido da crise proporcionada pela cisão dos centros dominantes, escolhendo parceiros opostos entre si, sem deixar de lado a aliança com os Estados Unidos. Por isso, o pragmatismo de Vargas tem sido visto às vezes como "pendular"; ele teria tirado vantagem do cenário internacional para prosseguir na industrialização e modernização do país".*[35]

Por outro lado, as agressões de Getúlio Vargas contra a corrente marxista-leninista adotada pela URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) era alvo frequente de seus ataques:

> *Alicerçado no conceito materialista da vida, o comunismo constitue-se o inimigo mais perigoso da civilização cristã. Á luz da nossa formação espiritual, só podemos concebê-lo como o aniquilamento absoluto de todas as conquistas da cultura ocidental, sob o império dos baixos apetites e das ínfimas paixões da humanidade – espécie de regresso ao primitivismo, às formas elementares da organização social, caracterizadas pelo predomínio do instinto gregário e cujos exemplos típicos são as mais antigas tribos do interior da Ásia (Do discurso do Presidente Getúlio Vargas, de 1-1-1936).*[36]

A aproximação maior dos americanos e dos brasileiros se chamou ideal pan-americanismo e a política da boa vizinhança, que "acabaram sendo instrumentos brilhantes para a consolidação de poder estadunidense sobre esta região [América Latina]".[37]

---

[34] ALVES, Vágner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado. Vágner Camilo Alves. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 92.

[35] BARROS, Orlando de. **Sinopse das Relações Externas Brasileiras**. In. História das Relações Internacionais: teoria e processos / Organizadores, Mônica Leite Lessa, Williams da Silva Gonçalves. Rio de Janeiro: EdURJ, 2007.

[36] A TARDE, 06 de dezembro de 1941, sábado, n° 1.464, ano V.

[37] ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado** / Vágner Camilo Alves. - Rio de Janeiro; Ed. PUC-Rio; São Paulo; Loyola, 2002. . 151.

A BATALHA DA BORRACHA

Importante entrevista do dr. Doria de Vasconcelos á imprensa do Ceará

Para maior garantia da navegação

Foram alteradas algumas cartas referentes a diversas zonas

A TARDE

Batalha da Borracha

ABASTECIMENTO

SIMBOLO HEROICO

Abrigos nas montanhas de Napoles

FATOS & PALPITES

Figura 01: Notícia sobra a Batalha da Borracha
Fonte: *A Tarde*, 29 de junho de 1943, terça-feira, nº 1.931, ano VII.

Os americanos tinham interesses na obtenção da borracha para abastecimento de sua economia, entretanto a guerra dificultou o acesso às áreas de produção gomífera localizadas na Ásia, acessadas pelos EUA via Oceano Pacífico. É preciso ressaltar que esta região apresentava uma considerável instabilidade política devido às disputas geopolíticas decorrentes do confronto mundial.

Um estudo do movimento migratório confeccionado pelo Departamento Estadual de Estatística sobre a entrada e saída de passageiros no período de 1941 a 1945 que balizou o estudo de Benchimol[38] sobre o número de migrantes no Estado do Amazonas e também publicado no matutino *O Jornal*.

Neste quinquênio relativo ao período da "batalha da borracha" o que nos chamou a atenção foi a probabilidade do quociente de 34.070 indivíduos que permaneceram na capital amazonense, ou seja, a média mensal de 567 pessoas e o número anual de 6.814.[39]

Torna-se evidente que a população citadina teve um aumento considerável. O estudo ainda alerta para "a angústia de habitação existente entre nós, atendendo-se ademais, que as construções não acompanharam, proporcionalmente, o acréscimo

[38] BENCHIMOL, Samuel. Op. Cit., p. 113 a 117.
[39] O JORNAL, 10 de fevereiro de 1946, domingo, n° 6.517, ano XVI.

constatado nesse movimento demográfico".[40] O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em outro estudo e utilizando "dados provisórios" estima em 1946 que apenas na região do Rio Negro onde se situa a cidade de Manaus e outros municípios encontra-se uma população de 142. 270 habitantes. Levando em conta que problemas nestes cálculos podem emergir e ciente de que estes números podem apresentar variações e imprecisões.

Os imigrantes nordestinos foram trazidos pelo fragor publicitário da "batalha da borracha" e, mais uma vez, iludidos pelas promessas institucionais. Em 1939 o Estado Varguista, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) fornecia o *Cinejornal Brasileiro* para todos os cinemas, que tinha um caráter extremamente ufanista e exaltava os feitos do governo instituído. O DIP tornou-se o principal órgão de coerção das liberdades de expressão no país.[41]

Os anos anteriores ao início da II Grande Guerra foram bastante conturbados. A ascensão do nacional-socialismo na Alemanha ganhava adeptos em vários países e o Brasil não fugiu à regra.[42]

No campo da política exterior, os norte-americanos concentraram esforços na América Latina. Por este fato foi desenvolvido um birô destinado a coordenar estratégias econômicas e de relações culturais, chefiado por Nelson Rockefeller. O *Office of Coodinator of Inter-American Affairs,* criado em 16 de agosto de 1940, esmerou-se na fixação da ideia do pan-americanismo que manifestava em programas de solidariedade do hemisfério.[43] Para:

> *O trabalho do **Birô Interamericano** no Brasil se revestia, portanto, de um aspecto vital: era necessário ganhar os corações e mentes do dos líderes políticos e militares brasileiros, sem cuja cooperação os planos estratégicos dos estados Unidos iriam por água abaixo. Mais ainda: era necessário assegurar não apenas o acesso às agências do Estado brasileiro, mas também ganhar os grupos sociais mais significativos do ponto de vista da formulação de políticas, assim como, na medida do possível, a massa da população politicamente significativa.*[44]

[40] O JORNAL, 10 de fevereiro de 1946, domingo, n° 6.517, ano XVI.
[41] Criado pelo Decreto-Lei n° 1.915, de 27 de dezembro de 1939 e extinto na data de 25 de maio de 1945, pelo Decreto-Lei n°7.582, que instituiu o Departamento Nacional de Informações ou DNI.
[42] DEL Roio, José Luiz. **O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo** / José Luiz Del Roio. – São Paulo: Global, 1987. (Cadernos de educação política. Série trabalho e capital; v. 20). p. 59.
[43] MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil; a penetração cultural americana**. Editora brasiliense, 8° edição. São Paulo, SP. p. 20.
[44] MOURA, Gerson. Op. Cit. p. 31. Grifo do autor.

Para produzir o material de divulgação da "batalha da borracha" foi contratado o artista suíço Jean Pierre Chabloz que desenhou todos os cartazes coloridos ou em preto e branco, os quais foram afixados por toda a região nordestina num pesado programa de recrutamento.

Os traços de Chabloz foram essenciais para arregimentar uma mão-de-obra analfabeta em sua grande parte. Os desenhos facilitavam a compreensão do apelo da mensagem em prol dos interesses do esforço de guerra.

Figura 02: Cartaz de propaganda do SEMTA
Fonte: Livro Mais Borracha para a Vitória. Op. Cit.

O Departamento de Imprensa e Propaganda prestava contas diretamente ao presidente Vargas com o intuito de maximizar a atuação desse órgão, foi necessário dividi-lo em seis seções. Segundo Hosenildo Gato Alves em dissertação sobre a imprensa varguista no Amazonas:

> *Cada seção dessas foi responsável pela propagação das mensagens do governo e pela censura de uma possível contrapropaganda, sendo o rádio e a imprensa os meios mais usados como veículos da propaganda estadonovista.*[45]

[45] ALVES, Hosenildo Gato. **Imprensa e Poder: A propaganda Varguista na imprensa amazonense (1937-1945)**. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 50.

Em Manaus o controle ideológico era de responsabilidade do Departamento estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) que mantinha amplos poderes em diversos setores. O alagoano Gebes Medeiros foi nomeado para o cargo maior da Divisão de Radiodifusão, turismo e Diversões Públicas. O principal veículo de comunicação do Interventor Álvaro Maia era a rádio PRF-6. Segundo Luiz Eugênio Nogueira:

> *Todo o fervor com o qual Álvaro Maia endossava a essência ideológica do estado Novo valeu à Interventoria a posse da PRF-6 a partir de 1942. Foi neste mesmo ano que a então Rádio DEIP se prestou a uma missão motivada pelas contigências que levaram Vargas à optar pelo engajamento do Brasil ao bloco de países aliados, no ápice da II Guerra Mundial.*[46]

N cidade de Manaus, a radiodifusão de programas de emissoras estrangeiras não era incomum. Pelas chamadas ondas curtas e antenas direcionadas para o Brasil os "radio ouvintes" tinham acesso aos "acontecimentos actuaes", noticiários em "allemão" e músicas recreativas e de bailes com os músicos germânicos Barnabas Geczy e Kurt Hohenberger.[47]

Péres teve sua infância profundamente marcada pelo conflito em andamento e uma de suas lembranças mais remotas está no horário em que ouvia sempre emocionado, as últimas informações sobre os avanços das tropas aliadas nos campos de batalha. Segundo o memorialista:

> *Às seis horas da tarde, junto com meu pai, sintonizava a BBC, em transmissões cheias de interferências, que, para minha irritação, às vezes se tornava inaudíveis. Mas, no outro dia, lá estava eu a apostos, para ouvir emocionado o locutor anunciar com sua voz impostada: "estação de Londres da BBC".*[48]

A preocupação com as informações provindas das ondas do rádio não passavam despercebidas pela censura do DIP. Em um telegrama assinado por Lourival Fontes, diretor geral do órgão de controle endereçado ao chefe de polícia do Amazonas, Dr. Sady Tapajós de Alencar continha as seguintes instruções sobre o funcionamento de alto-falantes públicos. Primeiro, era necessário ter a licença da autoridade municipal

---

[46] NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. **O Rádio no País das Amazonas**. / Luiz Eugênio Negreiros Nogueira. Manaus: Editora Valer, 1999. p. 82.
[47] A TARDE, 11 de janeiro de 1941, sábado, n° 1.189, ano V.
[48] PÉRES, Jefferson. **Evocação de Manaus – como eu a vi ou sonhei**. 2° edição revista e ampliada. Manaus: Editora Valer, 2002. p. 64.

para o funcionamento, apresentação do conteúdo dos textos e das músicas para censura prévia, pagamento de direitos autorais das músicas irradiadas e a proibição da transmissão de programas e de estações de rádios estrangeiras.[49]

Os alto-falantes referidos pela autoridade federal estavam instalados em vários lugares e funcionavam em diversos horários do dia e da noite. Havia dois alto-falantes nos autos da antiga loja 22 Paulista e outro estava erguido na esquina da Rua Rui Barbosa com a Avenida Sete de Setembro. Nas lembranças de Mello este sistema de som foi importante, pois nestes:

> *(...) mesmos alto-falantes é que davam para a cidade as notícias do mundo doido se devorando na Segunda Guerra Mundial. Duas vezes por dia, transmitiam diretamente os noticiários da BBC de Londres em português. Já havia mais nitidez, silenciosos ficávamos inteirados do avanço das tropas hitleristas sobre a Europa.*[50]

Ainda na trilha das recordações da infância de Mello, ele ressalta que também se faziam presente os alto-falantes dos cinemas Polytheama, Guarany, Avenida e Odeon que funcionavam basicamente, quinze minutos antes das sessões de exibição das películas cinematográficas.[51]

Nas telas destes cinemas os filmes projetados eram os americanos. E isto tinha uma explicação, o monopólio de distribuição das películas *yankees* que dificultou a divulgação dos próprios filmes nacionais, impondo uma verdadeira "ditadura narrativa". Para Gerson Moura nesta década:

> *O mito (Hollywoodiano) se auto-alimentava: surgiram as revistas que contavam a vida das artistas de cinema e o que acontecia atrás dos bastidores. O comportamento dos artistas tornava-se modelo: se Tyrone Power tinha o cabelo lustroso e assentado, nós usávamos gumes e brilcream; se Glenn Ford penteava o cabelo para trás; nós púnhamos gorros de meia na cabeça para obrigar nossos próprios cabelos a seguir o modelo; e a moda feminina não seguia os passos de Lana Turner e Elizabeth Taylor.*[52]

---

[49] A TARDE, 08 de abril de 1941, terça-feira, n° 1.262, ano V.
[50] MELLO, Thiago de. **Manaus – amor e memória**./ Thiago de Mello. 4° ed. Ver. – Manaus: Editora Valer, Prefeitura Municipal de Manaus, 2004. p. 73.
[51] Idem, ibidem.
[52] MOURA, Gerson. OP. Cit. p. 83.

Figura 03: Em cartaz no Cinema Avenida.
Fonte: O Jornal, 07 de dezembro de 1945.

Para ilustrar apresentamos a chamada do Cine Avenida com a última atuação de Humphrey Bogart depois de um dos seus maiores sucessos, Casablanca.

Este modelo autoritário em vigor no Brasil não escondia suas verdadeiras intenções em relação aos meios de comunicações de massa brasileiras que foram utilizados abertamente para a "divulgação da propaganda ideológica e à formação de consciências". [53]

Elizabeth Cancelli estudando a polícia no período do Estado Novo e de que forma ela é acionada em seu exercício de poder e como instrumento de repressão e coerção para um projeto político autoritário de Getúlio Vargas. A sociedade fora colocada sob uma violenta vigilância e para aqueles que de uma maneira ou de outra destoavam da política de dominação e legitimações do Estado foram vitimadas por diversos expedientes. Assim, segundo a autora:

[53] NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. **O Rádio no País das Amazonas**. / Luiz Eugênio Negreiros Nogueira. Manaus: Editora Valer, 1999. p. 72.

> *Ao repassar a literatura produzida entre 1930 e 1945, e procurando apreender o discurso construído, salta aos olhos o caráter repetitivo, exaustivo e contundente desta produção oficial, bem como a recorrência ao imaginário orgânico. Nos filmes do DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda], nos cartazes, nas festas cívicas, nos pronunciamentos de Getúlio Vargas – cuja imagem é a de personificação da nação -, nos livros, enfim, na propaganda em geral que contempla os mais diversos assuntos, há um apelo constante e sob o qual parecem se fundamentar os demais. Este é o do nacionalismo, da brasilidade*.[54]

Esse aparato estatal para a construção de um espírito de ordem[55] tinha como alicerce a utilização de um nacionalismo exacerbado que se apresentava como força aglutinadora de interesses e era:

> *(...) elemento fundamental para a política de dominação e legitimação do Estado. Seu apelo sentimental, em torno do qual a sociedade se agrupa, no sentido de construir um corpo uno, reflete a imagem de constituição orgânica. Através do nacionalismo é definido o papel social do indivíduo (orgânico), e o exercício de poder do discurso tenta apagar qualquer vestígio de divisão social, de luta de classes, ou, para ir mais longe, tenta apagar o espaço público, na medida em que nega a esfera do político*.[56]

No caso analisado, foi preciso contar com padres, professores, políticos e médicos que serviram como "aliciadores" e que atuavam como responsáveis pelo recrutamento de todo homem que estivesse na idade de contribuir com o projeto político nestes tempos de guerra. A partir do momento que as promessas não surtiam efeito, foi necessário fazer uso do alistamento compulsório na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Para os sertanejos havia duas escolhas: rumar para a Amazônia ou combater nas terras congeladas da Itália sob o jugo do nazi-fascismo.

---

[54] CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: a polícia na era Vargas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2º Edição, 1994. p. 12.

[55] Para um aprofundamento desta temática existe a obra de PIVA, Luiz Guilherme. **Ladrilhadores e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940)** / Luiz Guilherme Piva. – São Paulo: Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2000.

[56] CANCELLI, Elizabeth. 1994, p. 13.

Figura 04: Cartaz desenhado por Chabloz.
Fonte: Livro Mais Borracha para a Vitória. Op. Cit.

A imagem acima, também confecciona por Chabloz é bastante ilustrativa e elucidadora para nossas hipóteses. Vejam que soldados estão de prontidão e armados para rechaçar qualquer agressão que viria pelo litoral que é banhado pelo oceano Atlântico e no interior do país; trabalhadores labutam pesado na coleta do látex da borracha, enfrentando grandes e frondosas árvores.

Para a vitória era necessário que cada um cumprisse seu papel, ou seja: “Cada um no seu lugar!”.

2.2 O AMARGO ADEUS ÀS ARMAS

E foi por tua ponte flutuante
Que chegaram as "levas" nordestinas
Dos "brabos", dos "soldados da borracha"
Que seguiam encantados, enganados,
Para os "centros" – distantes seringais –
Do Purus, Acre, Madeira e Juruá
Onde findavam – finavam – escravizados.
L. RUAS [57]

A procura da quimera do "El Dorado" na planície amazônica iniciava nos barracões do SEMTA, local onde recebiam sandálias alparcatas, roupas, canecas, pratos e talheres, mochila, chapéu, cigarros e uma rede para serem enviados para Belém e dali "subirem" o rio Amazonas para serem distribuídos pelos seringais nativos dos Estados do Pará, Rondônia, Acre e Amazonas escrevendo mais um capítulo da saga dos "soldados da borracha".

Começava assim uma longa peregrinação, que passava pelo perigo do torpedeamento dos navios pelos submarinos alemães submersos no litoral brasileiro, falta de assistência médica, má alimentação, solidão na selva e até doenças de clima tropical como malária, febre amarela, béri-béri e icterícia.

Silva Filho, afirma que na frente europeia, os riscos de doenças como a pneumonia, a inanição e as armas do inimigo estavam presentes. Enquanto na frente amazônica além das enfermidades já citadas, também foram registrados a subnutrição e um "brutal regime de trabalho". Os "pracinhas", soldados da Força Expedicionária

[57] Trecho do poema *Crônica romântica de adeus ao Roadway* do bardo L. Ruas in **Manaus, meu sonho**. / Organização: José Joaquim Marinho Marques. – Manaus: editora Valer, Prefeitura de Manaus, ManausCult, 2010. pp. 53 – 57.

Brasileira (FEB), foram recebidos como heróis nacionais ao término do embate. Em Manaus as festividades iniciaram com a chegada do Navio Cambridge ao Roadway, saindo em marcha pela Avenida Eduardo Ribeiro até a Catedral de Nossa Senhora da Conceição – Padroeira do Amazonas - e depois seguiram para o quartel do 27° Batalhão de Caçadores.[58] Ao passo que os *"soldados da borracha"*, frequentemente "anônimos, desprovidos de patente e condecoração, trouxeram em seus corpos as marcas das penosas lidas, testemunhas do estreito convívio entre látex e sangue".[59]

Percebam que comumente são utilizados termos do jargão militar. *Recrutamento*, dizia respeito à arregimentação da mão de obra, esforço de guerra, batalhão de seringueiros, exército da borracha, também eram expressões correntes e corriqueiramente, utilizadas por autoridades civis e militares.

Quanto ao encaminhamento desta massa trabalhadora é preciso deixar claro que só era considerado encaminhado, quando estes trabalhadores tinham saída dos "pousos" de Fortaleza e no desembarque nos navios do Loyde Brasileiro, responsável pelo transporte marítimo.

Os "pousos" eram locais onde o SEMTA reunia os trabalhadores sertanejos que eram depois transportados para a Hospedaria de Tapanã em Belém e distribuídos nos seringais amazônicos. Havia "pousos" nas cidades cearenses de Fortaleza, Sobral, Iguatú, Tianguá, em São Luiz, Coroatá, Caxias, no Maranhão, em Terezina capital do Piauí e Bragança, no Estado do Pará.[60]

A partir do momento em que eram acolhidos nos "pousos" do nordeste eram fornecidas aos trabalhadores no mínimo três refeições diárias: café da manhã, almoço e jantar. Apesar da iniciativa de diversificar o cardápio destes migrantes para combater a má alimentação e um grande número de enfermidades que acometiam estes homens, mulheres e crianças, houve uma grande resistência ao consumo de legumes e verduras, já que o hábito de preferir comer charque e farinha estava bastante arraigado e isto explicava a oposição de cunho alimentar.[61]

Para o serviço de transporte pelo litoral brasileiro foi preciso proteção naval e aérea que implicava na colaboração de um caça-submarino e de um avião para fazer a

---

[58] O JORNAL, 14 de novembro de 1945, quarta-feira, ano XV.
[59] **Estilhaços de uma guerra**. Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho in Mais borracha para a Vitória/ Adelaide Gonçalves, Pedro Eymar Barbosa Costa (Organizadores). Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008. P. 26.
[60] Relatório da Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA). Dezembro de 1945.
[61] Relatório da CAETA.

guarda das embarcações. Um dos motivos para a deflagração da guerra contra o Eixo foi o afundamento de diversas embarcações de bandeira brasileira por submarinos alemães.[62]

Navegando pelos cursos d'água dentro de "gaiolas"[63], os sertanejos se embrenhavam na floresta dos mais distantes pontos da Amazônia em busca do trabalho extrativista e da produção das "pélas"[64] de borracha nas suas respectivas "colocações".[65]

Abaixo demonstro a identidade para embarque e colocação de seringueiro. Neste documento consta a naturalidade, faixa etária, filiação, estado civil e profissão. Além de trazer a informação do trajeto percorrido pelo trabalhador que ficou hospedado em Fortaleza e Tapanã na cidade de Belém. Quanto ao seu destino e colocação a indicação é a direção do estado do Amazonas no Vapor Pará State, mais especificamente no Rio Invira e seu local de trabalho seria um seringal homônimo.

Com o intuito de tornar oficial a condição militar destes "soldados da borracha", o governo de Vargas criou, através do decreto-lei n.º 5.225, de 1° de setembro de 1943, o chamado "Batalhão da Borracha".[66]

Este "soldado da borracha" veio em companhia de esposa e seis filhos menores de idade em busca de um futuro mais promissor na cognominada "terra da fartura".

---

[62] Relatório da CAETA.

[63] Assim eram conhecidas as embarcações fluviais que serviam como meio de transporte para os migrantes e da população do interior.

[64] Bolas de borracha em estado bruto.

[65] Seringais para onde eram encaminhados os *"soldados da borracha"* e em muitos casos acompanhados de seus dependentes.

[66] MATIAS, Francisco. **Pioneiros: ocupação humana e trajetória política de Rondônia**. Francisco Matias. Gráfica e Editora Maia Ltda. Porto Velho, 1997. p. 86.

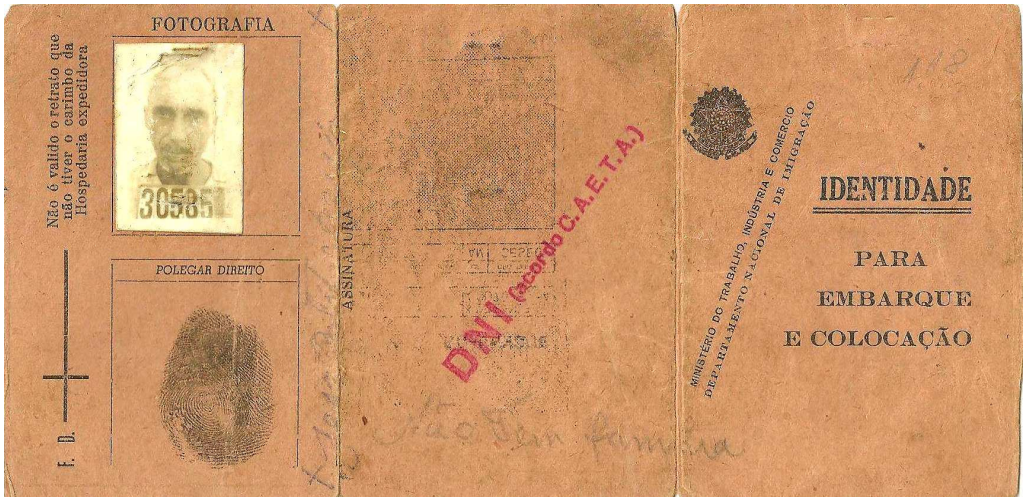


Figura 05: Identidade de embarque e colocação de seringueiros (Frente).
Fonte: Arquivo particular de Sidney Barata de Aguiar.

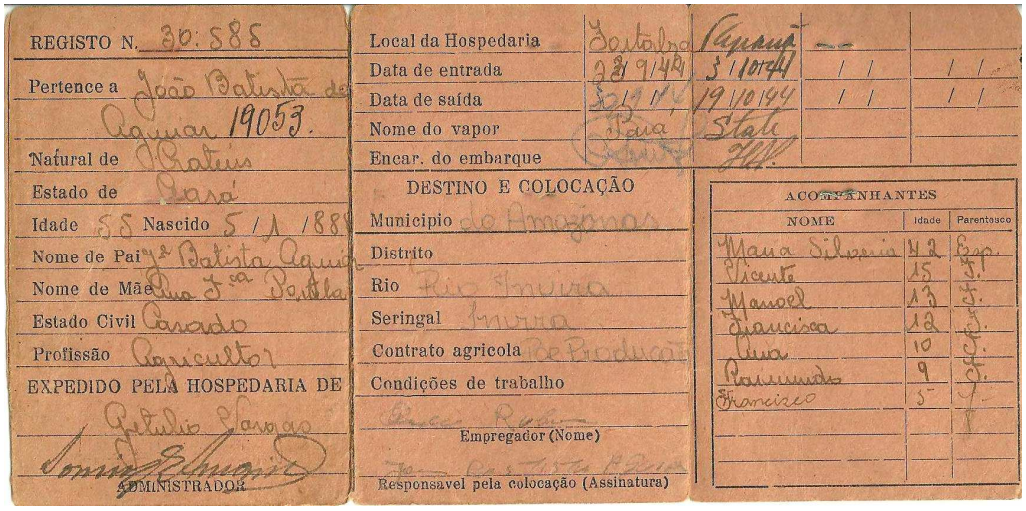


Figura 06: Identidade de embarque e colocação de seringueiros (Verso).
Fonte: Arquivo particular de Sidney Barata de Aguiar.

Os discursos de Getúlio Vargas fomentavam significativamente a ideia de integrar a região norte ao restante do país e também o desenvolvimento da Amazônia como área estratégica do Brasil. A reativação da economia amazônica, sob o aspecto extrativo da borracha e dentro do contexto do chamado “esforço de guerra” é destacada por Carlos Mendonça que considerava tal feito como uma das mais importantes ações realizadas pelo Estado Novo Brasileiro.

Mendonça reproduz a fala de Donald Nelson, Diretor Geral da Indústria Bélica americana em reunião com alguns líderes na Casa Branca exclamara com convicção: “Sem borracha talvez ganhemos a guerra; com a borracha ganhá-la-emos

seguramente".[67]

Figura 07: Getúlio Vargas e o Interventor Álvaro Maia desfilando no carro oficial em direção ao Palácio Rio Negro em 1940.
Fonte: A visita do Presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas. Propaganda amazonense. Imprensa Pública, Manaus – 1940.

Carlos Mendonça que esteve em Manaus para acompanhar a chegada de levas migratórias de nordestinos para o Lago do Aleixo, onde o Interventor Federal Álvaro Maia[68] havia inaugurado um "pouso" para os viajantes, não deixou passar despercebida a situação deplorável destes brasileiros e brasileiras. Assim ele descreveu:

> *Os velhos chegam taciturnos e sombrios, relembrados da terra sertaneja, que não verão jamais. Os jovens espalham-se pela praça, admirados de encontrar no seio escuro da Selva tantas casas novas, amplas, confortáveis. Mulheres gritam e gesticulam á procura das bagagens, com os filhos agarrados ao colo. As fisionomias são profundamente abatidas, todas. Roupas sórdidas. Descalços.* [69]

[67] MENDONÇA, Carlos. **Gente do Nordeste no Amazonas**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002. p. 37
[68] Álvaro Botelho Maia nasceu em 19 de fevereiro de 1893 na cidade de Humaitá (AM) e comandou o Amazonas durante três períodos (1930 – 1931 / 1935 -1945 / 1951 – 1954).
[69] MENDONÇA, Carlos. Op. Cit. p. 06.

Apesar das instalações apresentarem boa qualidade havia sempre o problema de adaptação. E ainda compara:

> *Não são tropas de invasão; não são prisioneiros de guerra. São os prisioneiros da fome – os nordestinos – libertados do círculo de chamas dos sertões requeimados. Cerca de 2 mil pessôas – homens, creanças, mulheres – desembarcam dos caminhões. Com a mais variada bagagem. Caixas, malas, sacos, violões, armónicas, bacias, fogareiros, baús de sóla, pacotes, embrulho – toda a fardagem e uma grande massa em retirada...* [70]

A alegria da saída de Fortaleza em direção às regiões de extração, rapidamente era substituída pelos percalços de uma longa e cansativa jornada. Esses trabalhadores enfrentariam o calor amazônico, suas peculiaridades naturais e não conseguiriam alcançar o objetivo de aumentar a produção da borracha, como determinava os governos brasileiro e americano.

O jornalista Edgar Morel percorrendo a região, também deixou registradas suas impressões sobre as péssimas condições de saúde e total abandono deste verdadeiro "exército da borracha". Segundo suas linhas, o observador deparou-se em Manaus em Belém com:

> *(...) apenas molambos de gente atirados no fundo das hospedarias, todos impaludados, famintos e sem um nickel no bolso, esperando que o governo conceda a passagem de regresso. (...) Ei-los famintos e rôtos implorando a caridade publica nas cidades da Amazonia. Outros, mais desgraçados, levados pela fome, cumprem pena nas cadeias, por crime de roubo e furto*.[71]

O crescimento da produção não foi o que se esperava e por isso paulatinamente, os investimentos financeiros no aparato logístico-institucionais bancados pelos dólares americanos e pela política de Getúlio Vargas foram diminuindo até o total cancelamento.

Centenas de "soldados da borracha" abandonados, desassistidos e sem condições mínimas de sobrevivência ficaram impossibilitados de retornar aos seus torrões de origem, assim fixando residências ao longo das calhas dos rios ou

---

[70] Idem, p. 05.
[71] O JORNAL. 27 de setembro de 1949, terça-feira, ano XVIII.

caminhando famélicos para as principais cidades da Região Norte. Transformavam-se nos verdadeiros deserdados do látex.

Muitos nordestinos não foram avisados do término da refrega na Europa e continuaram trabalhando pesado nos seringais. Como pagamento pelos serviços patrióticos receberam o descaso do governo, a saúde debilitada e a extrema pobreza.

Benchimol foi testemunha ocular da falta de ajuda financeira para estes trabalhadores que o autor chama de "filhos pródigos da borracha e da fortuna". Segundo ele, estes pobres:

> *(...) abandonavam os seringais endividados e rumavam para as cidades de Rio Branco, Porto Velho, Manaus, Santarém, Belém, onde se afavelavam, ou para os pequenos vilarejos e cidades do interior para recomeçarem a luta da vida.*[72]

Nesta peregrinação jornalística, Morel teve a oportunidade de entrevistar o Sr. Auton Furtado, então presidente da Associação dos Seringalistas do Amazonas. Nas palavras do "leader", o repórter teve contato com "apenas alguns casos esporádicos" e que os "bons trabalhadores" continuavam dispostos para o trabalho árduo de extração do látex. O seringalista ressaltou que estes trabalhadores estavam sempre "ombro a ombro com seus chefes". Observem que estes seringueiros que não se adaptavam ao serviço ou por discordarem de algum ponto desta relação trabalhista não escapavam da pecha de preguiçoso, indolente e mau trabalhador.

Na impossibilidade de retornar aos seus "págos" partiam para buscar seu sustento. Alguns já no ano de 1943 ouvindo as notícias das péssimas condições de vida e trabalhos nos seringais desistiam de continuar o trajeto e preferiam ficar nas cidades. criando um novo estereotipo de imigrante facilmente reconhecido ao desembarcar nas principais cidades do Norte, principalmente pela:

[72] BENCHIMOL, Samuel. Op. Cit. p. 228.

> *(...) maneira desajeitada, "quando pelas ruas caminhava". A vivência da floresta, o fez habituado a andar, sempre um atrás do outro, ou seja, "em fila". Essa prática de caminhar em filas, mesmo quando se encontrava na cidade, era motivo de chacotas".*[73]

Apesar da zombaria estes "arigós" comumente eram vistos trajando roupas de fazenda barata, típico destes "soldados da borracha" e sempre portando a "peixeira" ao lado, como símbolo da valentia nordestina. Vestiam-se com:

> *(...) calça frouxa de mescla, chapéu de palha virado, blusa larga de algodão, mochila às costas, alpercata de rabicho, barba grande, a "peixeira" à ilharga. Andavam aos bandos à procura de emprego, de estância para morar, da petisqueira e da birosca para comer a sua "gororoba", do boteco para beber a "maldita" e esquecer os malditos, e das festas e dos "arrasta-pés" dos bairros pobres, onde iam à procura de diversão; não raro, transformavam-nas em cenas de bebedeiras, de valentias e de "pega-prá-capar".*[74]

Wagley ressalta que todos os investimentos monetários não foram suficientes para evitar o fracasso do programa de desenvolvimento da borracha, segundo Wagley "a produção da borracha da Amazônia brasileira que era de cerca de 19.000 toneladas em 1940, em 1944 havia aumentado para apenas cerca de 25.000 toneladas".[75]

A problemática não se apresentava apenas na quantidade de cifrões e notas verdes despendidas e gastas no projeto, mas também em outros aspectos geográficos, sociológicos e culturais detectados pelo pesquisador americano que apontou algumas causas, como a indústria de borracha bruta depender das árvores de seringa e estas ficarem distantes uma das outras, responsáveis pela exaustão do trabalhador empregado no fatigante exercício de coleta do látex. Igualmente, no processo de abertura de novas estradas ou da reabertura das antigas é necessário um mínimo de conhecimento da topografia do terreno desta forma, os "arigós brabos" desconheciam tais técnicas dificultando sobremaneira a produção.

---

[73] MEDEIROS, Edilson Lucas de. **A História da Evolução Sócio-política de Rondônia** – 1ª ed. Rondoforms Editora e Gráfica Ltda. Porto Velho – RO, 2004. p. 103.
[74] Idem. p. 229.
[75] Reforçando este raciocínio temos os dados disponibilizados por Samuel Benchimol em seu **Romanceiro da Batalha da Borracha** (obra citada) que tratam da exportação de borracha silvestre para o exterior, temos os seguintes números em toneladas no quinquênio 1940-1945 respectivamente: 11.835, 10.734, 12.204, 14.575, 21.192 e 18.887. Verificar tabela encontrada na página 118 desta obra. Demonstrando que as expectativas foram ainda menores para o que era proposto e pretendido.

Para Samuel Benchimol existem as versões semântica e erudita e a versão folclórica e sociológica para explicar o vocábulo "arigó". Aqui o termo "arigó brabo" refere-se aos imigrantes nordestinos que ainda não haviam se acostumado com o viver na selva e apresentavam uma produção muito pequena nos primeiros anos de atividade e claro, por outro lado o "arigó manso" era aquele sujeito que já tinha se ambientado com as peculiaridades da Amazônia.

Além do mais, ainda no rastro deixado por Charles Wagley:

> *O tempo era escasso e os técnicos e administradores do Sul do Brasil e do estrangeiro não compreendiam a sociedade amazônica. Desconheciam os incentivos próprios a estimular a população rural do Amazonas a despender maiores esforços e não compreenderam a força tradicional do sistema comercial da Amazônia, que consideravam muito diferente e explorador e, portanto, uma barreira à grande produção da borracha.*[76]

Estes interesses representados por programas diferenciados também são demonstrados por Cosme Ferreira Filho, segundo ele:

> *O que, no entanto, não nos parece possível é satisfazer aos dois programas que se distanciam por sua natureza através dos mesmos processos de planificação e de realização. O programa brasileiro requer prudência, estudo, demorada imobilização das capitais, objetivando extensa e profunda transformação do sistema econômico em que se baseia a nossa produção gomífera. O outro – americano – implica rapidez de ação, aproveitamento e ampliação imediata de todos os recursos existentes, intensidade de trabalho e ritmo crescente, sob fórmulas que não se afastam muito do habitual desenvolvimento das operações de natureza militar, cujos frutos devem ser abundantes e prontos. O que ambiciona o govêrno brasileiro é, sem desestimar os lucros imediatos que a maior exportação da borracha proporciona ao país, a organização, em bases científicas, da nossa produção gomífera, como viga-mestra da economia amazônica. O que pretende o governo americano é, pura e simplesmente, conseguir, dentro do mais breve espaço de tempo, o mais alto volume de borracha que se possa alcançar.*[77]

---

[76] WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3ª edição. BH: Itatiaia, SP: EDUSP, 1998. P. 74

[77] FILHO, Cosme Ferreira Filho. **Por que perdemos a batalha da borracha**. Série Euclides da Cunha, volume III. Edições Governo do Estado do Amazonas. Manaus, 1965. p. 128-129.

Barbara Weinstein debatendo a relação entre seringueiros e comerciantes no período que compreende a expansão e a decadência da borracha na Amazônia (1850 – 1920), relata que o sistema de comercialização prevalecente era conhecido como aviamento. Este sistema criou uma rede de créditos e endividamento que iniciava com o seringueiro, passava pela figura do patrão, passava pela casa aviadora e esta pelas casas exportadoras que estavam ligadas as companhias compradoras de Nova York, Liverpool ou Londres.[78] Este sistema de trabalho mostrou-se "extremamente rígido e desumano".[79]

Neste incomum complexo de comércio que permaneceu vivo nos seringais da década de 1940, é evidente que o "homem na posição mais baixa desse mastro totêmico era o seringueiro – trabalhador que realmente se embrenhava na floresta e coletava a borracha".[80]

Os "extratores" eram desencorajados de praticar a caça de animais silvestres. A alimentação e outros produtos basicamente eram comprados no barracão ou direto das mãos dos regatões[81], prendendo o trabalhador a dívidas exorbitantes. As caçadas, segundo os seringalistas[82], retiravam o tempo de trabalho na borracha, desta forma não estaria correspondendo ao apelo da pátria de maior produção.[83]

A relação patrão-cliente estabelecida, impedia que o seringueiro rompesse com este tipo de mecanismo de dívidas pesadas e intermináveis no "barracão"[84], representado pelo "borrador".[85]

Com o término do combate na Europa, essa massa de migrantes, acometidos por doenças da região, desamparados e descrentes de um futuro melhor nos seringais acabava seguindo o destino das cidades de Belém, Porto Velho, Rio Branco e Manaus como alternativa de salvação, de sobrevivência e, como consequência, "muitos se

---

[78] Sem citar os importadores e os banqueiros.
[79] PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. **Vivências Urbanas: o cotidiano de trabalhadores na contramão dos processos de modernização em Manaus**. In. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n° 2 – Dezembro de 2011, p. 8.
[80] WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850 – 1920** / Barbara Weinstein; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. – (Estudos históricos; 20).
[81] Comerciantes que utilizavam de barcos regionais para comercializar todo tipo de mercadorias nos rios da Amazônia. Na maioria das trocava os produtos industrializados por produtos da floresta e revendiam em nas cidades.
[82] Proprietários dos seringais.
[83] Na cláusula 7° do Contrato Padrão de Trabalhos nos Seringais reza que os animais abatidos pelo seringueiro em caçadas pertencem ao mesmo, incluindo as peles. A cláusula 3° estabelece que o seringueiro obrigatoriamente deva cumprir a jornada de trabalho de 06 dias por semana.
[84] Sede administrativa do seringal e onde os seringueiros adquiriam víveres e suprimentos.
[85] O livro onde eram anotados os débitos e o saldo do seringueiro.

marginalizavam logo, outros desafogavam o desespero no crime, na valentia e na cachaça; as crônicas policiais da época registravam essas ocorrências nos jornais da cidade".[86]

A entrada destes "arigós" irá marcar um novo crescimento demográfico da cidade de Manaus decorrente do arrefecimento da extração da borracha. A repercussão deste processo migratório ensejou um amplo debate, no que consiste principalmente, o retorno dos seringueiros para suas localidades de origem.

O articulista Carlos de Avelar assina um artigo intitulado *Festa Acabada*, na qual deixa claro, sua indignação a cerca do valor de mercado pago pela goma elástica. Observem:

> *Borracha a um preço ridículo como este (12 centavos por libra) e os gêneros de primeira necessidade ultrapassando em preços as alturas dos picos andinos será um "verdadeiro maná de miséria para nós"... Mas a verdade é que a festa terminou... Nós fomos, apenas, os músicos... e a festa acabou. "Festa acabada, músicos a ponta pés..."* [87]

Outra discussão bastante acalorada era sobre o destino deste verdadeiro exército de "soldados da borracha" abandonados à própria sorte e na "mais sórdida estagnação" econômica. Por isso, comumente ouvia-se brados no sentido de apontar soluções e alternativas políticas para o retorno a suas terras natais, como assina Kideniro Teixeira:

> *(...) Fazer regressar aqueles que aqui chegaram iludidos e aloujados como reses, no sonho luminoso de que encontrariam o El-Dorado da lenda secular (...) mas, regressem os miseráveis "soldados da borracha", aqueles que não tiveram festejos, clarins, bandeirinhas, discursos, passeatas e nem as solicitudaes hospitalares a se refletir numa dose de quinino! Os "soldados da borracha", país da saudosa e gorda SAVA- ninho de milhafre-mor do Amazonas, vindos aqui mais por um dever patriótico que pela fome, que voltem aos seus pagos esses miseráveis, senhores líderes nordestinos!* [88]

[86] BENCHIMOL, Samuel. Op. Cit. p. 228.
[87] O JORNAL, 26 de março de 1946, terça-feira, n° 6.553, ano XVI.
[88] O JORNAL, 26 de março de 1946, terça-feira, n° 6.553, ano XVI.

Essas vozes faziam coro a um discurso muito duro sobre esses "miseráveis", discussão que ecoava na capital do país, naquele momento no Rio de Janeiro. Na verdade ninguém mais se responsabilizava em pagar a conta do transporte desses homens e mulheres de regresso para seus locais de origem. Assim temos que:

> *Notícias chegam do país sobre os homens do norte. Fala-se nos seringueiros sofredores, habitantes deste vale malsinado, que vieram para os prélios da campanha da borracha (...) Há quem diga também que esse seringueiro tristonho, triste pária nordestino que aportou por aqui, veio sonhando com a visão mirifica do "El Dorado", que as lábias instruídas de algum corredor de gado humano souberam plantar nos seus espíritos (...) O sol causticante e as águas avassaladoras não tiveram piedade dessa gente para balsamizar-lhe as dôres (...)*[89]

Esse processo de esquecimento e abandono dos "soldados da borracha" terá um ponto final da participação dos americanos em 30 de julho 1947. Nem a força da natureza amazônica, nem a ganância humana tiveram piedade destes tristes párias nordestinos.

[89] O JORNAL, 21 de junho de 1946, sexta-feira, n° 6.624, ano XVI.

CAPÍTULO III
VIVÊNCIAS POPULARES NA CIDADE DE MANAUS

3.1 JABÁ E O CASO DA CARNE VERDE

> *Manaus é uma ilha. Ilha da boa esperança. Cidade risonha cercada de floresta por todos os lados. Limitada ao norte pela lenda da Iara, ao sul pela gentileza da mulher baré, ao oeste pela brasilidade de seus filhos e a leste pelo oceano... Este oceano é o mistério. É o feitiço que envolve toda Manaus, é o "it" que faz irresistível ao forasteiro, que este lhe enche os olhos de uma vida nova, o coração de sonhos de amor, e o cérebro lhe exalta na visão de um futuro radioso. A Amazônia será um dia o celeiro do mundo...*[90]

Nas linhas escritas a verve poética do autor é permeada por uma expectativa de um futuro promissor nas terras amazônicas. Este incerto futuro baseado em uma representação idílica de esperança e fartura sempre permeou o imaginário popular. A "Ilha da boa esperança" que sempre abre suas portas para os que vêm de fora em busca de construir um futuro mais promissor é sempre ressaltada. O autor celebra "o futuro radioso" desta "cidade risonha" que infelizmente neste período analisado passa por dificuldades consideráveis em todos os âmbitos. Mostrando ao imigrante o potencial destas terras férteis corrobora com o discurso de aliciamento baseado na ideia de apresentar a Amazônia como região paradisíaca.

Para reforçar nossos argumentos farei a confrontação com outros artigos e apontamentos da lavra de homens que conviveram com estas realidades.

---

[90] ALUIZIO Barata. Celeiro do mundo. A TARDE, 06 de maio de 1943, quinta-feira, n° 1886, ano VII.

O jornalista Aldo Moraes em artigo denominado *Pecuaria* [91] ilustra as condições sociais que marcavam a Manaus do início da década de 1940. Na primeira página do noticioso vespertino, o que a primeira vista demonstra a importância do tema; o articulista narra a história de um cachorro e de um felino, que tinham uma incrível aversão ao jabá (charque) e ao pescado, principal alimento servido na mesa das famílias amazonenses ainda hoje. Conforme podemos notar, o periodista utiliza-se da imagem de seu cão famélico e expectador do duro cotidiano do seu dono:

> *Estava faminto, novo e faminto, arrastando-se numa degradante inanição pela casa, como se fosse um cachorro velho. Há muitos dias não comia, sabendo porém que não me cabia a culpa de sua fome. Via-me sair, todos os dias, ás 4 da madrugada, zangado, falando (...)*

Mesmo assim, o cão não escapou das pilhérias dos jovens filhos da personagem e foi batizado com o apelido jocoso de Jabá. Apesar do cognome diferente, Jabá apresentava um vigor e uma compleição física "próxima dos lobos". Com todas as restrições alimentares do animal, a família tinha um grande apreço pelo cão. Mas naqueles anos onde adquirir qualquer produto da cesta básica era muito trabalhoso o animal perdeu peso e desenvolveu um aspecto de velhice ocasionada por uma "degradante inanição". Na casa da família também existia um gato chamado "Duque", verdadeiro "aristocrata de linda plumagem" e que durante este período, "revelou-se um importuno na desgraça".

A crônica demonstra as contradições sociais existentes e ficam explícitas no combate mortal do cachorro Jabá contra um homem disputando um pedaço de carne. Aqui (mesmo que na ficção) a lei da sobrevivência prevaleceu, o instinto animal do homem empurrado pela fome vence a batalha:

> *(...) Interrompi-me com um rumor extranho, de luta, algo semelhante a pancadas e rugidos. Quando cheguei á sala e abri a janela, Jabá tombava. Um homem atarracado e forte juntou qualquer coisa semelhante a uma pósta de carne, atirou para o meio da rua uma acha de lenha e avançou, sangrando, pela penumbra da madrugada. No meio dum grande silencio, recolhi Jabá, morto a pauladas, aquele Jabá que fora a alcunha duma alta coerência.*
>
> .

[91] ALDO Moraes. Pecuaria. A TARDE, 07 de julho de 1941, segunda-feira, n° 1335, ano V.

Jabá demonstrou em vida um cão com qualidades da nobreza, segundo o articulista, sofreu calado, morreu combatendo pela sua existência. A contenda entre Jabá e o homem desconhecido e ferido é figura de linguagem da luta pela sobrevivência numa cidade duramente atingida por uma crise econômica impactante. E o autor finaliza com esta sentença: "Jabá morreu lutando". E o fim de Duque foi trágico, perdeu uma de suas sete vidas, crivado por uma bala disparada pelo próprio dono, diferente do cão Jabá que "resistiu em silêncio" o felino Duque "não cessou de miar" um segundo sequer, por isso morreu fuzilado.

DIARIO DA TARDE

VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO AMAZONAS

PROPRIEDADE DE ARCHER PINTO LIMITADA

ANO X — BRASIL — Amazonas — Manaus — Terça-feira, 16 de Julho de 1946 — NUMERO 3.306

A FOME obriga o povo a ser ROUBADO

O Mercado Publico é um antro de salteadores da bolsa alheia — Carne, peixe, até o bôbó, por preços astronomicos — Verdu ras carissimas — O'vos de galinhas de ouro.

Figura 08: Notícias sobre a alta dos preços em Manaus.
Fonte: *Diário da Tarde*. 16 de julho de 1946, terça-feira, n° 3.306, ano X.

Thiago de Mello em tom intimista argumenta que, apesar da decadência econômica prolongada a cidade de Manaus era muito bem abastecida. Para o memorialista, havia "fartura de peixe, de carne, a tartaruga estava ali diariamente para quem quisesse comprar, nas bancas do Mercado".[92] Pelos fragmentos coletados, temos

[92] MELLO, Thiago de. **Manaus – amor e memória**. / Thiago de Mello. 4.° ed. ver. – Manaus: Editora Valer, Prefeitura Municipal de Manaus, 2004. p. 44.

uma realidade muito adversa para a população menos privilegiada. Nossa pesquisa aponta para outra realidade, estampada nas páginas dos jornais, observem abaixo:

DIARIO DA TARDE

VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO AMAZONAS

PROPRIEDADE DE ARCHER PINTO LIMITADA

ANO X | BRASIL — Amazonas — Manaus — Quarta-feira, 3 de Julho de 1946 | NUMERO 3.295

A marcha aterradora da fome

se aproxima de todos os lares da cidade—Sem pão, carne, peixe, como se poderá viver?

PINGO...

Figura 09: Notícia sobre a procura de alimentos.
Fonte: *Diário da Tarde*, 03 de julho 1946, quarta-feira, n° 3.295, ano X.

Neste período, segundo os jornais havia uma verdadeira romaria em direção ao Mercado Público em busca de carne e do pescado e estimava-se que:

> *(...) milhares de pessoas procuram adquirir, madrugada ainda, ao menos um quilo de carne, saindo geralmente dali sem o que precisam para sua subsistência. O peixe também não existe, o que torna a população ainda mais em dificuldade*.[93]

A partir das primeiras horas da manhã homens, mulheres e crianças já disputavam algumas gramas de carne bovina ou algum pescado. Visualizava-se:

[93] A TARDE, 01 de julho de 1941, terça-feira, nº 1330, ano V.

> *(...) Silhuetas mal definidas, na escuridão, se movimentam em gestos inquietantes; o lume dos cigarros, no escuro-cinza da madrugada, semelha pirilampos que pontilham de luz, aqui e ali, o ambiente. Reina o silêncio, quebrado apenas por algumas vozes, de quando em quando, reclamando a demora do dealbar. É a parada da fome, daqueles que têm filhos para á sua subsistência. Como é verdadeiramente triste essa parada da fome!*[94]

Essa "parada da fome" seguia uma direção, tratava-se dos caminhos que levavam ao Mercado Público situado na região central da cidade de Manaus. O Mercado Público Adolpho Lisboa[95] foi inaugurado em 15 de julho de 1883 e considerado um dos melhores da região norte do Brasil.[96]

Dorineth Bentes em sua dissertação de Mestrado apresenta a procura da administração pública do município de Manaus no sentido de construção de feiras no bairro de São Raimundo e da Cachoeirinha já no início da década de 1910. Para a pesquisadora:

> *(...) as feiras eram um espaço que possibilitaria a ampliação da arrecadação de impostos para o Município e afastaria os moradores dos subúrbios da circulação constante do centro da cidade; já para os indivíduos que trabalhavam na feira, representava um meio de sobrevivência, pois seria o lugar onde eles poderiam comercializar a sua produção e, para os consumidores, a feira nos subúrbios da cidade significava um espaço mais próximo de sua realidade, onde eles poderiam fazer suas compras sem se sentirem deslocados, pois o Mercado Adolfo Lisboa era o espaço da elite, e não o espaço dos excluídos que viviam nos subúrbios*.[97]

Mesmo considerado o "espaço da elite", o Mercado Público não escapou do abandono e da falta de higiene do estabelecimento. Segundo os jornais, a higienização do local não era praticada pela falta de germicidas para combater os insetos. A explicação já era bastante conhecida, os cofres públicos não dispunham de verbas para

---

[94] A TARDE, 25 de julho de 1942, sábado, n° 1.653, ano VI.

[95] Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa veio para Manaus em 1902, convidado a ocupar o cargo de Superintendente Municipal pelo então governador Silvério José Nery (1902-1904), tendo se mantido no cargo até 1907. No decorrer de sua gestão, executou inúmeras obras de melhoramentos e benfeitorias na capital amazonense, dentre elas destaca-se a ampliação e recuperação do Mercado. (Biblioteca Virtual do Amazonas)

[96] DIAS, Edinéa Mascarenhas. **A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 1999. p. 75.

[97] BENTES, Dorinethe dos Santos. **Outras Faces de uma mesma história: Manaus de 1910-1940**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas. Dissertação de Mestrado, 2008. p. 161.

investir em melhorias no estabelecimento.[98] Além do descuido com o patrimônio, não passava despercebido a falta total de preocupação com a saúde do consumidor:

> *Hoje, presenciamos uma cena repugnante promovida por um proprietário de petisqueira carregando agua apanhada do rio Negro, bem ao pé da escadaria do Mercado, que dá para aquele rio, agua sem duvida, que levada ao microscópio, nos mostraria milhares de bacilos nadando, no balde enferrujado. O chão é negro, simplesmente repelente, e a louça encardida, comporta comida que custa os olhos da cara.*[99]

Vieira da Rocha exaltando as qualidades do Mercado Municipal, que outrora "majestoso e amplo edificio", serviam como ótimo passeio matinal para turistas e manauaras e por causa do aumento populacional tornara-se:

> *(...) bazar comilão e engulio uma bôa parte do comércio da cidade; engulio mas não pode digerir, porque alí tem armazéns de estivas, mercearias, lojas de fazendas e miudezas, brinquedos, perfumes e ferragens, mais cafés, restaurantes, botequins, munguzás e mingaus do que toda a cidade (...)*[100]

Serão em torno do Mercado Municipal e em suas dependências que se travará as mais árduas lutas deste período. O noticioso alcunhou este período de escassez de *O Caso da Carne Verde* e deixando claro que o problema chegava a níveis preocupantes, portanto os repórteres *do A Tarde* entrevistaram o então prefeito de Manaus, Admar Thury:

> *REFEREM-NOS que, em consequência do clamor popular que se vem fazendo em virtude da falta de carne verde e já agora de peixe, no Mercado Público, o interventor Ruy Araujo determinou que a Prefeitura envide todos os esforços para resolver, quanto antes, a delicada situação, cabendo ao prefeito Paulo Marinho a solução immediata do assunpto, isto porque a collectividade não pode passar sem viveres para sua alimentação.*[101]

---

[98] A TARDE, 17 de janeiro de 1941, sexta-feira, nº 1.194, ano V.
[99] DIÁRIO DA TARDE, 13 de junho de 1946, n° 3.280, ano X.
[100] A TARDE, 06 de abril de 1943, terça-feira, n° 1.863, ano VIII.
[101] A TARDE, 28 de janeiro de 1941, terça-feira, nº 1.203, ano V.

O administrador municipal relatou em nota pública que o governo encontrava muita dificuldade em adquirir a carne bovina, já que o alimento vinha sendo transportado da região do Baixo Amazonas e do Estado do Pará e que providências estariam sendo tomadas para contornar a problemática.[102] Culpabilizava o fenômeno da enchente pela falta de pescado, e a estiagem nos rios da região de Rio Branco pela inexistência de carne verde e que, prontamente enviaria emissários para a compra de carne bovina na Bolívia.[103]

Para Mello, ainda na perspectiva de utilizar os memorialistas, o poeta rememorando os sons da cidade na década em análise, lembra-se das "Lanchas portuguesas" que eram lanchas "boiadeiras" que rotineiramente, "iam buscar no Rio Branco e traziam para Manaus depois de uma temporada de engorda nos campos dos baixios do Careiro, do Curari, do Janaucá, do Paraná do Xiborena – o gado para o abate lá no velho Curro, o antigo Matadouro Municipal".[104]

Reforçando estes argumentos, José Lopes da Silva traz a informação de que a região do Cambixe e adjacências era um dos principais responsável pelo abastecimento de leite e de seus derivados; além dos hortifrútis colhidos e comercializados pelos ribeirinhos.[105]

Ao que parece a população não estava muito contente com as desculpas dos administradores públicos e não eram raros os distúrbios no Mercado Público diante da gravidade do problema, além de um intenso comércio clandestino de carne verde[106] e de outros produtos. Neste momento os manauaras consumiam a carne bovina em proporção bem superior do que o pescado da região, carnes brancas e a comercialização de quelônios no Mercado Adolpho Lisboa era prática comum.[107]

A entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra acarretou dificuldades de abastecimento para as populações urbanas e no racionamento de gasolina, carne, farinha de trigo e açúcar.[108] Na capital do Amazonas não foi diferente. Apresento uma tabela de

---

[102] A TARDE, 01 de julho de 1941, terça-feira, nº 1330, ano V.
[103] A TARDE, 02 de julho de 1941, quarta-feira, nº 1331, ano V.
[104] MELLO, Thiago de. **Manaus – amor e memória**./ Thiago de Mello. 4° ed. ver. – Manaus: Editora, Prefeitura Municipal de Manaus, 2004. P. 63.
[105] SILVA, José Lopes da. **Amazonas – do extrativismo à industrialização**. / José Lopes da Silva. – Manaus: Editora Valer, 2001. P. 260.
[106] JORNAL DO COMERCIO. 12 de dezembro de 1948, domingo, n° 14.927, ano XLIV.
[107] SILVA, José Lopes da. **Amazonas – do extrativismo à industrialização**. / José Lopes da Silva. – Manaus: Editora Valer, 2011. p. 260.
[108] FILHO, Antonio Luiz Macêdo e Silva. **Estilhaços de uma Guerra**. In Mais Borracha para a Vitória / Adelaide Gonçalves, Pedro Eymar Barbosa Costa (organizadores). Fortaleza: MAUC / NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008.

preços indicada ao comércio "retalhista" com os valores das carnes publicada em maio de 1939, ressaltando o período a ser levado em consideração de 01 ao dia 15 do mês corrente.[109]

TABELA 01

PREÇOS DAS CARNES BOVINA E SUÍNA

Carnes	Tamanho	Quantidade	Kg	Preços
Carne verde de boi			1	1$700
Carne verde de porco			1	3$000
Carne salgada de porco			1	3$000
Carne de carneiro			1	4$000
Carne de cabeça de boi			1	1$000
Coração		1		1$500
Cabeça de porco	Grande	1		5$000
Cabeça de porco	Pequena	1		2$000
Fígado			1	2$000
Língua	Grande		1	3$000
Língua	Pequena		1	2$5000
Miolo de boi		1		$800
Miúdo de boi			1	1$000
Mocotó de boi			1	$600
Mocotó de porco		1		$400
Rim de boi		1		$600
Toucinho de porco fresco ou salgado			1	3$000

FONTE: Elaborada pelo mestrando através das informações divulgadas pela Prefeitura Municipal de Manaus contidas no *A TARDE* de 06 de maio de 1939. N° 676.

[109] A TARDE, 06 de maio de 1939, sábado, nº 676, ano III.

TABELA 02:

PREÇO DAS AVES

Ave	**Tamanho**	**Quantidade**	**Preço**
Gallinha	Grande	Uma	6$000
Gallinha	Media	Uma	5$000
Gallinha	Pequena	Uma	3$600
Frango	Grande	Um	4$000
Frango	Medio	Um	2$700
Frango	Pequeno	Um	2$500
Pato	Grande	Um	5$000
Pato	Médio	Um	3$600
Pato	Pequeno	Um	2$000

FONTE: Confeccionada com os dados publicados em *A TARDE*, 06 de maio de 1939, sábado, n° 676, ano III. Preferimos manter a grafia de algumas palavras como encontramos no texto original.

TABELA 03:

PREÇOS DO PESCADO

Pescado	**Tamanho**	**Quantidade**	**Preço**
Pirarucú	Fresco	Kilo	1$500
Pirarucú	Cabeça	Uma	2$000
Pirarucú	Rabada	Uma	1$500
Matrinchão	Grande	Uma	1$300
Matrinchão	Media	Uma	$900
Matrinchão	Pequena	Uma	$700
Matrinchão		Cambada (5)	$900
Curimatá	Grande	Uma	1$800
Curimatá	Média	Uma	1$300
Curimatá	Pequena	Uma	$700
Acará-Assu		Cambada (5)	$900
Acará-Assu		Cambada (3)	2$300
Acará branco		Cambada (3)	1$800
Acará diversos		Cambada (5)	1$300
Sardinhas	Grandes	Cambada (5)	1$800
Sardinhas	Medias	Cambada (5)	1$300

Sardinhas	Pequenas	Cambada (5)	$800
Aracú	Grande	Um	$700
Aracú		Cambada (5)	$900
Pacú		Cambada (5)	1$300
Pacú	Grande	Um	$700
Jaraquis	Grande	Cambada (5)	1$300
Jaraquis	Médio	Cambada (5)	$900
Jaraquis	Pequenos	Cambada (5)	$500
Branquinhas	Grande	Cambada (5)	1$300
Branquinhas	Média	Cambada (5)	$700
Acary	Grande	Um	$700
Acary	Pequeno	Um	$300
Mapará	Grande	Um	$900
Mapará	Medio	Um	$500
Mapará		Cambada (5)	$900
Mandy		Cambada (5)	$900

FONTE: Confeccionada com os dados publicados em *A TARDE*, 06 de maio de 1939, sábado, n° 676, ano III. Preferimos manter a grafia de algumas palavras como encontramos no texto original.

A escassez de açúcar acarretou um efeito dominó que afetaria diretamente não só a população, mas também os proprietários de bares, botequins, leitarias, docerias, fábricas de xarope para refrescos e Cafés. No botequim *Leão de Ouro* já não dispunha de açucareiros nas mesas de café dos fregueses e o gerente quando arguido pelo repórter sobre o porquê da falta de açúcar se há poucos dias tinha ancorado no porto de Manaus um grande carregamento do produto. Respondeu que havia comprado açúcar de terceira classe, além do mais molhado, por isso estava impossibilitado de ser sacudido no açucareiro.[110]

A irregularidade na importação da farinha de trigo, também deixava um clima de expectativa muito grande na população consumidora. Os moinhos e as firmas que comercializavam o produto compravam o trigo do sul do país. As panificadoras não

[110] DIÁRIO DA TARDE, 01 de junho de 1946, n° 3.271, ano X.

conseguiam baixar o preço por adquirirem a farinha mais cara. A consequência direta disto poderia ser vista no café da manhã e no bolso do trabalhador.

No periódico *A Tarde* de 12 de setembro de 1942, os poderes públicos estadual e municipal tomam algumas medidas a respeito da farinha de trigo, deliberando que as panificadoras produzissem pães uma vez ao dia pela parte da noite para que a distribuição aconteça na manhã seguinte. Também orientava para o interrompi mento da manufatura de bolachas, macarrões ou qualquer produto que utilizassem o trigo como matéria-prima e a constituição de um fundo único de farinha de trigo para assegurar o suprimento por um tempo muito maior.[111]

Um pequeno artigo intitulado *O...Caso do Pão* traz frases engraçadas sobre a falta de pão pela cidade como esta: "Queriamos ver, agóra, como os romanos conseguiriam, em Manaus, contentar o povo com o "pão e circo..." e ainda, "quem nos déra, agóra, até mesmo "o pão que o diabo amassou..."[112] e o mais hilário é que a compilação destes quase axiomas populares foi assinado pelo cidadão que atendia pela alcunha de "Papa-Chibé".

Isto originou uma crescente crise comercial em grande parte das cidades brasileiras e Manaus constava na lista dos principais municípios que deveriam botar em prática medidas que visavam "neutralizar a ganância dos comerciantes menos escrupulosos".[113]

Segundo carta que chegou à redação jornalística, a "febre do furto" tinha acometido todos os vendedores que aproveitavam o descaso das autoridades competentes pela fiscalização dos para cometer as "práticas mais baixas". O autor da denúncia assinou o documento com o singelo nome *Furtado* (levando em conta sua condição de consumidor) e relatou que em "todas as mercearias de Manaus, ou melhor, em quase todos os estabelecimentos onde ha balança, o quilo, que tanto trabalho deu aos franceses para uma medida padrão, varia enormemente".[114]

Não obstante, o suprimento regular causava privações à população. Ao passo que afundavam navios e suas cargas eram tragadas pelas águas submarinas, determinados produtos escasseavam ou desapareciam totalmente das prateleiras por tempo indeterminado. É claro, que as estratégias de sobrevivência eram corriqueiras no

[111] A TARDE, 12 de setembro de 1942, sábado, n° 1.694, ano VI.
[112] A TARDE, 02 de outubro de 1942, sexta-feira, n° 1.711, ano VI.
[113] MONTEIRO, Jorgemar. Op. Cit., 2011. p. 56.
[114] A TARDE, 27 de maio de 1942, quarta-feira, nº 1.603, ano VI.

sentido de minimizar as consequências do racionamento e prática de sucedâneos era corriqueira.

Nas reminiscências da juventude, vivida na década em análise, Jefferson Péres relata:

> *Perdi a conta das ocasiões em que, à falta de café, tomamos chá-mate ou preto; em lugar de pão, comemos batata-doce, cará ou macaxeira; e não raro, adoçamos o café com sacarina, pela absoluta impossibilidade de encontrar açúcar. Suplício maior era o dos fumantes, privados durante meses dos cigarros da Souza Cruz, como o Elmo, o Astória, o Continental e o Hollywood, substituídos pelos mataratos de fabricação local, especialmente o Princesa e o Duquesa, que nada tinham de aristocráticos, com seu tabaco escuro e de gosto intragável*.[115]

O Interventor Federal do Estado do Amazonas, Álvaro Botelho Maia prontamente seguiu as orientações oriundas do governo central que diziam respeito aos gêneros de primeira necessidade e a Lei de Economia Popular. Aqui apresento tais determinações:

> *1. Balanço urgente dos estoques dos principais gêneros de produção nacional de acordo com a recomendação do Dr. Arthur Torres Filho, diretor do Serviço de Economia Rural, em nome do senhor ministro da Agricultura e, encaminhada à Secretaria-Geral do Estado, que naquele sentido havia informado à Associação Comercial de Manaus;*
> *2. Portaria do Chefe de Polícia, ante as especulações dos gêneros de primeira necessidade, na base das instruções do senhor ministro da Justiça e Negócios Interiores e do despacho do Dr. Clóvis de Moraes, procurador adjunto do Tribunal de Segurança Nacional;*
> 3. *Reorganização da comissão de tabelamento dos gêneros de primeira necessidade e das recomendações para o desenvolvimento dos trabalhos no setor da agricultura.*[116]

É óbvio, que neste ambiente foi necessário criar um racionamento e um tabelamento dos preços dos mantimentos alimentícios e instituir uma Comissão de Tabelamento para acompanhar e fiscalizar tais regras.[117] Não é surpresa que se criou e

---

[115] PÉRES, Jefferson. **Evocação de Manaus – como eu a vi ou sonhei**. 2° edição revista e ampliada. Manaus: Editora Valer, 2002. p. 64. Grifo do autor.
[116] MONTEIRO, Jorgemar. 2011. p. 56.
[117] Esta comissão era formada por Luiz Caetano de Oliveira Cabral, Carlos da Gama Junior, Benjamin Pantoja Alves e Antonio Lopes Brandão.

desenvolveu-se rapidamente um comércio clandestino, especialmente de carne bovina.[118]

Em noticioso de 05 de abril de 1943 são publicadas instruções para os compradores e deixa claro que para fazer a denúncia pela negação da expedição da nota de venda ou faturas das mercadorias adquiridas, gênero por gênero, não importando se for ao atacado ou varejo, seria necessário apenas a apresentação de duas pessoas como testemunhas. Também relata as principais infrações:

a- *Falta de tabela de preços afixada em lugar visível;*
b- *[Falta] Etiquetas nos artigos expostos à venda;*
c- *Falta de fornecimento da nota de venda ou fatura;*
d- *Apresentação de tabelas ou etiquetas emendadas ou rasuradas;*
e- *Recusar venda de qualquer artigo existente no estabelecimento;*
f- *Fraudar pesos e medidas*.[119]

Mas, alguns comerciantes aproveitavam para lucrar com a carência de certos produtos e ainda ludibriar os consumidores. Seja pela venda de carne de jac5aré-açu como sendo de pirarucu ou pela prática de utilizar balanças viciadas enganando assim o comprador.[120] Sem falar que a carne oriunda de algumas partes próximas de Manaus, chegava à mesa dos manauaras sem exames veterinários e sem o pagamento dos impostos municipais.[121]

Estes infratores ao serem detectados poderiam ser punidos nos termos da lei.[122] Temos o exemplo ocorrido no mês de março de 1942, quando uma "queixa verbal" chegou ao conhecimento do administrador do Mercado Público, o Sr. Júlio Lima que imediatamente suspendeu a licença, por tempo indeterminado do peixeiro Francisco Couto por ter vendido ao cliente, "mil e trezentas gramas de pescada por 10$000, quando devia ter cobrado 3$120".[123]

---

[118] JORNAL DO COMERCIO, 12 de dezembro de 1948, domingo, n° 14.927, ano XLIV.
[119] A TARDE, 05 de abril de 1943, segunda-feira, n° 1862, ano VII.
[120] A TARDE, 01 de fevereiro de 1941, sábado, nº 1.207, ano V.
[121] A TARDE, 08 de janeiro de 1941, quarta-feira. Nº 1.186, ano V.
[122] DECRETO-LEI. Nº 869, de 18 de novembro de 1938 que abrange os crimes contra a economia popular.
[123] A TARDE, 23 de março de 1942, segunda-feira, n° 1.551, ano VI.

Por outro lado, alguns marchantes também sentiam na pele as consequências postas. Muitos chegaram ao ponto de ter que entregar suas bancas de venda de carne, por não conseguirem manter os respectivos empreendimentos.[124]

Este "caso" não se encerraria tão breve como defendiam as autoridades públicas municipais, pois no ano 1943 e ao longo da década em tela, a imprensa anunciava a penosa procura por vísceras empreendida pelos trabalhadores e pobres urbanos.[125]

> *Já vai longe o tempo em que a pobreza se podia nutrir de vísceras. Mais baratas que a carne, bastava a mão dum boicote, um pedaço de bucho, um quilo de bóbó para atravessar um dia à tripa forra. Hoje, a coisa é diferente. O acréscimo de população pesando sobre o centro da cidade deslocou a pobreza para os subúrbios distantes e como só no Mercado as vísceras são expostas à venda, delas não se pode nutrir essa gente.*

Note-se que estes pobres "descarnados" que residiam em áreas mais afastadas como o bairro da Cachoeirinha, Constantinópolis, São Raimundo e Boulevard Amazonas eram acometidos pela má distribuição comercial dos alimentos. A grande parte destes trabalhadores, desempregados e moradores dos arrabaldes e subúrbios mais afastados faziam uso do transporte público para chegar á região central de Manaus. E principalmente no período chuvoso as ruas ficavam em estado lastimável para o tráfego, prejudicando sobremaneira o trajeto dos usuários. Os lamaçais e os buracos ocasionavam pequenos desastres e transtornos para proprietário de automóveis e pedestres. O "estado de imprestabilidade" e a falta de conservação das estradas e das ruas eram significativos e as reclamações por parte dos proprietários chegou ao ponto de ameaças de paralisação do serviço de auto-onibus para bairros mais distantes como a Cachoeirinha.[126] Segundo Soraia Pereira Magalhães:

> *Nos anos 40, a situação viária de Manaus permaneceria semelhante ao que acontecera no início do século, quando a preocupação com os melhoramentos urbanos voltava-se apenas para área central, sendo as áreas mais afastadas relegadas ao descaso, sem infraestrutura.*[127]

---

[124] A TARDE, 10 de janeiro de 1941, sexta-feira, nº 1.188, ano V.
[125] A TARDE, 29 de abril de 1943, quinta-feira, nº 1.881, ano VII.
[126] JORNAL DO COMERCIO, 01 de janeiro de 1948, sábado, nº 14.843, ano XLIV.
[127] MAGALHÃES, Soraia Pereira. O transporte urbano de Manaus: Fragmentos de sua evolução (1896 – 1980) In. OLIVEIRA, José Aldemir de (Org.) **Espaços urbanos na Amazônia – Visões geográficas**. / Org. José Aldemir de Oliveira.- Manaus: Editora Valer, 2011. p. 20.

Desde o início do século XX, o sistema de bondes e da energia elétrica que atendia os citadinos manauaras na década de 1940 estava sob a responsabilidade da Manaós Tramways, concessionária inglesa. Para gerar a energia necessária para movimentar o sistema viário e as residências produzia-se energia através da queima de madeira em usinas geradoras. E não raro os fornecedores exigiam uma majoração no valor da tonelada da matéria-prima, pois sem esta, as caldeiras das usinas paravam de produzir. Em algumas situações, para minimizar os prejuízos, os bondes deixavam de trafegar no horário de menor fluxo de passageiros. Economizando a queima de lenha e, portanto, não prejudicando as casas particulares, as indústrias e o comercio local.[128]

Para M. J. Antunes os maus serviços prestados pela empresa anglo-saxã era um verdadeiro "caso de polícia". Segundo ele:

> *(...) E a população de Manaus continua sofrendo à falta de luz e de bondes, a-pezar-de pagar hoje mais caro esses imprescindíveis elementos. Continuam sendo prejudicadas nossas indústrias, nossos institutos de ensino, o povo em geral. (...) O caso criado pela Tramways não é caso para solução técnica; é antes de tudo, e acima de tudo, um caso de polícia.*[129]

Para os proprietários de automóveis e motoristas enfrentaram um sistema de racionamento de gasolina por meio de cartões. Estes cartões eram distribuídos gratuitamente pela Comissão Central de Tabelamento em todos os dias úteis e no horário comercial.[130] Em outras capitais brasileiras utilizaram carros e ônibus movidos a gasogênio para suprir a falta de diesel e gasolina.[131]

O poeta Thiago de Mello em seu livro de memórias sobre a cidade de Manaus das décadas de 1930 e 1940 reconhece não se lembrar da figura do vendedor de miúdos. Segundo o escritor "só lembro do seu tabuleiro com tampa e cavalete" repletos de miúdos de porco e de boi adquiridos no Matadouro Municipal e comercializado na periferia. Estes pés de boi e mocotós frescos eram iguarias bastante apreciadas. As vísceras também eram a mistura para a preparação da "panelada". Cozido que levava

[128] DIÁRIO DA TARDE, 26 de junho de 1946, quarta-feira, n° 3.290, ano X.
[129] O JORNAL, 07 de dezembro de 1945, sexta-feira, n° 6.463, ano XV.
[130] A TARDE, 27 de agosto de 1941, quarta-feira, n° 1.379, ano V.
[131] Aparelho instalado na traseira dos veículos que transformava o carvão vegetal em combustível.

em sua mistura tripas de boi, alho, chouriço, louro, cheiro-verde, chicória e que era motivo de festa ao redor da comida.[132]

Possuindo parcos recursos para a alimentação os manauaras sofriam para comprar um "buchinho" sequer. A explicação é que o matadouro da cidade não possuía a aparelhagem adequada para a limpeza dos "fatos arrastados" e, desta forma, eram entregues aos "contratantes" que os distribuíam apenas para o Mercado Público. Esta calamitosa situação obrigava os "pobres dos subúrbios" deslocarem-se ao centro da cidade de Manaus para comprar apenas um "quilo de bóbó".

Mello relembrando os cheiros da cidade:

> *O cheiro do Matadouro Municipal, chamado o curro, no bairro de São Raimundo. Cheiro de bosta e de sangue, víscera fresca de boi. Mais forte que o cheiro, era a pungência fosca nos olhos das vacas e dos novilhos onde ardia a certeza de quem iam morrer.*[133]

O final das ações no teatro de guerra europeu mergulhou o Estado do Amazonas numa grave crise econômica que repercutiu com mais contundência na carestia de vida. Em números temos o valor do salário pago ao trabalhador manauara e como este soldo não acompanha a compra de no mínimo o essencial para alimentação, o povo sofria. No exemplar de *O Jornal* na coluna *O Jornal Comenta* na primeira página este quadro nos é apresentado.

> *(...) o salário mínimo do trabalhador do Amazonas é de Cr$ 12,00. E temos que uma família, para se manter como gente, terá que fazer, no mínimo, a seguinte diária: um quilo de arroz, Cr$ 3,60; um quilo de feijão, Cr$ 2,60; um quilo de carne, quando há, Cr$ 8,00 (atualmente os cambistas negros estão vendendo a Cr$ 10,00). Um quilo de pão Cr$ 3,80; um quilo de açúcar, Cr$ 1,50; banha, Cr$ 3,00 e manteiga, Cr$ 2,00. Esse orçamento atingirá, pois a quase Cr$ 30,00 diários, quando o trabalhador tem um mínimo de Cr$ 12,00! É um regime de fome...*[134]

O problema da alimentação era, sem dúvida, o que mais afligia os chefes de família e os trabalhadores, cujos recursos eram insuficientes para enfrentar a crise dos

---

[132] MELLO, Thiago de. **Manaus – amor e memória**./ Thiago de Mello. 4° ed. rev. – Manaus: Editora Valer, Prefeitura Municipal de Manaus, 2004. p. 67.
[133] MELLO, Thiago de. Op. Cit. p. 82.
[134] O JORNAL, número 6.612 de sexta-feira, 07 de junho de 1946.

gêneros alimentícios. No ano de 1948 a possível privação do consumo de pão alertava os manauaras.[135]

Com o intuito de melhorar o atendimento das necessidades da população, foram instalados pela SAVA postos para a venda de café pelo preço tabelado em diversas regiões de Manaus, como o comercial Cohen & Cia na Cachoeirinha, a Flôr do Reservatório no Adrianópolis, a Pérola da Visconde localizada na avenida 7 de Setembro, Epaminondas Ferraz no entroncamento do Boulevard Amazonas, Jacinto Mata no Plano Inclinado e o Mercadinho que ficava na rua dos Barés.[136]

Para minimizar o impacto sobre as famílias e os trabalhadores em geral foi necessário fixar preços das refeições populares que ficaram conhecidas como "pratos de guerra" e o preço além de variar, dependendo do local que fosse servida, ou seja, hotéis e restaurantes de 1º e 2º classe. Abaixo trago duas tabelas que descrevem os tipos de comidas e seus respectivos valores pecuniários:

TABELA 04

PREÇOS DAS REFEIÇÕES POPULARES OU *"PRATOS DE GUERRA"*

Restaurantes e Hotéis de 1º Classe

Quantidade	Prato	Preços
1	Sopa de legumes	Cr$ 1,00
1	Guizadinho com legumes e arroz	Cr$ 2,00
1	Carne assada e arroz	Cr$ 2,50
1	Peixe e molho de tomate e arroz	Cr$ 2,50

Restaurantes e Petisqueiras de 2° Classe

Quantidade	Prato	**Preços**
1	Sopa de legumes	Cr$ 0,50
1	Guizadinho com legumes e arroz	Cr$ 1,50
1	Carne assada e arroz	Cr$ 2,00

[135] JORNAL DO COMÉRCIO, número 14.643 de sábado, 10 de janeiro de 1948, ano XLIV.
[136] A TARDE, 03 de abril de 1943, sábado, n° 1.861, ano VII.

1	Peixe e molho de tomate e arroz	Cr$ 2,00

FONTE: Confeccionada pelo mestrando com dados recolhidos da Comissão Municipal de Preços divulgados em *A TARDE* de 19 de outubro de 1943, n° 2.017. Preferimos manter a grafia que está no texto original.

Apesar da Comissão de Tabelamento orientar estes procedimentos, alguns comerciantes sentindo-se prejudicados, burlavam a determinação que regulamentava o valor das refeições populares. Por isso os proprietários mantinham os cardápios por algumas horas. Tais deveriam permanecer na lista de preços, só que agora cumprindo os seguintes horários, das 11 às 13 horas e das 18 às 20 horas.

Além de o baixo poder aquisitivo dos trabalhadores a situação foi agravada pela queda do preço pago pelas “pélas” de borracha e que contribuiu significativamente para a carestia instalada na cidade.

3.2 *BLACK-OUT* E A *LUFTWAFFE* NAZISTA

Retomando as referências dos memorialistas que subsidiam nossa escrita, retorno em Jefferson Péres, que viveu este período conturbado da história local. O desconforto causado pela falta de gêneros básicos de todos os tipos era somado ao "temor fantasioso de possíveis ataques aéreos"[137] da aviação germânica. A *Deutsche Luftwaffe* ou Força Aérea Alemã foi fundamental na estratégia de conquista da Europa Oriental e Ocidental. Mostrou-se uma arma poderosa a favor dos nazistas e seu símbolo que estampavam todas as aeronaves era a Cruz de Ferro.

Toda a população devia participar do "esforço de guerra", mantendo hortas para contribuir com alimentação que era uma carência real e campanhas como a do alumínio e do zinco. A campanha "pró-aquisição" destes metais iria de encontro com o benefício da indústria aeronáutica. O Clube Atlético Rio Negro tomou a iniciativa para recolher todos os materiais produzidos com estes metais.[138]

Esse efeito psicológico era reforçado pela organização da Liga de Defesa Passiva Anti-aérea que distribuía folhetos e notas nos matutinos e vespertinos instruindo a população sobre o comportamento seguro em caso de possíveis bombardeios, que nunca aconteceram.[139]

A orientação principal era a constituição de um Serviço Doméstico Contra Incêndios em cada habitação que deveria ser composto por pessoas sadias, dispostas a enfrentar riscos e possuindo material de urgência como areia e baldes de água para o enfrentamento dos momentos de emergência.

Dentre estas advertências úteis aos pedestres em trânsito nas ruas e surpreendidos pelo sinal de alarme deveriam: manter a calma, abrigarem-se nas construções mais próximas (igrejas e edifícios públicos), cessar o trânsito de

---

[137] PÉRES, Op. Cit., p. 64.
[138] A TARDE, 01 de outubro de 1941, quarta-feira, n° 1.408, ano V.
[139] PÉRES, Op. Cit., p. 64.

automóveis e no caso de encontrar-se em áreas descobertas deitar de bruços no chão.[140] Em Manaus todos os que participaram do curso regional de Defesa Passiva Anti-aérea receberam certificados de eficiência e eram convocados para fiscalizar o exercício de *black-out* determinado.[141]

Esta mobilização em defesa da pátria concretizava-se na realização de medidas tomadas por instituições dos Estados e municípios. Para Monteiro, a primeira iniciativa de treinamentos em bairros com os cidadãos partiu do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro em 15 de abril de 1942. Segundo o autor esta empreitada tinha como objetivo:

> *(...) preparar a população para a defesa contra ataques aéreos com bombas incendiárias, técnica bastante utilizada naquela guerra. Os bombeiros tinham como práticas diárias, entre outras tarefas, treinar a população civil no caso de eventuais bombardeios*.[142]

O comunicado VIII da Defesa Passiva Anti-aérea relata os conselhos para os manauaras como deveriam ser os procedimentos exatos diante da atividade militar conhecida como *black-out*. Nesta ação, todas as luzes da cidade eram apagadas ao mesmo tempo para dificultar a visualização aérea noturna de possíveis aeronaves hostis.

Este comunicado (ilustração abaixo) deixa claro que o descuido de deixar uma única casa iluminada poderia ter a consequência de "arrazar uma cidade".[143]

---

[140] A TARDE, 01 de agosto de 1942, sábado, n°1.659, ano VI.
[141] A TARDE, 19 de maio de 1943, quarta-feira, nº 1.897, ano VII.
[142] MONTEIRO, Jorgemar. Op Cit. p. 89.
[143] A TARDE, 04 de agosto de 1942, terça-feira. N° 1.661, ano VI.

Defesa
PASSIVA ANTI-AÉREA
8.ª R. M. VIII 27.º B. C.
« O descuido de uma janela iluminada, durante um BLACK-OUT, póde arrazar uma cidade».
Conselhos úteis ás PESSOAS QUE SE ENCONTRAM no interior das RESIDÊNCIAS.
Este descuido pode ARRAZAR uma cidade
AO SINAL DE ALARME AÉREO:
— RECOLHER-SE AOS ABRIGOS, trincheiras ou refúgios, tendo antes
— APAGADO o gaz ou fechado a porta dos fogões a lenha (depois de abafado o fogo).
— FECHADO as janelas.
— APAGADO a luz.
— verificado se o material doméstico contra incêndio está a mão.

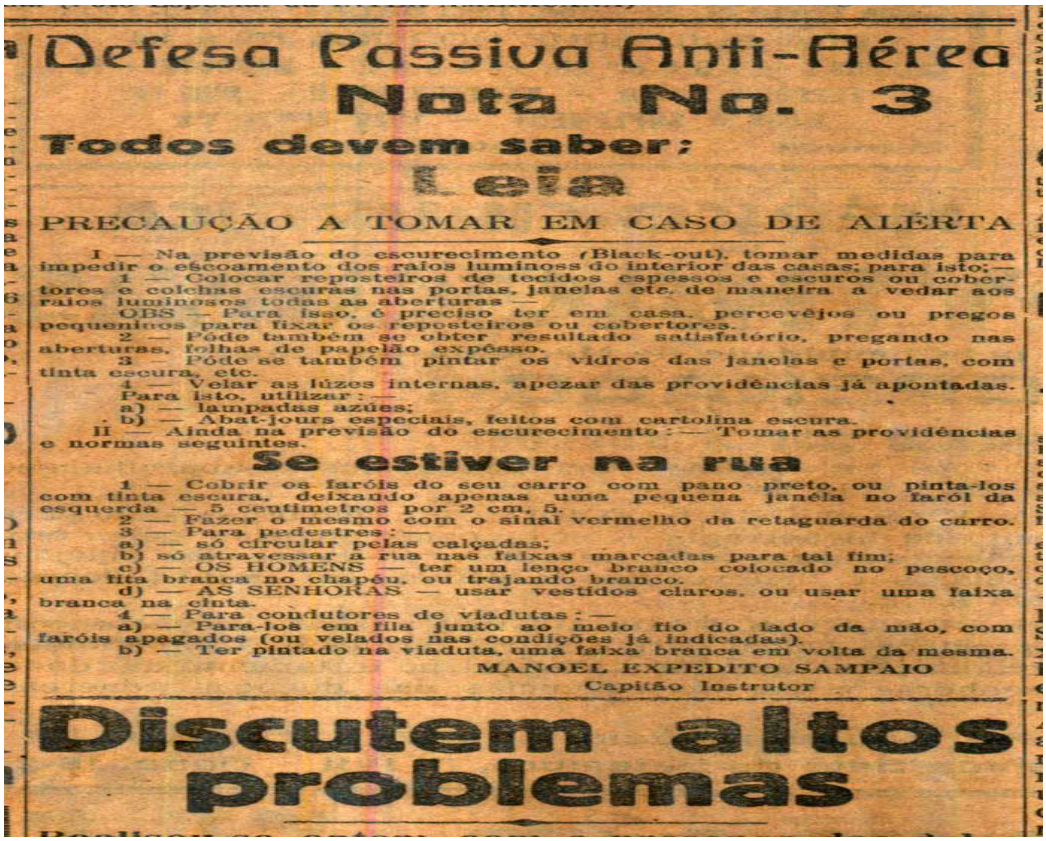
Figura 10: Precauções a serem seguidas em caso do blecaute.
Fonte: A Tarde de 04 de agosto de 1943.

A manobra do blecaute foi colocada em prática na cidade de Manaus em 18 de agosto do ano de 1942.[144] Sob a orientação do Coronel Gontran Jorge Pinheiro Cruz, então comandante do 27° Batalhão de Caçadores foram divulgadas um sistema de educação, orientações para a disciplina da consciência coletiva, instruções preparatórias para o exercício de defesa antiaérea. Utilizando a área privilegiada do Teatro Amazonas, o militar de alta patente ordenou que suas patrulhas de soldados fiscalizassem vários trechos da cidade. No vespertino *A Tarde*, temos um relato, que segundo seus executores, tratou-se de uma ação vitoriosa. Percebam que:

> *Ás vinte horas e quinze minutos foram ouvidos os sinais de alarme. A Manaus Tramways imediatamente apagou a chave geral da iluminação da cidade. As casas particulares cerraram suas portas e apagaram as luzes. A cidade ficou em completo silêncio. Parecia que dormia.*[145]

[144] A TARDE, 19 de agosto de 1942, quarta-feira, n° 1.674, ano VI.
[145] A TARDE, 19 de agosto de 1942, quarta-feira, n° 1.674, ano VI.

Nesta nota, o que mais chama à atenção, sãos as indicações para os proprietários de automóveis. Uma delas aponta para a necessidade de cobrir os faróis com tecido negro ou pintá-los com tinta escura, deixando apenas um pequeno orifício no farol esquerdo.[146] O Capitão Instrutor que assinou este documento foi Manoel Expedito Sampaio que também orientava aos cavalheiros o trajar roupas brancas ou o uso de lenço branco envolto no pescoço e fita branca nos chapéus. As senhoras deveriam usar vestimentas claras ou uma faixa alva na cintura, tudo isto para melhor visualização na escuridão.



Defesa Passiva Anti-Aérea

Nota No. 3

Todos devem saber:

Leia

PRECAUÇÃO A TOMAR EM CASO DE ALÊRTA

I — Na previsão do escurecimento (Black-out), tomar medidas para impedir o escoamento dos raios luminoss do interior das casas; para isto;—
1 — Colocar reposteiros de tecidos espessos e escuros ou cobertores e colchas escuras nas portas, janelas etc. de maneira a vedar aos raios luminosos todas as aberturas.
OBS — Para isso, é preciso ter em casa, percevêjos ou pregos pequeninos para fixar os reposteiros ou cobertores.
2 — Póde também se obter resultado satisfatório, pregando nas aberturas, folhas de papelão expêsso.
3 — Póde se também pintar os vidros das janelas e portas, com tinta escura, etc.
4 — Velar as lúzes internas, apezar das providências já apontadas.
Para isto, utilizar: —
a) — lampadas azúes;
b) — Abat-jours especiais, feitos com cartolina escura.
II — Ainda na previsão do escurecimento: — Tomar as providências e normas seguintes.

Se estiver na rua

1 — Cobrir os faróis do seu carro com pano preto, ou pinta-los com tinta escura, deixando apenas uma pequena janéla no faról da esquerda — 5 centimetros por 2 cm. 5.
2 — Fazer o mesmo com o sinal vermelho da retaguarda do carro.
3 — Para pedestres: —
a) — só circular pelas calçadas;
b) só atravessar a rua nas faixas marcadas para tal fim;
c) — OS HOMENS — ter um lenço branco colocado no pescoço, uma fita branca no chapéu, ou trajando branco.
d) — AS SENHORAS — usar vestidos claros, ou usar uma faixa branca na cinta.
4 — Para condutores de viadutas: —
a) — Para-los em fila junto ao meio fio do lado da mão, com faróis apagados (ou velados nas condições já indicadas).
b) — Ter pintado na viaduta, uma faixa branca em volta da mesma.

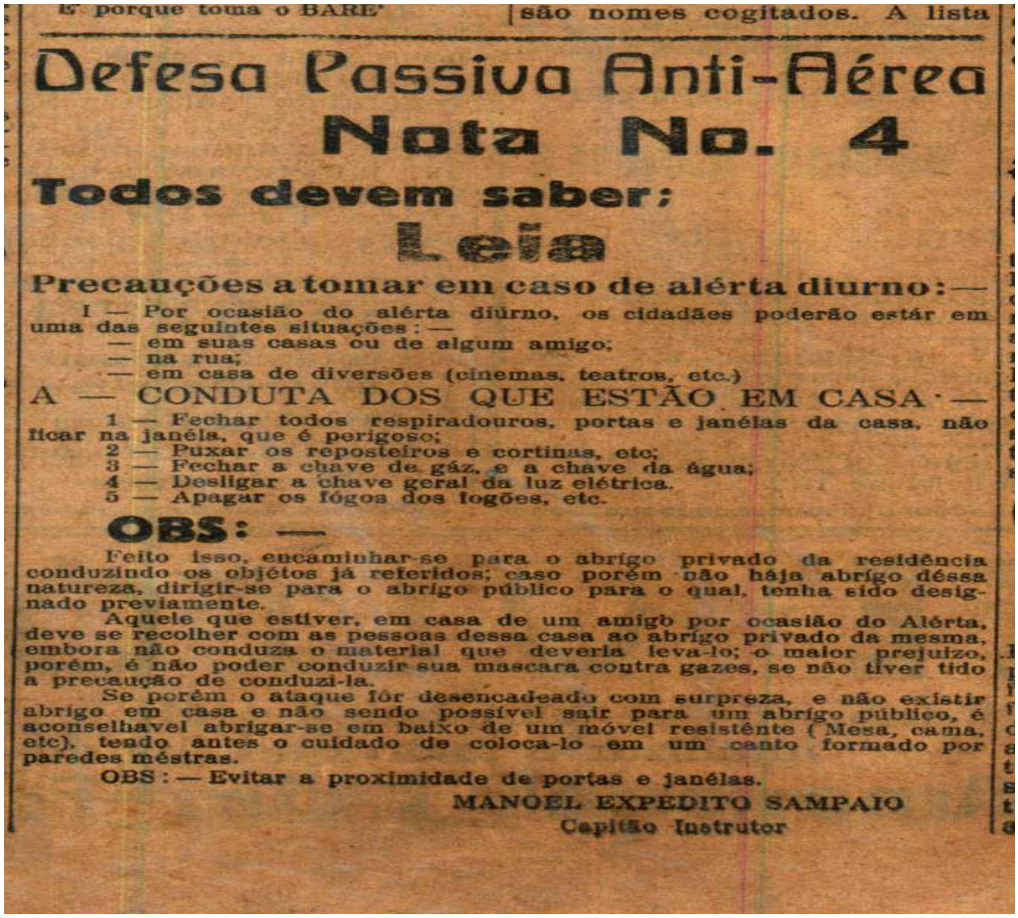
MANOEL EXPEDITO SAMPAIO
Capitão Instrutor

Discutem altos problemas

Figura 11: Precauções a serem seguidas em caso de alerta de ataque aéreo.
Fonte: *A Tarde* de 12 de outubro de 1943.

[146] A TARDE de 12 de outubro de 1943, terça-feira, n° 2.011, ano VII.

No dia seguinte, a nota publicada, diz respeito aos manauaras que estejam em suas casas durante os ataques diurnos. Estes moradores devem fechar totalmente janelas, portas e manter distância destes, além de fixarem reposteiros e cortinas escuras. No caso da pessoa estiver em casa de conhecido, deverá abrigar-se neste domicílio e alerta para o maior prejuízo, estar privado da máscara contra gazes. Também são orientados a desligarem todas as chaves do gás de cozinha e da distribuição de água encanada.[147]



porque toma o BARE' | são nomes cogitados. A lista

Defesa Passiva Anti-Aérea

Nota No. 4

Todos devem saber:

Leia

Precauções a tomar em caso de alérta diurno: —

I — Por ocasião do alérta diurno, os cidadãos poderão estár em uma das seguintes situações: —
— em suas casas ou de algum amigo;
— na rua;
— em casa de diversões (cinemas, teatros, etc.)

A — CONDUTA DOS QUE ESTÃO EM CASA — 1 — Fechar todos respiradouros, portas e janélas da casa, não ficar na janéla, que é perigoso;
2 — Puxar os reposteiros e cortinas, etc;
3 — Fechar a chave de gáz, e a chave da água;
4 — Desligar a chave geral da luz elétrica.
5 — Apagar os fógos dos fogões, etc.

OBS: —

Feito isso, encaminhar-se para o abrigo privado da residência conduzindo os objétos já referidos; caso porém não haja abrigo déssa natureza, dirigir-se para o abrigo público para o qual, tenha sido designado previamente.

Aquele que estiver, em casa de um amigo por ocasião do Alérta, deve se recolher com as pessoas dessa casa ao abrigo privado da mesma, embora não conduza o material que deveria leva-lo; o maior prejuizo, porém, é não poder conduzir sua mascara contra gazes, se não tiver tido a precaução de conduzi-la.

Se porém o ataque fôr desencadeado com surpreza, e não existir abrigo em casa e não sendo possivel sair para um abrigo público, é aconselhavel abrigar-se em baixo de um móvel resistênte (Mesa, cama, etc), tendo antes o cuidado de coloca-lo em um canto formado por paredes méstras.

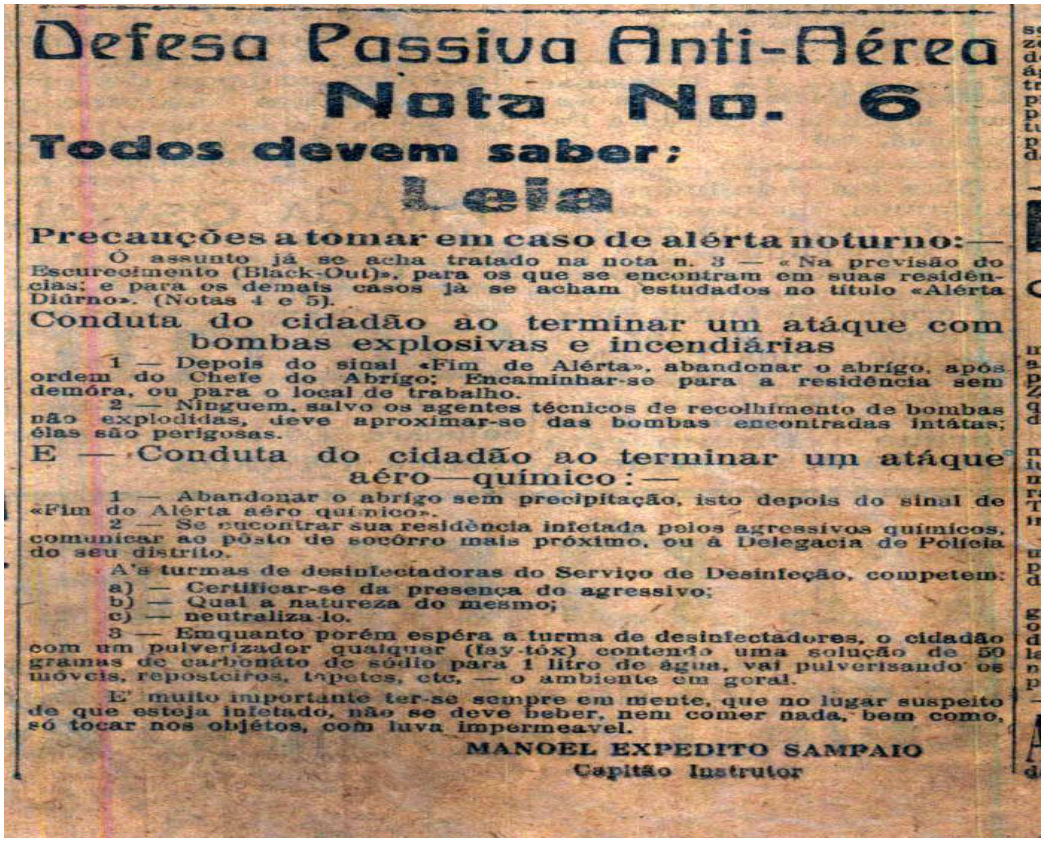
OBS: — Evitar a proximidade de portas e janélas.

MANOEL EXPEDITO SAMPAIO
Capitão Instrutor

Figura 12: Precauções a serem tomadas em ataque durante o dia.
Fonte: *A Tarde* de 13 de outubro de 1943.

Nas observações, quando não houver abrigo em casa e não conseguir dirigir-se para os edifícios públicos era aconselhável ficar em baixo dos chamados móveis resistentes como mesas e camas.

[147] A TARDE de 13 de outubro de 1943, quarta-feira, n° 2.012, ano VII.



Defesa Passiva Anti-Aérea

Nota No. 6

Todos devem saber:

Leia

Precauções a tomar em caso de alérta noturno:—

O assunto já se acha tratado na nota n. 3 — «Na previsão do Escurecimento (Black-Out)», para os que se encontram em suas residências; e para os demais casos já se acham estudados no título «Alérta Diúrno». (Notas 4 e 5).

Conduta do cidadão ao terminar um atáque com bombas explosivas e incendiárias

1 — Depois do sinal «Fim de Alérta», abandonar o abrígo, após ordem do Chefe do Abrígo; Encaminhar-se para a residência sem demóra, ou para o local de trabalho.

2 — Ninguem, salvo os agentes técnicos de recolhimento de bombas não explodidas, deve aproximar-se das bombas encontradas intátas; élas são perigosas.

E — Conduta do cidadão ao terminar um atáque aéro—químico:—

1 — Abandonar o abrígo sem precipitação, isto depois do sinal de «Fim do Alérta aéro químico».

2 — Se encontrar sua residência infetada pelos agressivos químicos, comunicar ao pôsto de socórro mais próximo, ou á Delegacia de Polícia do seu distrito.

A's turmas de desinfectadoras do Serviço de Desinfeção, competem:

a) — Certificar-se da presença do agressivo;
b) — Qual a natureza do mesmo;
c) — neutraliza-lo.

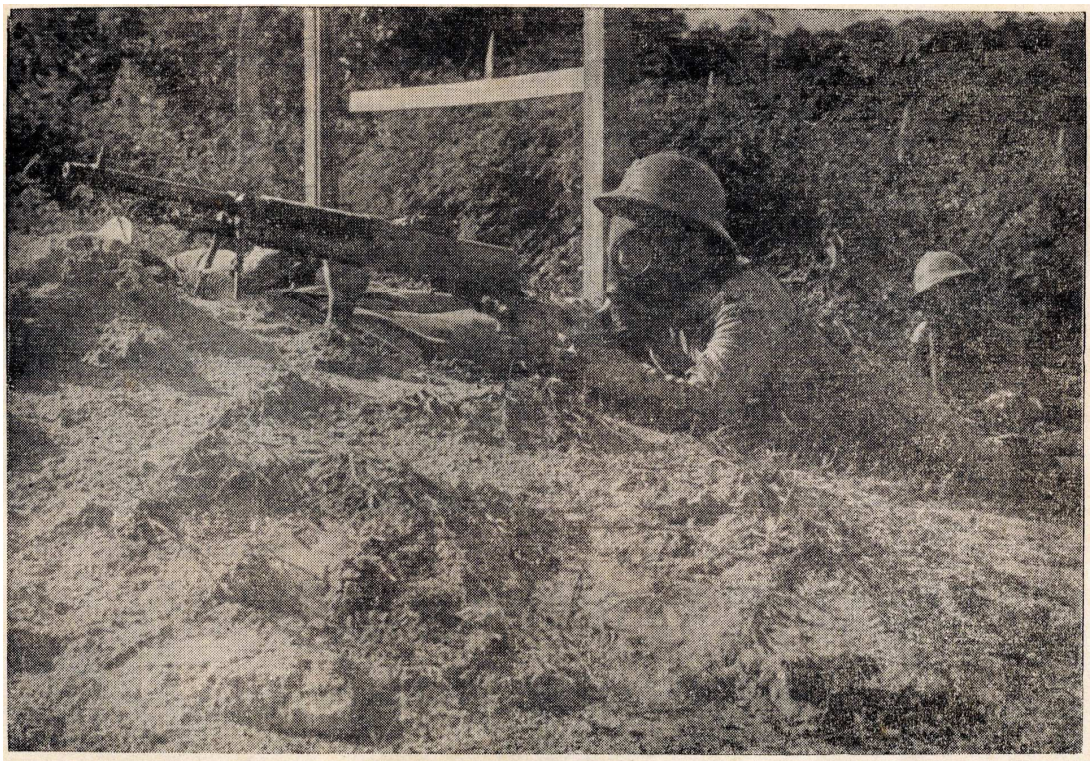
3 — Emquanto porém espéra a turma de desinfectadores, o cidadão com um pulverizador qualquer (fay-tóx) contendo uma solução de 50 gramas de carbonáto de sódio para 1 litro de água, vai pulverisando os moveis, reposteiros, tapetes, etc. — o ambiente em geral.

E' muito importante ter-se sempre em mente, que no lugar suspeito de que esteja infetado, não se deve beber, nem comer nada, bem como, só tocar nos objétos, com luva impermeavel.

MANOEL EXPEDITO SAMPAIO
Capitão Instrutor

Figura 13: Alerta contra ataque químico.
Fonte: *A Tarde*, 15 de outubro de 1943, sexta-feira, n° 2014, ano VII.

A conduta correta para os cidadãos ao cessar um ataque aéreo com bombas explosivas e incendiárias, era preciso retornar imediatamente as residências ou locais de trabalho e em hipótese alguma, deveriam aproximar-se ou tocar nos artefatos explosivos intactos e não detonadas. No caso de um ataque que utilize armas químicas as instruções também surpreendem. Após o fim do "alérta aérero-químico", todos deveriam abandonar os abrigos com calma. As residências infectadas pelos "*agressivos químicos*" seria comunicado imediatamente às autoridades policiais do distrito mais próximo. A partir deste primeiro procedimento, o "Serviço de Desinfectadores" entraria em ação. Eles certificavam-se da presença do "agressivo", qual sua natureza e só então, colocariam em prática o processo de neutralização do veneno.



O Brasil môço se prepára em todos os setôres. Vemos um sargento da Fôrça Publica, munido de máscara anti-gaz, em posição de emergencia de fôgo, numa das instruções da Companhia de Metralhadôras.

Figura 14: Treinamento militar.
Fonte: A visita do Presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas. Propaganda amazonense. Imprensa Pública, Manaus – 1940.

O cidadão também poderia contribuir com este processo de desinfecção, pulverizando uma solução de cinquenta gramas de carbonato de sódio misturado em 01 litro de água em todos os móveis do ambiente. A nota também alerta para a não ingestão de água ou qualquer alimento com o menor indício de contaminação. O contato com qualquer objeto da casa só seria permitido com a utilização de uma luva impermeável.[148]

No Quartel da Força Policial do Estado em seu pátio interno, sob a direção do major Gonzaga Pinheiro, realizou-se o segundo exercício de salvamento contra incêndios provocados por ataques aéreos. Executaram-se provas práticas ministradas por militares e soldados do Corpo de Bombeiros.[149]

[148] A TARDE, 15 de outubro de 1943, sexta-feira, nº 2.014, ano VII.
[149] A TARDE, 09 de abril de 1943, sexta-feira, n° 1.866, ano VII.

SÃO PAULO, 18 (Meridional)—A Secretaria da Agricultura está estudando a possibilidade do aproveitamento das mangabeiras para a extração da borracha.

TEMEM A INVASÃO ALIADA

Os eixistas preparam-se para enfrentar um desembarque no continente europeu

E' geral a reclamação contra a falta dágua

Apêlos de todos os lados são dirigidos á nossa redação

MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

UM VESPERTINO QUE SERA SEMPRE O ARAUTO DAS ASPIRAÇÕES POPULARES

A TARDE

1943 JUNHO 18 Sexta-feira

NÚMERO 1.923 | PROPRIEDADE E DIREÇÃO DE ARISTOPHANO ANTONY | ANO VII

BLACK-OUT

Hoje todo o território brasileiro ficará às escuras, por duas horas. O povo deve compreender as responsabilidades decorrentes desses exercícios e cooperar, para o obtenção do máximo êxito. Cumprir com o seu dever, durante a duração do «black-out», é obedecer ás ordens emanadas do Presidente da República, que o determinou.

O que pode acontecer...

...bebermos leite puro, por falta de agua nas torneiras...

PLANTÃO

Chegaram a Sevilha quarenta sobreviventes de um navio torpedeado

Prorrogado o praso para a apresentação de Téses, ao X Congresso Brasileiro de Geografia

DO

A TARDE, solidária com a campanha patrocinada pelo Presidente Getulio Vargas, circulará em edição especial, na 8ª semana do «Mês Nacional da Borracha», em homenagem aos que trabalham no sentido de aumentar a produção de nossa goma elástica, a-fim-de, assim, concorrer para a VITÓRIA das Nações Unidas.

CHEFE NAVAL VITORIOSO:

MAIS DOSE MOEDAS PARA A NUMISMÁTICA

De ordem do sr. Secretario Geral

O sr. Tancredo Moreira Lima presidirá ao inquérito derredor a ação dos contraventores

DIRIGE-SE a Ottawa

Figura 15: Notícias sobre o Black-out em Manaus.
Fonte: *A Tarde*, 17 de junho de 1943, quinta-feira, n° 1.922, ano VII.

Em 1943, o Dr. Rui Araújo na pasta de Secretário Geral do Estado do Amazonas e chefe do Serviço de Defesa Passiva Anti-aérea em sintonia com o capitão Luiz França também empreenderam um blecaute que teve uma extensão de todo o território nacional, que segundo os jornais apresentou alguns problemas. Nos bairros de São Raimundo e Educandos uma serraria e uma fábrica mantiveram suas luzes acesas por muito tempo, fato resolvido com a intervenção dos fiscais.[150] Mesmo assim, houve o escurecimento total da cidade com uma duração mínima de 2 horas e anunciado pelos apitos das fábricas, badaladas dos sinos dos templos religiosos, sirenes dos jornais e o apitar das embarcações ancoradas no porto, no igarapé de Manaus e na orla dos bairros de São Raimundo e Educandos.[151]

Neste mesmo ano de 1943, temos a informação de uma operação de "Guerra Simulada", ou seja, um plano orquestrado de combate que os soldados utilizaram fuzis e

[150] A TARDE, 05 de maio de 1943, quarta-feira, n° 1.885, ano VII.
[151] A TARDE, 17 de junho de 1943, quinta-feira, n° 1.922, ano VII.

metralhadoras com munição de festim, este teatro de operações se desenrolou nas proximidades do bairro de São Raimundo.[152]

Este clima de animosidade contra os cidadãos e simpatizantes dos países que formavam o III Eixo (Alemanha, Itália e Japão) foi potencializado pelo torpedeamento de navios nacionais na costa brasileira.

Uma destas embarcações levada a pique foi o paquete Baependy que rotineiramente fazia o percurso Manaus ao Rio de Janeiro e fora torpedeado no Atlântico. Neste trágico incidente, vários amazonenses perderam a vida.[153] Este fato corroborou para atitudes violentas contra quem estivesse próximo das nações *"germanófilas"*. Péres assim relata:

> *Como ainda não havia japoneses, concentrados que estavam no baixo Amazonas, a fúria popular se abateu sobre os bens de italianos, alemães e pessoas de qualquer nacionalidade conhecidas como germanófilas. O primeiro alvo foi o consulado da Alemanha, situado na Joaquim Nabuco, nos altos do prédio de dois pavimentos, que ainda hoje existe, próximo à avenida 7 de Setembro, onde vi muitas vezes desfraldada a bandeira alemã com a suástica. Fui testemunha ocular do saque ao consulado, que é das mais remotas lembranças de infância.*[154]

Quanto aos japoneses, têm-se notícias da presença dos *Koutakuseis*[155] no início da década de 1930 nos municípios de Maués e Parintins trabalhando nas plantações de guaraná e juta, respectivamente. Posteriormente, temos a fundação da Colônia Bela Vista que abrangia uma grande extensão até o município de Manacapuru e da Colônia Efigênio Salles.[156]

A professora Michele Eduarda Sá alerta que a partir do momento que as relações internacionais firmadas sobre interesses sucumbem automaticamente no desequilíbrio destes acordos, para a pesquisadora, "foi o que aconteceu quando o Brasil, aproximando-se cada vez mais dos Estados Unidos, perseguiu os imigrantes japoneses

---

[152] A TARDE, 14 de abril de 1943, quarta-feira, n° 1.870, ano VII
[153] MELLO, op. cit., p. 65.
[154] PÉRES, op. cit., 59-60.
[155] Docentes da recém-fundada *Kokushikan Koutou Takushoku Gakkou* que na língua portuguesa significa Escola Superior de Colonização.
[156] KAWADA, Takuya. **Histórico da Imigração Japonesa no Estado do Amazonas**. Edição comemorativa do Centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil – Japão, 1895 – 1995. Obra patrocinada pela Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM).

na época da Segunda Guerra, criando até mesmo "campos de concentração", para onde eles foram levados".[157] Além da reclusão, também tiveram suas terras confiscadas e leiloadas. Ao ponto que o deputado Tsukasa Uetsuka, um dos maiores entusiastas e incentivadores da migração nipônica para o Brasil tentou reverter o arremate das propriedades, mas já era tarde demais.

Outro fato que chama a atenção, neste turbilhão de violência, surto de agressões e depredações cometidas por uma turba nervosa e incontrolável. Ao cessaram os atos agressivos, as hostilidades verbais, continuavam manifestadas por "insulto aberto, da negativa de cumprimento, ou de denúncias anônimas e nunca comprovadas de quinta-colunismo".[158]Assim temos em uma revista bastante conhecida na cidade de Manaus.

Na gravura estão reproduzidos três cartazes de propaganda contra a "quinta coluna", iniciativa particular que recebeu a aprovação do Departamento de Imprensa e Propaganda. No momento em que o Governo põe em execução medidas preventivas da ação dos inimigos do Brasil, nem é preciso encarecer o valôr dessa propaganda inteligente e inersiva que visa alertar todos os brasileiros contra as manobras funestas dos quintacolunistas, aos quais a Nação já deve tantos momentos de angustia e de lutas como no caso do afundamento de nossos navios.

("Diario da Tarde", Manaus, 16/5/42).

Figura 16: Campanha contraespionagem do DIP.
Fonte: *Revista Amazonida*, Manaus – maio de 1942, n° 63, ano VII.

[157] SÁ, Michele Eduarda Brasil de. **A imigração japonesa no Amazonas à luz da teoria das relações internacionais.** Michele Eduarda Brasil de Sá. – Manaus: EDUA, 2010. p. 73.
[158] PÉRES, Op. Cit., p. 63.

Na gravura encontramos três cartazes do DIP que traziam mensagens de atenção e combate contra a espionagem de estrangeiros. Com cuidado maior para cidadãos alemães, japoneses e italianos. No primeiro cartaz, os dizeres alertam para homens que possuem comportamentos estranhos e que escondem segredos, ou seja, informações sobre o país. Na segunda imagem os espiões são representados por uma víbora, que na tradição cristã representa a traição e o braço forte do Estado Novo asfixia a serpente como cautela e defesa da nação brasileira. Para finalizar, temos homens na penumbra em situação suspeita, ao que tudo indica tramando alguma coisa muito perigosa. As letras garrafais alertam para a presença de "inimigos do Brasil" e por isto, todos os brasileiros deveriam estar de olhos e ouvidos bem abertos. Toda esta massiva propaganda contra o quinta-colunismo, também incentivaria a denúncia anônima, a delação contra estas "manobras funestas".

Um imigrante foi obrigado a modificar o alusivo nome de sua propriedade na Rua 24 de maio de Vila Itália para uma homenagem aos que sofreram ataques dos submarinos alemães, ou seja, tornou-se Vila Baependi.[159]

Em diversas capitais brasileiras estas hostilidades também foram registradas. Alfredo Salum relata que:

> *Em Vitória, o povo depredou um bar alemão e a agência da farmacêutica Bayer. Em Florianópolis, ocorreu o mesmo com imóveis e residências de alemães. Em Pernambuco, escritórios de firmas alemães foram destruídos e objetos metálicos foram levados ao depósito da Companhia de Material para Marinha do Brasil.*[160]

O embate ideológico também se fazia presente, tenho o exemplo de uma entidade que preconizava o combate severo contra todos aqueles que estivessem próximos das nações do Eixo. A Liga Amazonense Contra o Eixo (LACE) pregavam a vigilância constante e a posição irredutível na missão de sacrificar tudo em defesa da honra e da dignidade do país. Seu símbolo era a letra V em cores nacionais. No seu estatuto em trechos publicados em agosto de 1942 eles defendiam:

---

[159] PÉRES, Op. Cit., p. 63.
[160] SALUN, Alfredo Oscar. **"Zé Carioca vai à guerra: histórias e memórias sobre a FEB** / Alfredo Oscar Salun; Prefácio de Antonio Tota. – São Paulo: Edições Pulsar, 2004. p. 25.

> *I- Empregar todos os meios intelectuais, morais e matéria; no combate ao eixo, representados pelas nações que o compõem ou outras que surgirem com os mesmos princípios de barbárie, embora com rótulos diferentes.*
> *VI- Evitar precipitações ou julgamentos prematuros, de pessoas nazistas ou quinta-colunistas, e somente depois de apurado procedimento ou atividades contrárias aos interesses nacionais, denuncia-las, legalmente, na forma da lei.*[161]

Vale ressaltar que em período que abrange principalmente a segunda metade do ano de 1943 no vespertino *A Tarde* é frequente a presença de charges utilizando o humor para ridicularizar os principais líderes do Eixo: Mussolini e Hitler. As gravuras são divulgadas pelo *Serviço de Notícias Inglês*, por isso a imagem do primeiro-ministro britânico Churchill está vinculada com a vitória e no caso abaixo, o pavor dos generais alemães só ao observarem a fumaça do charuto que sempre o acompanhou. O aviso direto a Heinrich Himmler era proposital, pois era considerado um dos oficiais mais poderosos da Alemanha. Liderou a *SS*[162] e também assumiu o posto de comandante da *Gestapo.*[163]

[161] A TARDE, 15 de agosto de 1942, sábado, n° 1.671, ano VI.
[162] SS, iniciais *de Schutszataffel* ou *Esquadrão de Proteção*, tratava-se da guarda de elite do Partido Nazista um ótimo trabalho sobre o tema encontra-se em WILLIAMSON, Gordon. A SS: O instrumento de terror de Hitler: A história completa, desde combatentes de rua até as Waffen-SS / Gordon Williamson; tradução Roberson Melo. – São Paulo: Editora Escala, 2008.
[163] *Gestapo* siglas de *Geheime Staats Polizei* ou *Polícia Secreta do Estado* do regime hitlerista. Para mais informações temos a obra de BUTLER, Rupert. A Gestapo: A história da polícia secreta de Hitler: 1933 - 1945 / Rupert Butler; tradução Emanuel Mendes Rodrigues. – São Paulo; Editora Escala, 2008.

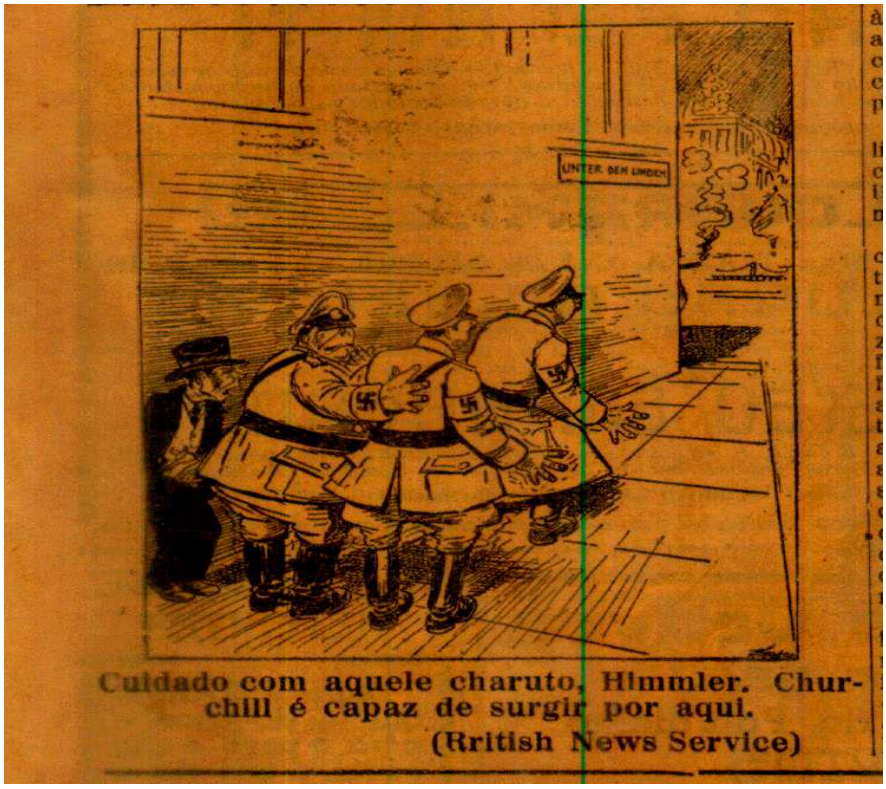


Figura 17: Charge do Alto Comando de Hitler temendo Winston Churchill.
Fonte: *A Tarde* de 25 de setembro de 1943, n° 1.998.

Aqui nesta outra imagem, vemos a representação da morte com o seu manto negro, a longa foice e arrastando um mecanismo bélico com um cadáver de um soldado do *"Exército vermelho"*. O rastro de corpos, ossos humanos e árvores chamuscadas monta um cenário de devastação germânica na Europa oriental.

Ilustração 18: O rastro de morte nazista
Fonte: *A Tarde*, 30 de setembro de 1943.

Na ilustração abaixo, vemos o Il Duce Benito Mussolini e o Fuhrer Hitler presentes a uma fila de desempregados, buscando uma nova relação empregatícia. Quando questionado sobre a última ocupação, o líder alemão responde que é ex-ditador. Enquanto, Mussolini atrás está envergonhado, trajando roupas de fazenda de menor qualidade e carregando utensílios de limpeza.

Figura 19: Mostrando Mussolini e Hitler desempregados.
Fonte: *A Tarde* de 11 de setembro de 1943, n° 1.986.

O discurso confiante do Ministro da Propaganda nazista, Goebbels com microfone nas mãos foge do ataque das bombas inglesas. No detalhe observe, que até a própria imagem de Hitler em uma fotografia na parede também "bate em retirada" diante do bombardeio da RAF (Força Aérea Real) da Inglaterra.[164]

[164] A TARDE, 15 de setembro de 1943, quarta-feira, n° 1.989, ano VII.

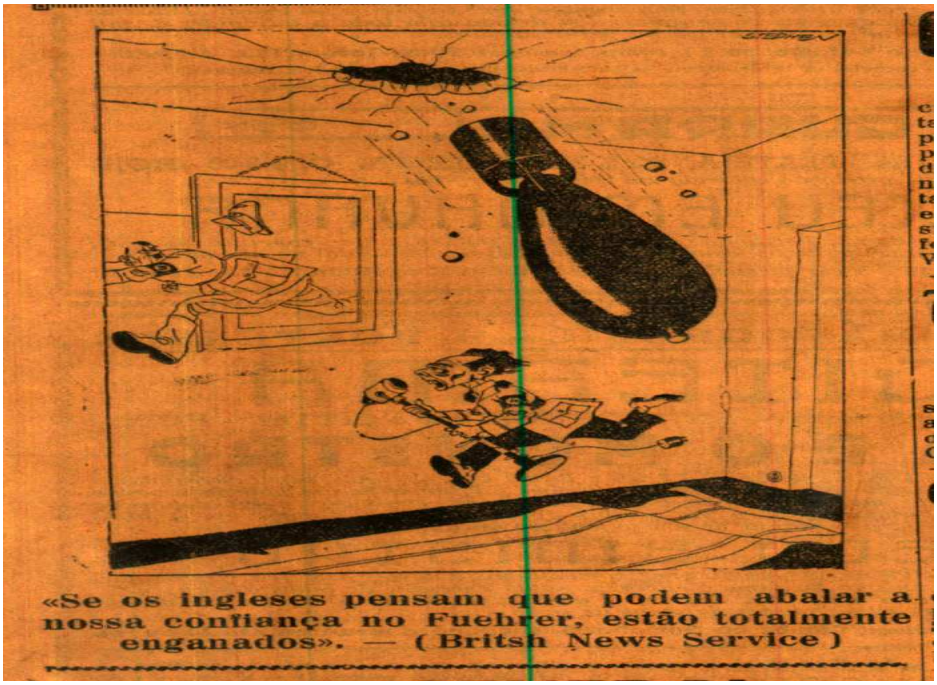


Figura 20: Goebbels e Hitler "batem em retirada".
Fonte: *A Tarde* de 15 de setembro de 1943, n° 1.989.

Com o desenrolar das movimentações de tropas na Europa e o avanço dos combates, o Estado brasileiro através do Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra preocupava-se com segurança do país. Além de desenvolver um imaginário de guerra e de espionagem que recaía com maior intensidade sobre migrantes destas nações.

Segundo Monteiro, estes boatos que ecoaram na cidade do Rio de Janeiro e do sul do país, onde existia a presença significativa de migrantes e descendentes da Alemanha, Itália e Japão. O estudioso traz um caso de grande repercussão em Manaus. Percebam:

> *Enquanto isso, o Diário da Tarde, de Manaus, comentava com grande destaque, a prisão do padre Emílio Indelekofer, chefe dos escoteiros de uma localidade de ilhéus, efetuada pela polícia daquela jurisprudência. Foram encontrados em seu poder cópias de propagandas integralistas e nazistas, causando surpresa geral à sociedade manauara.*[165]

[165] MONTEIRO, Jorgemar. Op. Cit., p. 16.

Em notas sobre a atuação da Delegacia de Segurança Política e Social dispomos de duas situações que ilustram estas conflagrações de uma sociedade que sente os reflexos das disputas armadas na Europa. O escrivão Pery Toledo abre um rigoroso inquérito que envolve os trabalhadores operários Osvaldo Salgado e Edson Gondim, por terem desenhado a cruz gamada nazista, em várias máquinas da fábrica onde eram funcionários, enquanto seu patrão viajava para outro Estado da Federação.[166]

Podemos dizer que o caso dos trabalhadores Osvaldo e Edson não tenha ligação direta com o nazi-fascismo ou a corrente integralista do jornalista Plínio Salgado [167], tratava-se, de uma forma de colocar em cheque a relação diária de trabalho e como o momento de vigilância e policiamento orientado pelo Estado Novo era considerável, estes trabalhadores não escaparam da vigilância instalada.

Já Jorge Gomes Cardia foi acusado de ter criticado com veemência, utilizando termos pejorativos, censurando as leis trabalhistas e fazendo uso de impropérios contra as autoridades constituídas do país e também foi recolhido ao cárcere para dar os devidos esclarecimentos.[168]

Em junho de 1941, ocorreu um fato que envolvia um "elemento estrangeiro" que se encontrava em botequim da cidade e foi flagrado desrespeitando o "benemérito presidente Getulio Vargas". E o vespertino orienta as forças policiais que infiltrem "agentes secretos" nestes ambientes e desta maneira, seria possível limpar a "cidade de certa cafila de maus elementos que, pregoeiros de uma doutrina repudiada, costumam agir na sombra e impunemente".[169]

Ressalto que o comentário final do jornal parabenizava a atitude da polícia. A necessidade de reprimir estes "maus elementos" que insultam as autoridades brasileiras e manter a vigilância sobre outros indivíduos semelhantes que "por aí andam e precisam

---

[166] A TARDE, 29 de julho de 1942, quarta-feira, n° 1.656, ano VI.

[167] *"A organização mais importante, aquela que conseguiu absorver e englobar quase todas as outras foi a Ação Integralista Brasileira (AIB). A figura central do integralismo foi Plínio Salgado. Nasceu em 1895, em São Bento do Sapucaí, em São Paulo, de uma família sem recursos. Teve uma educação estritamente conservadora e católica. Cedo entra na política. Em 1920, vem a capital paulista para trabalhar como jornalista no Correio Paulistano e no Partido Republicano Paulista. Esta agrupação exprimia os interesses dos grandes cafeicultores e era o principal pilar da República oligárquica. Plínio Salgado como jornalista, escritor e político avança sob a sua cobertura, elegendo-se deputado em 1927"*. In DEL, Roio, José Luíz. **O que todo cidadão deve saber sobre fascismo** / José Luiz Del Roio. – São Paulo: Global, 1987. (Cadernos de educação política). Série trabalho e capital; v. 20, p. 59. É bom ressaltar, que as organizações integralistas já tinham sido colocadas na ilegalidade, assim como os partidos políticos em 02 de dezembro de1937 por decreto de Getúlio Vargas.

[168] A TARDE, 29 de julho de 1942, quarta-feira, n° 1.656, ano VI.

[169] A TARDE, 30 de junho de 1941, segunda-feira, n° 1.329, ano V.

ser observados com especial cuidado, pois são partidários, certamente, de doutrinas suspeitas e condenadas pelo estado Novo".[170]

Também foi nas páginas dos matutinos e vespertinos que a população amazonense ficou a par do armistício do embate que se arrastava e que tinha nas águas do Pacífico o desenrolar dos seus últimos capítulos.

Segundo Azancoth as notícias radiofônicas "não chegavam até a população pobre" e ao ouvir o soar das sirenes do *Jornal do Commercio* e de *O Jornal* que ficavam na Avenida Eduardo Ribeiro, os habitantes corriam e sobre cotoveladas e formando pequena multidão foram surpreendidos pelas notas expostas nos murais em frente das respectivas redações: "A bomba atômica foi lançada sobre Hiroxima e Nagasaki! O Japão rende-se! A guerra acabou!"[171].

Para Para Hobsbawm, quando se fala de II Grande Guerra Mundial, fala-se de uma verdadeira aula de geografia do mundo.[172] Para os citadinos de Manaus foram importantes ensinamentos na área disciplina geografia com um diferencial, algumas pitadas do melhor da literatura de espionagem e contraespionagem.

[170] A TARDE, 31 de maio de 1941, sábado, n° .1305, ano V.
[171] Os anos em que vivemos na escuridão. Ediney Azancoth in MARINHO, José Joaquim Marques. **Manaus, meu sonho**./ Organizador José Joaquim Marques Marinho. – Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus, ManausCult, 2010. p. 87-88.
[172] HOBSBAWM, Eric. Op. Cit. p. 32.

CAPÍTULO IV
NAS MARGENS DE OUTRA CIDADE

RUAS OCUPADAS PELOS *"SOLDADOS DE LÁZARO"*

As ruas estavam dominadas pelos "soldados de Lázaro" assim anunciavam os periódicos. Havia queixas do latido ensurdecedor que não permitia o repouso merecido dos manauaras. Além de lembrar sobre as soturnas visitas nas latas de lixo, lugar predileto dos conhecidos "vira-latas" que invariavelmente esmeram-se na missão diária de satisfazer a sua própria fome canina. Essa matilha que se espalhavam pelos quarteirões da cidade, tinham inúmeros epítetos, eram:

> *Cachorro sem dono, cachorro da-rua, cachorro-pirênto, cachorro-vagabundo, chame-se ele "Pinga-fôgo" ou "Veludo", "Quebra-ferro" ou "Pirulito", "Faz raiva" ou "Totó", a verdade é que o "vira-lata" incontestavelmente é o grande filósofo da rua. Não tem bairro próprio, não tem campo de ação limitado a este ou aquele quarteirão. Todas as ruas lhe pertencem, onde quer que se encontre é sempre o mesmo "homem". Ora dando, ora apanhando, uma vezes acuado, outras acuando, o "vira-lata" percorre a cidade inteira, todos os dias, com a passagem indispensável pelo Mercado. Faz a tortura dos motoristas da Tramways quando se enrosca sobre o trilho; é o desespero dos "chauffeurs" quando se estira ao meio das estradas, para um banho de sol. Pode o bonde arrebentar a campa, pode o auto espatifar a busina, o "vira-lata" só se afasta quando o veículo lhe está quase em cima. Grande malandro, muitas vezes finge-se aleijado andando só com três pernas, a quarta suspensa, para inspirar piedade aos "lobos" valentões.*[173]

[173] GENESINO, Braga. Vida de cachorro. A TARDE, 31 de maio de 1941, sábado, n° 1.305, ano V.

Diferente do cachorro Jabá que vivia no seio de uma família trabalhadora, os vira-latas denunciados por Genesino Braga são habitantes das ruas e responsáveis diretos, principalmente pela perturbação do sossego das pessoas.

Estes animais urbanos se dispersavam por todos os espaços e desfrutavam uma "vida de cachorro" literalmente, ou seja, eles são sempre associados à ociosidade. Vadios que aproveitavam as noites inteiras para produzir uma algazarra sonora e durante o dia o seu ofício principal era atrapalhar o trânsito dos bondes e dos automóveis. Não se importando de maneira nenhuma com o ritmo da cidade e por isso vai se comportando como um "grande malandro" e demonstrando total indiferença aos cidadãos e às suas leis humanas.[174] Estes são os principais ofícios e práticas destes "boêmios filósofos", o devir cético daqueles que não se importam com as convenções humanas e a ordem. Alguns acusam os comerciantes de carne de sustentar esta matilha de "desocupados" que sempre visitam o Mercado Público.

Além do mais, Braga muito espirituosamente propõe uma maneira de retirar das ruas manauaras estes "malandros". Utilizando de uma manobra inteligente e enganando os animais com ossos e despachando-os na Ilha de Marapatá, onde segundo o autor eles não perturbariam mais ninguém.

A população assistia ao espetáculo da falta de coleta do lixo doméstico e claro, isto contribuía para que as "matilhas insuportáveis" de vira-latas invadissem os repositórios, atirando o detrito nas calçadas e pelas ruas. E o vespertino clamava por providências para acabar de vez com esta "cainçalha infernal".[175]

A preocupação com os animais perambulando pelas principais ruas da cidade, principalmente os porcos que segundo alguns praticavam "footing" livremente sem serem molestados. A pergunta colocada pela população era simples se havia um Código de Posturas que proibia criar animais soltos na zona urbana era preciso que a norma fosse cumprida.[176]

Esta situação chegou a virar caso de polícia. Temos o "caso de uma devastação ovina" que ocorreu na Rua Joaquim Nabuco. Um certo Sr. Tércio teve que comparecer diante da autoridade policial para dar explicações sobre seus porcos, "animados de maus

---

[174] Código de Posturas do Município de Manaus, 1938. *Art. 693- É proibido ter cães, sem os registrar anualmente na Prefeitura Municipal.*

[175] A TARDE, 08 de maio de 1943, sábado, n° 1.888, ano VII.

[176] Código de Postura do Município de Manaus, 1938. *Art. 690- É proibido ter soltos pelas ruas da cidade e subúrbios, carneiros, cabras, porcos, cavalos, muares, vacas e mais quadrúpedes, bem assim galinhas, perús e quaisquer aves domésticas, sob pena de multa aos respectivos donos: de 50$000 quando se tratar de gado e de 10$000, quando referir-se a aves.*

propósitos" que viviam invadindo os galinheiros da vizinhança e devoravam todos os ovos que encontravam. O dono dos suínos não negou o ocorrido, mas ficou muito inconformado pelas queixas, pois já tinha tomado providências antecipadas para sanar "as práticas contra os poleiros alheios". Segundo ele, "já se prontificara a idenisar os ovos, devorados pela sua vara de porcos iconoclastas, apesar de saber que vai pagar, com isso, um bom dinheiro, pois os vizinhos prejudicados alegam que os ovos devorados, eram de...raça".

Nesta comédia real do reino animal, os porcos comeram os ovos das galinhas de primeira estirpe e o senhor Tércio foi que pagou o "pato".[177]

As matilhas insuportáveis de cães e suínos alimentavam-se do lixo depositado nas calçadas e locais inapropriados para a remoção e coleta diária dos dejetos.

Era prática comum os leitores enviarem cartas aos editores dos noticiários fazendo suas queixas e na maioria das vezes anônimas. Em epístola enviada dia 12 de maio de 1943, temos denúncias de falta de casas e cômodos para alugar na cidade de Manaus. E nas poucas linhas escritas temos uma pequena radiografia da situação dos "infelizes chefes de família" que tem como única alternativa é rumar para:

> *(...) os subúrbios da cidade, onde tudo é difícil inclusive o transporte. Famílias numerosas vivem mal acomodadas e impossibilitadas de confortar os próprios filhos, para satisfazer a ganancia dos oportunistas. Que fazer.*
> *No centro da Cidade existem ruas inteiras habitadas pelo meretricio. O meretrício pode ser localizado em qualquer outra parte da cidade, podendo servir, a que fosse desocupada por ele, para resolver o angustioso que constitue a falta de comodos em Manaus.*[178]

Carlos Mendonça também teceu comentários e construiu análises, mesmo que tímidas – mas importantes – a cerca dos problemas regionais da Amazônia, é claro seguindo a linha política traçada pelo Estado Novo. Trazemos para pautar o seu discurso que fora proferido em reunião na Associação Comercial do Pará no dia 06 de outubro 1940. Em Ângulos do problema amazônico verificou que:

> *(...) enquanto o interior da Amasonia se fossilisa numa vida vegetativa e definhante, á endemias á falta de um saneamento*

[177] DIÁRIO DA TARDE. 17 de julho de 1946, n° 3.283, ano X.
[178] A TARDE, 14 de maio de 1943, sexta-feira, n° 1.893, ano VII.

> *vigoroso e metodisado, - a capital cresce a sua área urbana e aumenta o quadro demográfico, atraindo para as suas numerosas fabricas o homem válido que mourejava á margem dos rios, no exercício da pesca ou das lavouras, e provocando desta forma outros desequilíbrios sociais, como sejam – o problema das habitações, do pauperismo, da sub-nutrição, da educação infantil, para não demorar o exame, neste aspecto angustiante da questão: a insuficiência das rendas municipais da comuna da capital para atender aos reclamos e necessidades mais urgentes do urbanismo, como água, luz, escolas, mercados e limpeza, mau grado o esforço e boa vontade do chefe do Estado*.[179]

A pressão popular existia nas reivindicações por melhorias em vários âmbitos como podemos verificar nas denúncias da falta de água nas torneiras.

> *(...) Em Manáos, a não ser talvez as casas em que há hydrometros, em quase todas as outras (e estas representam sua grande maioria) há torneiras deterioradas, arruinadas completamente e cada uma destas torneiras, extravasando dia e noite tão precioso liquido desperdiça muito mais água do que a necessária para o consumo da própria casa.*[180]

Além do mais um leitor não identificado além de fazer a denuncia sobre o desperdício de água, também opinou no sentido de orientar os que têm a obrigação de gerir o abastecimento, a criação de "turmas" para percorrerem diariamente as localidades onde se encontram instalados os "hydrometros" e exigir que os proprietários ou responsáveis consertem ou substituam suas torneiras em um prazo de cinco dias, caso contrário haveria o corte do serviço e ressalta que essas medidas devem ser para todos os munícipes e sublinha "sem exceção, vá de pedreiro a barão.[181]

A esperança que a partir do término da guerra em solo europeu[182], principalmente no que se referia aos preços dos gêneros de primeira necessidade que se tornariam menos exorbitantes e que afetavam a vida cotidiana de forma considerável, não foi verificada. Assim temos o registro que:

---

[179] MENDONÇA, Carlos. **Ângulos do problema Amazônico**/Carlos Mendonça (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002. p.15.
[180] A TARDE, 10 de janeiro de 1941, sexta-feira, nº 1.188, ano V.
[181] A TARDE, 10 de janeiro de 1941, sexta-feira, nº 1.188, ano V.
[182] O combate entre japoneses e americanos se prolongava. Com a justificativa de encerrar de vez o conflito, os estados Unidos lançaram bombas atômicas sobre as cidades de Hiroxima e Nagasaki destruindo-as. No dia 2 de setembro de 1945 os japoneses assinavam a bordo do encouraçado Missouri a sua Carta de Rendição.

> *Por uma conspiração de circunstancias, a carestia de vida não desapareceu após a guerra. Pelo contrário, cresceu em proporções, e o nosso habitante, nos dias serenos de hoje, quando as últimas fumaças escuras já foram varridas dos campos onde se feriram os combates, ainda permanece pagando exorbitâncias pelos produtos de que necessita (...)*[183]

As denúncias abertas sobre os problemas urbanos eram usuais, percebam:

> *Enquanto isso os serviços de utilidade pública continuam sem solução. Água, esgoto, luz, transportes, alimentação, assistência social, saúde pública, higiene geral, desenvolvimento rural, habitações de todos os gêneros, tudo esta paralizado, pois que continua a política econômica do saldo, do cambio negro administrativo, cujos proveitos (todos sabem) são sempre para alguém digno da confiança palaciana (...)*[184]

Edney Azancoth viu do alto da *Baixa da Égua* no bairro de Educandos a instalação do chamado cabo C que se erguiam morro acima energia elétrica produzida em navio-usina, comprado como sucata dos britânicos quando a guerra acabou. Esse privilégio era apenas para "quem tivesse dinheiro e amigos políticos influentes". Por causa das péssimas condições do desgastado maquinário a quantidade de energia não conseguiu suprir a necessidade da cidade trazendo novamente a escuridão.

> *Nos anos quarenta e cinquenta, aprendemos a conviver com a escuridão. Nos tornamos uma geração de homens-morcegos que, ao caminharmos pela escuridão da noite, só acendíamos as lanternas ao pressentirmos a presença próxima de um poste de ferro com o seu lampião apagado ou os passos de outro homem-morcego que caminhava em sentido oposto.*[185]

Esta cidade de contradições apresenta especificidades difíceis de ocultar. A Manaus da década de 1940, não esconde seus antagonismos. A cidade, diz Pesavento constrói "muralhas internas" que segundo ela são simbólicas (menos sólidas do que as antigas que eram feitas de pedra). Dentro desta cidade os comportamentos, imagens são estruturados a partir de um discurso discriminatório, o que reforma a ideia de que dentro

---

[183] O JORNAL, número 6.612 de sexta-feira, 07 de junho de 1946, ano XVI.
[184] O JORNAL, número 6.556 de sexta-feira, 29 de março de 1946, ano XVI.
[185] Os anos em que vivemos na escuridão. Edney Azancoth. Op. Cit. p. 89.

da cidade existe uma *"má cidade"*[186] quase encerrada. E é justamente esta cidade que procuramos descortinar, trazer à lume.

Os agentes públicos, administradores e policiais miravam o foco em sujeitos segundo a legislação do período, que não tivessem ofício laboral ou a comprovação que de alguma forma possuíam uma ocupação. Fica explícito em bibliografias recentes, que os ex-escravos, imigrantes europeus e sujeitos desprivilegiados social e culturalmente seriam os alvos principais deste choque de ordem. Com o devido cuidado em não cometer anacronismos, no período estudado, tais sujeitos também sofreram com estes ditames. Segundo Bretas:

> *A campanha contra mendigos e vagabundos fazia parte de tentativas mais abrangentes de impor a ordem na cidade. De diversas maneiras ela também afetou o jogo e a prostituição, além dos eventos sociais que atraíam grandes multidões, principalmente o carnaval.*[187]

Ainda na coluna *O Jornal Comenta* temos uma interrogação para um problema bastante comum entre a elite da cidade de Manaus deste período. Como acabar com a mendicidade?

> *A mendicidade, em Manaus, ainda se constitue um fato insofismável. Quem quer que permaneça por algum tempo na terrasse de um dos nossos bares, à porta de uma igreja, em uma esquina movimentada, em qualquer lugar outro que congregue grande numero de pessoas, até mesmo em recintos cobertos, há de se ver assediado, uma e duas e três vezes, pelos lamurientos pedintes, que ostentam a sua pobreza e imploram o nosso auxílio.*[188]

A presença dos mendigos, pedintes e "desajustados sociais" é uma constante no viver da cidade manauara. O incômodo desta elite fica visível através dos meios de comunicação escritos, esta situação não era tão diferente do encontrado nos primeiros anos do século XX:

> *Com relação à mendicidade, as preocupações e propostas expressas nos documentos ou na imprensa, refletem o medo da ameaça da presença dos mendigos circulando pela cidade; a presença desses infelizes destoava no espaço pelas grandes e luxuosas casas*

---

[186] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade: O mundo dos excluídos no final do século**. Companhia Editora Nacional. 2001.
[187] BRETAS, S, Marcos Luiz. **Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907 – 1930**. Editora, 1997. p. 72.
[188] O JORNAL, número 6.612 de sexta-feira, 07 de junho de 1946, ano XVI.

> *comerciais, ao mesmo tempo que contradiz a representação de uma cidade limpa, harmonia e cristã.*[189]

Manter a cidade limpa não significava apenas remover o entulho ou o lixo acumulado, mas também é retirar do olhar da classe social dominante os "infelizes". Os que não conseguiram viver dignamente por falta de fé, por preguiça e ou por não conseguirem vencer os próprios vícios e por isso sofrem as amarguras dos párias. Tais sujeitos causavam repulsa, indignação, incômodo e medo para as damas e crianças.

A repressão contra a vadiagem de crianças e adolescentes surge nas páginas de *O Jornal* e assim é descrito, que:

> *(...) jovens de ambos os sexos, se entregam a toda sorte de desvios morais. Nas cercanias do mercado, e dentro mesmo do estabelecimento menores; do sexo masculino, fumam, servem de intermediarios a indivíduos exploradores de terceiros, oferecendo, na rampa, objetos a preços escarchantes, praticam lutas corporais e soltam palavrões, sem o mínimo apreço a pessoas de merecedoras de máximo respeito.*[190]

Em certo momento, as práticas e estratégias de higienização do espaço urbano que colocadas em ação servem de laboratórios e são testados e "representados pelo quartel, navio, hospital e prisão, e não distinguem os odores sociais na multidão".[191]

Estes "pobres lamurientes" deveriam sair de cena das escadarias das igrejas, das esquinas movimentadas e do espaço do Teatro Amazonas.

---

[189] DIAS, Ednea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920**/ Manaus: Editora Valer, 1999, p. 153.
[190] O JORNAL, 11 de agosto de 1949, quinta-feira.
[191] RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. p. 172.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim do conflito armado mundial e a assinatura do armistício entre americanos e japoneses em 1945 foi gradativo e inevitável o enfraquecimento até a total extinção dos “Acordos de Washington”.

A vitória dos países aliados veio a recuperação e o domínio das áreas coloniais do Sudeste Asiático. E esta região prontamente retorna ao posto de grande produtora mundial do “leite da seringueira”.

A Rússia depois de adentrar as portas de Berlim na Alemanha também investe pesado na recuperação de sua indústria e a borracha sintética tem um papel imensurável para a reconstrução de sua economia.

Quanto ao caso brasileiro e especificamente a Amazônia tem um crescimento de excedentes do látex durante alguns anos. Consequentemente, não houve uma absorção da borracha por um mercado consumidor interno e o cerceamento de créditos para a produção nos seringais foi gradativamente retirados, sufocando ainda mais, uma economia que já apresentava fragilidade.

Os dirigentes norte-americanos fecharam definitivamente “as torneiras” de investimentos na Amazônia em 30 de julho de 1947 inaugurando mais um capítulo negro da história em terras amazonenses.

O Estado do Amazonas e a cidade de Manaus retornam ao estágio de esquecimento que já vivera no início do século XX. A borracha que novamente se vai e deixa para trás um rastro de estagnação e letargia econômica. Passando a sobreviver com a extração da castanha do Brasil, juta, madeiras, especiarias e outros produtos extrativistas oriundos da floresta.

Repetia assim, os mesmos erros primários do primeiro ciclo. Não levando em consideração o axioma que diz que a história serve para que não cometamos os mesmos erros.

O colapso econômico foi tão brutal que a economia do Estado só retornou a ter um verdadeiro fôlego com a implantação da Zona Franca de Manaus e o Polo industrial de Manaus no final da década de 1960. Trazendo consigo as invasões e os problemas característicos sofridos pela *Metrópole dos Manaós*. Mas este é outro capítulo da nossa história.

Recuperar as condições históricas de uma cidade imersa em uma estagnação econômica que se arrasta desde o início do século XX, mais especificamente da decadência da produção gomífera nos anos de 1920 e que transcorre até o término da II Guerra Mundial foi um dos nossos objetivos.

Escrever sobre a cidade de Manaus e a população menos privilegiada que habitavam os arrabaldes, os bairros periféricos durante a década de 1940, nos deu oportunidade de enfrentar uma historiografia tradicional, cristalizada e ultrapassada. Historiografia baseada em grandes homens e grandes fatos.

Os sujeitos que privilegiamos nesta pesquisa estavam diluídos pelas ruas da cidade, conversavam nas esquinas, trocavam experiências no Mercado Municipal e nas feiras, esbravejavam suas angústias nos bares e "biroscas". São indivíduos de verdade e a História que perseguimos é a História construída socialmente nos conflitos, nas contradições, feitas por homens e mulheres da cidade de Manaus.

Objetivamos escavar dos subterrâneos da História, uma gama de tensões, conflitos sociais, contrastes que tingiu de cores opacas a vida de homens e mulheres que testemunharam as transformações relacionadas a uma economia de exportação de goma elástica em pleno conflito bélico mundial e principalmente depois do seu cessar fogo solo europeu.

Descobrimos neste contexto, formas de resistência, táticas de sobrevivência destes pobres urbanos, obrigados a viver "separados", apartados, distantes das belas residências, dos espaços público ou privados de uma elite que teimava em manter a velha utopia da "Paris dos Trópicos".

No entanto, no próprio decorrer da escrita e da investigação histórica, as modificações e novas perspectivas foram surgindo como indagações e muitas respostas foram surgindo e não serão respondidas, mas fica o empenho e a certeza de um outro trabalho com maior fôlego.

E no momento de fechar esta dissertação, que procurou preencher mais uma lacuna da História da cidade de Manaus. Faço uso das palavras, do respeitável cientista amazonense Djalma Batista ao se referir ao ciclo da borracha. Estamos presente de um

verdadeiro “capítulo de grandeza e miséria”. É este capítulo da nossa História que lhes apresentamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Sidney Barata de. Encarcerando a Pobreza? : Marginalização, exclusão e resistência (Amazonas, 1940-1950). Resumos do Congresso de Iniciação Científica da UFAM, de 5 a 9 de agosto de 2002. SEJUS. Pp. 201/202. Manaus-AM: Editora Amazon Graph, 2002.

AGUIAR, José Vicente de Souza. Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60./ José Vicente de Souza Aguiar. - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

A visita do Presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas. Propaganda amazonense. Imprensa Pública, Manaus – 1940.

ALVES, Vágner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado / Vágner Camilo Alves. - Rio de Janeiro; Ed. PUC-Rio; São Paulo; Loyola, 2002.

ALVES, Hosenildo Gato. Imprensa e Poder: A propaganda Varguista na imprensa amazonense (1937-1945). Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, 2009. P. 50.

ARAÚJO, André Vidal de Araújo. Introdução à Sociologia da Amazônia. Organização por Tenório Telles e apresentação por Lucia Puga. 2º ed. Revista – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

BARROS, Orlando de. Sinopse das Relações externas Brasileiras. In. História das Relações Internacionais: teoria e processos / Organizadores, Mônica Leite Lessa, Williams da Silva Gonçalves. Rio de Janeiro: EdURJ, 2007

BENCHIMOL, Samuel. Romanceiro da Batalha da Borracha. Manaus: Imprensa Oficial, 1982.

BRETAS, Marcos Luiz. Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907 – 1930. 1997

CANCELLI, Elizabeth. O Mundo da Violência: a polícia da era Vargas. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1994.

COSTA, Francisca Deusa Sena. Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

COSTA, Francisco Pereira. A Amazônia vai virar mar e o mar vai virar sertão: A saga dos migrantes nordestinos na Segunda Guerra Mundial na visão de Carlos Mendonça. In Fronteiras do tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n° 2 – dezembro de 2011.

CORRÊA, Luiz de Miranda. A Borracha do Amazonas e a Segunda Guerra Mundial. Manaus. Edições Governo do Estado, 1965.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DEL Roio, José Luiz. O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo / José Luiz Del Roio. – São Paulo: Global, 1987. (Cadernos de educação política. Série trabalho e capital; v. 20).

DIAS, Edinea Mascarenhas. A Ilusão do Fausto - Manaus 1890-1920 / Editora Valer, 1999.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. De Getúlio a Getúlio: o Brasil de Dutra a Vargas, 1945 a 1954 / Francisco Fernando Monteoliva, José Dantas Filho. - São Paulo: atual, 1991- (História em documentos).

FERREIRA FILHO, Cosme (1952). “A Borracha na Economia Amazonense”. In: Porque perdemos a batalha da Borracha. Manaus: Edições Gov. do Amazonas, série Euclides da Cunha (3) /Ed. Sergio Cardoso (1965).

FERRO, Marc. História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX / Marc Ferro; tradução Rosa Freire d’Aguiar. - São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FILHO, Antonio Luiz Macêdo e Silva. Estilhaços de uma Guerra. In Mais Borracha para a Vitória/Adelaide Gonçalves, Pedro Eymar Barbosa Costa (organizadores). Fortaleza: MAUC / NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAWADA, Takuya. Histórico da Imigração japonesa no Estado do Amazonas. Edição comemorativa do Centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil – Japão, 1895 – 1995. Obra patrocinada pela Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM).

LOBATO, Monteiro, 1882-1948. Cidades mortas / Monteiro Lobato. – São Paulo: Globo, 2007.

MAGALHÃES, Soraia Pereira. O transporte urbano de Manaus: Fragmentos de sua evolução (1896 – 1980) In. OLIVEIRA, José Aldemir de (Org.) Espaços urbanos na Amazônia – Visões geográficas. / Org. José Aldemir de Oliveira. - Manaus: Editora Valer, 2011.

MARINHO, José Joaquim Marques. Manaus, meu sonho./ Organizador José Joaquim Marques Marinho. – Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus, ManausCult, 2010.

MATIAS, Francisco. Pioneiros: Ocupação humana e trajetória política de Rondônia. Francisco Matias. Gráfica e Editora Maia Ltda. Porto Velho, 1997.

MEDEIROS, Edilson Lucas de. A História da Evolução Sócio-política de Rondônia – 1ª ed. Rondoforms Editora e Gráfica Ltda. Porto Velho – RO, 2004.

MENDONÇA, Carlos. Gente do Nordeste no Amazonas. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002.

MENDONÇA, Carlos. Ângulos do problema Amazônico/Carlos Mendonça (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Estado e Sociedade: Consolidação da República Oligárquica, In História Geral do Brasil. Linhares, Maria Yeda (org). 9° ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MONTEIRO, Jorgemar. O Amazonas na 2° Guerra: as notícias e a participação do Norte do Brasil / Jorgemar Monteiro e Ênio Favacho. Bauru, SP: Canal6, 2011.

MORALES, Lúcia Arrais. Vai e vem, vira e volta. As rotas dos Soldados da Borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.

MOURA, Gerson. Autonomia na dependência: A política externa brasileira de 1935 a 1942. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeira, 1980.

NETO, José Maria Bezerra. A economia da borracha e o esforço de guerra: Os Soldados da Borracha na Amazônia, in. Pontos de História da Amazônia, volume II /

Armando Alves Filho, José Alves de Souza Júnior, José Maria Bezerra neto. – 2º edição ampliada, - Belém: Paka-Tatu, 2000.

NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. O Rádio no País das Amazonas. / Luiz Eugênio Negreiros Nogueira. Manaus: Editora Valer, 1999.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade federal do Amazonas, 2003.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. "Ocupação Humana". In: Salati, Eneas et alii. Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia. São Paulo: Brasiliense; Brasília: Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1983.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Vivências Urbanas: o cotidiano de trabalhadores na contramão dos processos de modernização em Manaus. In. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n° 2 – Dezembro de 2011.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920. In. Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, n. 1. (2007-). – Manaus: Edua, 2007.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). In: CANOA DO TEMPO: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, n. 1, (2007). – Manaus: EDUA, 2007.

PIVA, Luiz Guilherme. Ladrilhadores e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940) / Luiz Guilherme Piva. – São Paulo: Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2000.

ROSE, R.S. Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e o controle social no Brasil (1930-1954) / R. S. Rose; tradução Ana de Olga de Barros Barreto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. A imigração japonesa no Amazonas à luz da teoria das relações internacionais. Michele Eduarda Brasil de Sá. – Manaus: EDUA, 2010.

SALUN, Alfredo Oscar. "Zé Carioca" vai à guerra: histórias e memórias sobre a FEB / Alfredo Oscar Salun; prefácio de Antonio Tota. – São Paulo: Edições Pulsar, 2004.

SECRETO, Maria Verônica. A ocupação dos "espaços vazios" no governo Vargas: do "Discurso do rio Amazonas" à saga dos soldados da borracha. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007.

SOUZA, Márcio. A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1997.

SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64) / Thomas E. Skidmore; tradução Berilo Vargas. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas, Amazônia Brasileira (Rio de Janeiro, 1944).

WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos. 3ª edição. BH: Itatiaia, SP: EDUSP, 1988.

WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850 – 1920 / Barbara Weinstein; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. – (Estudos históricos; 20).

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro, Revan/Ed. UFRJ, 1994.

FONTES

A – PERIÓDICOS

O JORNAL (1945-1949)
JORNAL DO COMÉRCIO (1948)
DIÁRIO DA TARDE (1946)
A TARDE (1939-1949)

B – REVISTAS

AMAZÔNIDA. Manaus – maio de 1942, n° 63, ano VII.

SINTONIA. Mensário ilustrado de atualidades e propaganda nacional. Diretor Rigoberto Costa, n° 27, agosto de 1942, ano III.

SINTONIA. Mensário ilustrado de atualidades e propaganda nacional. Diretor Rigoberto Costa, n° 41, dezembro de 1943, ano V.

C – OUTRAS FONTES

CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO DEMANAUS DE 1938.

RELATÓRIO DA COMISSÃO ADMINISTRATIVO ENCAMINHAMENTO DE TRABALHADORES PARA A AMAZÔNIA. Dezembro de 1945.

DISCURSO DO RIO AMAZONAS. Pronunciado pelo Exmo. Sr. Dr. Getúlio Dornelas Vargas, digno Presidente da República, em 10 de outubro de 1940. Pará –

Belém. Oficinas gráficas do Instituto Lauro Nodre (Escola Profissional do Estado), 1943.

IDENTIDADE PARA EMBARQUE E COLOCAÇÃO. Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (Departamento Nacional de Imigração).

4.2 *"ADEPTOS DA COCAL"* E *"SIRIGAIAS NO CAFUÁ"*

João Teodoro, personagem criado pelas penas literárias do escritor Monteiro Lobato em um curto conto chamado *Um homem de consciência* que se encontra nas páginas do livro *Cidades Mortas,*[192] serviu como base para o advogado Salignac e Sousa em uma crônica que objetivava uma crítica aos administradores públicos da cidade de Manaus.

> *Um dia recordando o passado de seu berço natal e confrontando-o com a atualidade, chegara a conclusão de que Itaóca involuira em todos os pontos. Tudo mostrava um grande decesso: - nem mais um prédio fora edificado; os que a vila possuía, estavam enegrecidos pela invernada; as ruas desasseadas, com o matagal a cobrir os estreitos caminhos restantes; as autoridades nomeadas, nitidamente, pelo governo, descuravam os deveres e entregavam-se a uma ociosidade aviltante, a começar pelo prefeito, cujo zêlo administrativo figurava, tão só, nas páginas fantasistas dos massudos relatórios. Era uma lastima!*[193]

[192] A primeira publicação de *Cidades Mortas* foi em 1906. Monteiro Lobato reuniu vários contos ainda da sua juventude e republicou o volume no ano de 1919, pela Revista do Brasil, periódico que dirigiu. Nas suas primeiras edições encontramos o subtítulo *"Contos e impressões"*. O texto *Um homem de consciência* não tem indicação de data que fora escrito. Utilizamos a versão de LOBATO, Monteiro, 1882-1948. Cidades mortas / Monteiro Lobato. – São Paulo: Globo, 2007.

[193] João Teodoro!...Salignac e Sousa. A TARDE, terça-feira, 04 de abril 1939, n° 651, ano III.

João Teodoro ao ser nomeado para a posição de delegado de polícia na cidade de Itaóca, lugar fictício e decrépito, encravado no interior de São Paulo, criou grande repercussão e manifestação de apreço e contentamento por parte de seus conterrâneos. Agora João Teodoro teria o *"direito de prender, de dar surras, de fornecer licença para as festas de arrabalde, de nomear agentes, de mandar, como o prefeito, a guarda municipal"*. Mesmo com a confiança dos amigos, pairava sobre João Teodoro um sentimento de questionamentos e envolto em suas preocupações, pensava: *"Minha pobre Itaóca, a que ponto chegaste"*. E depois de muito refletir sobre a responsabilidade que poderia recair sobre os seus ombros, arrumou suas malas e montou em um burro e ao encontrar um conhecido no meio da estrada, sentenciou: *"Terra em que João Teodoro é Delegado de Policia, eu não móro"* e sumiu não deixando pistas sobre o seu paradeiro.

Para Salignac e Sousa utilizar a referência de honestidade e compreensão que João Teodoro teve em reconhecer a sua incapacidade de administrar com competência a delegacia de polícia deveria servir de exemplo. João Teodoro ao recusar sua nomeação e ainda, mudar de vilarejo era um ato engrandecedor. Mas do que isto, uma provocação. Salignac e Sousa ao concluir a crônica exclamam: *"Se por aí afora os João Teodoro se multiplicassem, quantos desertos e quantos cargos vago!"*

Quanto a questão relacionada à violência e criminalidade as notícias não eram tão boas. Como observamos em *O Jornal* de sexta-feira, 08 de fevereiro de 1946:

> *Tal como está acontecendo nas capitais européias, do pós-guerra, segundo anunciam as agencias telegráficas, parece que Manaus também vem sendo assolada por uma "onda de crimes", neste ano da graça de 1946. Não se passa um dia sem que nosso noticiário não registre um roubo, um assalto à mão armada um assassinato.*[194]

Volto a ressaltar a tentativa de problematização sobre o tema da violência, não levando em consideração e me afastando de análises e propostas reducionistas que levam a vinculação direta da violência com a pobreza. Para Alba Zaluar, *"embora as crises econômicas e sociais possam ser associadas ao aumento de certos tipos de crime, a equação não se explica pela relação direta e imediata entre a baixa renda e a criminalidade"*.[195]

---

[194] O JORNAL, 08 de fevereiro de 1946, sexta-feira, n° 6.515, ano XVI.
[195] ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro, Revan/Ed. UFRJ, 1994, p. 59.

Associadas a estes estereótipos, estas pessoas estavam sempre sob o olhar atento das autoridades, em especial, dos sanitaristas e das autoridades policiais.

Ainda no rastro deixado pelas páginas dos jornais locais também encontramos o que Lená Medeiros denomina de *"habitués dos cárceres"*. Indivíduos que marginalizados no mercado de trabalho tornaram práticas delituosas habituais no cotidiano manauara. Estes *"ladrões", "vagabundos" e "mendigos",* considerados verdadeiros párias em uma sociedade baseada em preceitos capitalistas, que não aceita a ameaça de desequilíbrio da ordem e das leis vigentes.

Os mesmos segmentos da população cuja humanidade era colocada em suspeição foram sistematicamente desqualificados pelos discursos dos jornais e nos discursos formados pelas autoridades como *"marginais", "desordeiros", "vagabundos"* ou *"classes perigosas"*.

Segundo Ednea Mascarenhas, o policiamento quando é solicitado tem o objetivo de:

> *(...) evitar perturbação de ordem pública que se manifesta através dos mais diferentes "crimes" e delitos, como embriaguez, vadiagem, gatunagem, ofensa à moral, prostituição etc; justifica-se pela necessidade de proteção do trabalho.*

Pequenas notas que eram publicadas na coluna chamada *Polícia & Ruas* de *O Jornal* que relatava os últimos fatos relacionados à vida e a rotina dos *"xadrezes"* manauenses. As notas seguiam uma estrutura bem simples, para serem lidas com rapidez, temos algumas informações básicas como nome, naturalidade, idade, profissão, residência e o crime ou delito cometido. O tom irônico sempre está presente, principalmente quando a transgressão envolve bebidas alcóolicas.

Segundos os registros jornalísticos, verificamos que o *"combustível"* potencializador das entradas nas grades das delegacias era sem dúvida, a bebida destilada, principalmente a cachaça.

Observem alguns exemplos como este abaixo recolhido do *Nos bastidores da polícia* e que vinha intitulado como *Frévo no Cabaret*:

> *Sendo sbbado o dia mais propicio para uma farra, é também o dia que mais trabalho tem a policia com os desordeiros. E foi por um motivo quase fútil, que cinco merectrizes empenharam-se em lucta corporal, tendo uma dellas sahido com a cabeça quebrada. As danças continuavam, os sambas abriam appetite para um copo de cerveja, e reinava a maior calmaria, quando em dado momento Benedicta*

> *Nunes dos Santos, Maria de Lourdes, Herothildes Silva, Belmira Ribeiro e Maria de Souza, empenharam-se em lucta, tirando assim toda alegria daquelle ambiente, que, de calmo passou a barulhento. Chegando a policia, esta levou com todas as honras, as cinco desordeiras, tranquificando-as no xelindró.*[196]

Viver em zonas como a Cachoeirinha, Educandos, São Raimundo não era fácil, pois registravam um alto índice de doenças contagiosas como a lepra, o paludismo, tuberculose e vícios sexuais como a pederastia e a "*moléstia social"* que era a prostituição.[197]

Os jovens eram as maiores vítimas das relações de exploração, em publicação temos que:

> *Nas cercanias do mercado, e dentro mesmo do estabelecimento menores; do sexo masculino, fumam, servem de intermediários a indivíduos exploradores de terceiros, oferecendo, na rampa, objetos a preços escarchantes, praticam lutas corporais e soltam palavras, sem o mínimo apreço a pessoas merecedoras de máximo respeito.*[198]

A principal alegação dos jornais ao fato dos *"embriagados"* é a balbúrdia do sossego e da ordem pública, como também corrobora e demonstra o exemplo abaixo:

> *Francisco Alves de Araujo, Jorge Moraes e Raymundo dos Santos, os três juntos, quizeram imitar as meretrizis que acabavam de serem presas, meio embriagados procuraram virar ao avesso a cabeça de um colega, mais a policia, vendo intenção de cada um, deu a "canna", levando para o xadrez os três inimigo do soccego publico . Vemos dois casos de embriaguez que levaram a "lucta corporal" com o saldo de feridos noticiados no mesmo periódico.*[199]

É considerável o número de notas sobre aqueles que vão presos pelo excessivo uso de bebidas destiladas, principalmente da *Cocal,* cachaça muito apreciada neste momento. Essas detenções, corriqueiramente, assim como relata Neder, "*não tem sequência na instituição judiciária por durarem, em sua maioria, dois ou três dias, sem que seja aberto inquérito e o suspeito culpado"*. Mesmo assim, para as autoridades o uso excessivo da *"branquinha"* está sempre relacionado com o aumento dos índices de

---

[196] A TARDE, 03 de julho de 1939, segunda, n° 726, ano III.
[197] ARAÚJO, André Vidal de Araújo. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. Organização por Tenório Telles e apresentação por Lucia Puga. 2º ed. Revista – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.
[198] O JORNAL, 11 de agosto de 1949, quarta-feira.
[199] A TARDE, 03 de julho de 1939, segunda, n° 726, ano III.

criminalidade. Os momentos de pura descontração inviavelmente ocasionavam situações que os levavam às portas da Chefatura de Polícia. Vejam:

> *DUPLA DE PAUS D'AGUA. Alexandre Simões, português e João Martins Pinto, nacional, formam a dupla que está recolhida ao xadrês, por embriaguês .*[200]

E ainda:

> *CARREGADO DE CACHAÇA. Foi preso, ontem, e recolhido ao xadrez do meio da Chefatura de Polícia o conhecido páu dagua Raimundo Barbosa Lima, bahiano, solteiro, carregador, residente a avenida 7 de Setembro, s.n.*[201]

Perceba que apenas nestas duas notas encontramos três *"recolhidos ao xadrez"* um é designado como nacional, o segundo é filho de Portugal e o terceiro nasceu no Estado da Bahia. O raciocínio aqui é mostrar que a cidade de Manaus abraçava um número elevado de imigrantes.

Em um artigo intitulado *Lamentável*, escrito por M.J. Antunes em *O Jornal* de 09 de janeiro de 1946, o articulista deixa claro sua preocupação com o acontecimento de diversos crimes e principalmente, na possível impunidade de seus autores:

> *Foram deveras, lamentáveis os dias da semana que se passou. Vários crimes foram cometidos e alguns ainda permanecem no mais sombrio dos mistérios. E acostumados como estamos assim permanecerem todos os que sob este aspecto se apresentam, quando aqui praticados, terão o mesmo resultado, o mesmo fim: A impunidade dos criminosos. (...) A imprensa reclama. O rádio protesta. (...) Até quando, Manaus cidade risonha será o "paraíso dos criminosos"?*[202]

Com o final da Conflagração Mundial, Manaus e Belém sofrem um processo de favelização oriunda da explosão urbana provocada pela *"batalha da borracha"*.

Costa em trabalho de dissertação de Mestrado demonstra os tipos de resistência às regulamentações de hábitos, usos e costumes instituídos pelo poder público constituído no primeiro ciclo da borracha. A autora fez emergir as várias formas de combate dos trabalhadores da cidade contra uma miríade de maneiras de segregação social, através da imprensa operária destes proletários urbanos e nos jornais manauaras.

---

[200] O JORNAL, 11 de junho de 1946, terça-feira, n°6.615, ano XVI.
[201] O JORNAL, 11 de junho de 1946, terça-feira, n°6.615, ano XVI.
[202] O JORNAL, 09 de janeiro de 1946, quarta-feira, n° 6.489, ano XVI.

Nesta cidade de Manaus que vivem um processo de modernização é o mesmo espaço local onde:

> *(...) forjam-se novos sujeitos, os trabalhadores urbanos, distribuídos por um mercado extremamente concorrido. Sobreviver na cidade, trabalhando, habitando ou divertindo-se. Significa vivenciar experiências de dominação e resistências num aprendizado contínuo que, a partir de reflexões Thompsonianas, gera tradições que vão se definindo enquanto imposição de limites, combate a exploração e aos projetos de disciplinamento, no dinâmico e permanente da luta de classes.*

Costa alerta para a tentativa dos *"administradores da cidade efetuarem leituras com o objetivo de disciplinar a multidão, fazendo a cidade, nas palavras de Maria Stella Bresciani, o lugar da produção de homens saudáveis, moralizados e trabalhadores"*. Mas tais homens públicos não levaram em conta os obstáculos de adaptação e os desequilíbrios sociais em uma cidade considerada a *"Paris das Selvas"*, símbolo da modernidade e do progresso. Processo muito próximo da realidade vivida na década de quarenta do século XX, resguardando suas especificidades históricas.

O trabalho cansativo e desgastante da vida rural e a desumanização de relações sociais e econômicas provocavam a facilidade de entrada nas celas da Penitenciária do Estado do Amazonas.[203]

> *A jogatina sempre foi vista como transgressão às regras e a moralidade vigente e por isso alvo da repressão policial. O termo viciado é utilizado com bastante ênfase. A adversidade dos jogos, em todo o mundo, é verdadeiramente espantosa. O publico que já se habituou a ser enganado, acha na ilusão do lucro, nessa que têm todos os jogadores, uma atrativo especial. Onde quer que se monte uma banca, logo se observa um exame de pessoas, desejosas todas de, com suas fichas, conseguir o triplo. Nesta cidade, onde se joga sem receio, os interessados nos proventos reais não escolhem logares para explorar os incautos. E, talvez por isso mesmo, tenham montado suas bancas.- Vejam que sem cerimonia! -, nas calçadas da rua Miranda Leão, chegando, pela afluência, a impossibilitar o transito, prejudicando a entrada de fregueses nas casas comerciais daquele trecho.*[204]

---

[203] AGUIAR, Sidney Barata de. **Encarcerando a pobreza? : Marginalização, exclusão e resistência (Amazonas, 1940-1950)**. Relatório final entregue para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas em julho de 2002. Este trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro.

[204] A TARDE, 16 de fevereiro de 1942, segunda-feira, n° 1.522, ano V.

A desconstrução de um mundo idealizado alicerçado, representado por um corpo social ordenado, harmônico por que mantêm as visões idílicas de um passado próximo sem conflitos e que por outro lado, rejeita a participação de uma gama de sujeitos sociais que são obrigados a viver na margem, sofrendo pressões cotidianas de dominação e controle.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, André Vidal de Araújo. Introdução à Sociologia da Amazônia. Organização por Tenório Telles e apresentação por Lucia Puga. 2º ed. Revista – Manaus : Editora Valer / Governo do Estado / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

BENCHIMOL, Samuel. Romanceiro da Batalha da Borracha. Manaus: Imprensa Oficial, 1982.

BRESClANI, Stella (org.). Imagens da Cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1993.

BRETAS, Marcos Luiz, Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro : 1907 – 1930. 1997

COSTA, Francisca Deusa Sena. Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

CORREA, Luiz de Miranda. A Borracha do Amazonas e a Segunda Guerra Mundial. Manaus. Edições Governo do Estado, 1965.

CASTRO, Aristófanes. Um Punhado de Vidas- Romance de um "soldado da borracha"- Manaus: Editora Valer / OAB- Amazonas: Caixa de Assistência dos Advogados, 2001.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na Belle Époque. – 2º edição. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2001.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DIAS, Edinea Mascarenhas. A Ilusão do Fausto - Manaus 1890-1920 / Editora Valer, 1999.

FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924). 2° edição; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

FERREIRA FILHO, Cosme (1952). "A Borracha na Economia Amazonense". In: Porque perdemos a batalha da Borracha. Manaus: Edições Gov. do Amazonas, série Euclides da Cunha (3)/Ed. Sergio Cardoso (1965).

FILHO, Antonio Luiz Macêdo e Siva. Estilhaços de uma Guerra. In Mais Borracha para a Vitória/Adelaide Gonçalves, Pedro Eymar Barbosa Costa (organizadores). Fortaleza : MAUC / NUDOC; Brasília : Ideal Gráfica, 2008.

MENDONÇA, Carlos. Gente do Nordeste no Amazonas. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002.

MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil; a penetração cultural americana. Editora brasiliense, 8° edição. São Paulo, SP.

NEDER, Gizlene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1997.

SILVA, José Lopes da. Amazonas – do extrativismo à industrialização. / José Lopes da Silva. – Manaus: Editora Valer, 2011.
NETO, José Maria Bezerra. A economia da borracha e o esforço de guerra: Os Soldados da Borracha na Amazônia, in. Pontos de História da Amazônia, volume II / Armando Alves Filho, José Alves de Souza Júnior, José Maria Bezerra neto. – 2º edição ampliada, - Belém: Paka-Tatu, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Visões do Cárcere. Porto Alegre, RS : Zouk, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Outra Cidade: O mundo dos excluídos no final do século. Companhia Editora Nacional.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899 - 1925). Manaus: EDUA, 1999.

_____. Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920. In. Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, n. 1. (2007-). – Manaus: Edua, 2007.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. O Livro dos Mortos: a Cabanagem através das fontes carcerárias. In. Revista Amazonense de História da Universidade federal do Amazonas, v. 1, n. 1, (2002-). – Manaus, 2002.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). In: CANOA DO TEMPO: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, n. 1, (2007). – Manaus: EDUA, 2007.

RAGO, Margareth. Do Cabaré ao lar: A Utopia da Cidade Disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SECRETO, Maria Verônica. A ocupação dos "espaços vazios"no governo Vargas: do "Discurso do rio Amazonas" à saga dos soldados da borracha in Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007.

VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas, Amazônia Brasileira (Rio de Janeiro, 1944).

WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos. 3ª edição. BH: Itatiaia, SP: EDUSP, 1988.

WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850 – 1920 / Barbara Weinstein; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. – (Estudos históricos; 20).